

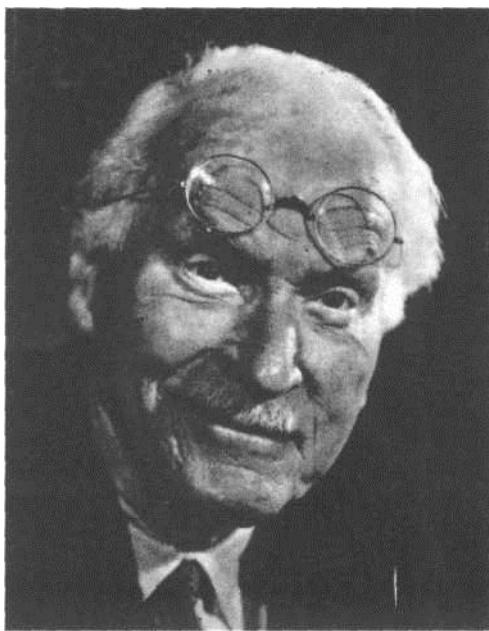
A Editora Nova Fronteira apresenta ao público brasileiro uma das obras fundamentais da psicanálise. Um dos livros de maior influência no progresso das ciências da psicologia analítica, nos seus revolucionários métodos atuais. O primeiro e único trabalho em que *Carl G. Jung*, o famoso psicólogo e filósofo suíço, explica ao leigo aquilo que constitui a sua maior contribuição ao conhecimento da mente humana: a sua teoria a respeito da importância do simbolismo. Sobretudo, o simbolismo dos sonhos.

# O Homem e seus Símbolos Carl G. Jung

Não fora um sonho e este livro não teria sido escrito. Este sonho — descrito na Introdução — convenceu Jung de que ele poderia e, na verdade, deveria, expor suas idéias aos que não têm qualquer noção de psicologia. Aos 83 anos, Jung concebeu este livro, inclusive as seções que entregou aos cuidados dos seus quatro mais próximos discípulos. Dedicou os últimos meses da vida a editar esta obra e a redigir o capítulo chave, por ele assinado. E terminou apenas dez dias antes de morrer.

Em *O Homem e seus Símbolos* Jung acentua que o homem só se realiza através do conhecimento e aceitação do seu inconsciente — conhecimento que ele adquire por intermédio dos sonhos e seus símbolos. Cada sonho é uma mensagem direta, pessoal e significativa enviada ao sonhador. Uma comunicação que utiliza símbolos comuns a toda a humanidade, mas sempre de maneira individual. E que só alcança interpretação através de um "código" inteiramente particular.

Mais de 500 ilustrações complementam o texto e fornecem um "comentário visual" ao pensamento de Jung, a quem se deve os estudos criadores sobre o "inconsciente coletivo". Mostram a natureza e a função dos sonhos; exploram o sentido simbólico da arte moderna e revelam a significação psicológica das experiências comuns da nossa vida cotidiana. Como escreveu o autor: "... [O homem contemporâneo] não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e toda a sua eficiência,



continua possuído por 'forças' além do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm apenas novos nomes. E conservam-no em contato íntimo com a inquietude, apreensões vagas, complicações psicológicas, uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses."

Finalmente, em língua portuguesa, esta obra fundamental do nosso tempo.

*Capa: Mandala Tibetana  
(Foto de L. Courteville-Top)*

# **O Homem e seus Símbolos**

## **Carl G.Jung**

eM.-L. von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi, Aniela Jaffé

Tradução de Maria Lúcia Pinho

5<sup>a</sup> EDIÇÃO



EDITORAS NOVA FRONTEIRA

**Editor:** Cari G. Jung  
e, após sua morte, M. - L. von Franz

**Coordenador Editorial:** John Freeman

**Editores da Aldus**

**Texto:** Douglas Hill

Desenho: Michael Kitson

Pesquisa: Margery MacLaren

**Auxiliares:** Marian Morris, Gilbert Doe, Michael Lloyd

**Conselheiros:** Donald Berwick, Norman MacKenzie

Revisão: Nildon Ferreira

Produção Gráfica: Celso Nascimento

Título original em inglês:  
THE MAN AND HIS SYMBOLS

© 1964 Aldus Books Limited, Londres exceto o capítulo 2,  
intitulado "Os Mitos Antigos e o Homem Moderno", de Dr.  
Joseph L. Henderson. Os direitos deste capítulo são  
expressamente negados à publicação nos Estados Unidos.

© para a língua portuguesa da Editora Nova Fronteira S.A.  
Rua Maria Angélica, 168 - Lagoa - CEP.: 22.461 - Tel.: 286-7822  
Endereço telegráfico: NEOFRONT  
Rio de Janeiro — RJ

Impressão e Acabamento:  
IMPRES - S.P.



## Introdução: John Freeman

As origens deste livro, dada sua singularidade, são por si só interessantes, mesmo porque apresentam uma relação íntima entre o seu conteúdo e aquilo a que ele se propõe. Por isto, conto-lhe como veio a ser escrito.

Num dia da primavera de 1959, a BBC (British Broadcasting Corporation) convidou-me a entrevistar o Dr. Carl Gustav Jung para a televisão inglesa. A entrevista deveria ser feita "em profundidade". Naquela época, eu pouco sabia a respeito de Jung e de sua obra, e fui então conhecê-lo em sua bonita casa, à beira de um lago, perto de Zurique. Iniciou-se assim uma amizade que teve enorme importância para mim e que, espero, tenha trazido uma certa alegria a Jung nos seus últimos anos de vida. A entrevista para a televisão já não cabe nesta história a não ser para mencionar que alcançou sucesso e que este livro é, por estranha combinação de circunstâncias, resultado daquele sucesso.

Uma das pessoas que assistiu à entrevista da TV foi Wolfgang Foges, diretor-gerente da Aldus Books. Desde a infância, quando fora vizinho dos Freuds, em Viena, Foges estivera profundamente interessado na psicologia moderna. E enquanto observava Jung falando sobre sua vida, sua obra e suas idéias, pôs-se a lamentar que, enquanto as linhas gerais do trabalho de Freud eram bem conhecidas dos leitores cultos de todo o mundo ocidental, Jung não conseguira nunca chegar ao público comum e sua leitura sempre fora considerada extremamente difícil.

Na verdade, Foges é o criador de *O Homem e seus Símbolos*. Tendo captado pela TV o afetuoso relacionamento que me ligava a Jung, perguntou-me se não me uniria a ele para, juntos, tentarmos persuadir Jung a colocar algumas das suas idéias básicas em linguagem e dimensão acessíveis ao leitor não especializado no assunto. Entusiasmei-me com o projeto e, mais uma vez, dirigi-me a Zurique decidido a convencer Jung do valor e da importância de tal trabalho. Jung, no seu jardim, ouviu-me quase sem interrupção durante duas horas — e respondeu não. Disse-o de maneira muito gentil, mas com grande firmeza; nunca tentara, no passado, popularizar a sua obra, e não tinha certeza de poder, agora, fazê-lo com sucesso; e, de qualquer modo, estava velho, cansado e sem ânimo para empreender tarefa tão vasta e que tantas dúvidas lhe inspirava.

Os amigos de Jung hão de concordar comigo que ele era um homem de decisões positivas. Pesava cada problema com cuidado e sem pressa, mas quando anuncjava uma resposta, esta era habitualmente definitiva. Voltei a Londres

bastante desapontado e convencido de que a recusa de Jung encerrava a questão. E assim teria acontecido, não fora a interferência de dois fatores que eu não havia previsto.

Um deles foi a pertinácia de Foges, que insistiu em mais um encontro com Jung antes de aceitar a derrota; o outro foi um acontecimento que ainda hoje me espanta.

O programa da televisão, como disse, alcançou muito sucesso. Trouxe a Jung uma infinidade de cartas de todo tipo de gente, pessoas comuns, sem qualquer experiência médica ou psicológica, que ficaram fascinadas pela presença dominadora, pelo humor e encanto desprestensioso, daquele grande homem; pessoas que perceberam na sua visão da vida e do ser humano alguma coisa que lhes poderia ser útil. E Jung ficou feliz, não só pelo grande número de cartas (sua correspondência era imensa àquela época) mas também por terem sido mandadas por gente com quem normalmente não teria tido contato algum.

Foi nesta ocasião que teve um sonho da maior importância para ele. (E, à medida que você for lendo este livro, compreenderá o quanto isto pode ser importante.) Sonhou que, em lugar de sentar-se no seu escritório para falar a ilustres médicos e psiquiatras do mundo inteiro que costumavam procurá-lo, estava de pé num local público dirigindo-se a uma multidão de pessoas que o ouviam com extasiada atenção e que *comprendiam o que ele dizia...*

Quando, uma ou duas semanas mais tarde, Foges renovou o pedido para que Jung se dedicasse a um novo livro destinado não ao ensino clínico ou filosófico, mas àquele tipo de gente que vai ao mercado, à feira, enfim, ao homem comum, Jung deixou-se convencer. Impôs duas condições. Primeiro, que o livro não fosse uma obra individual, mas sim coletiva, realizada em colaboração com um grupo dos seus mais íntimos seguidores através dos quais tentava perpetuar seus métodos e ensinamentos; segundo, que me fosse destinada a tarefa de coordenar a obra e solucionar quaisquer problemas que surgissem entre os autores e os editores.

Para não parecer que esta introdução ultrapassa os limites da mais razoável modéstia, deixem-me logo confessar que esta segunda condição me gratificou — mas moderadamente. Pois logo tomei conhecimento de que o motivo de Jung me haver escolhido fora, essencialmente, por considerar-me alguém de inteligência regular, e não excepcional, e também alguém sem o menor conhecimento sério de psicologia. Assim, para Jung, eu seria o "leitor de nível

médio" deste livro; o que eu pudesse entender haveria de ser inteligível para todos os interessados; aquilo em que eu vacilasse possivelmente pareceria difícil ou obscuro para alguns.

Não muito envaidecido com esta estimativa da minha função insisti, no entanto, escrupulosamente (algumas vezes receio até a exasperação dos autores), que cada parágrafo fosse escrito e, se necessário, reescrito com uma tal clareza e objetividade que posso afirmar com certeza que este livro, no seu todo, é realmente destinado e dedicado ao leitor comum e que os complexos assuntos de que trata foram cuidados com rara e estimulante simplicidade.

Depois de muita discussão concordou-se que o tema geral deste livro seria o homem e seus símbolos. E o próprio Jung escolheu como seus colaboradores a Drª Marie Louise von Franz, de Zurique, talvez sua mais íntima confidente e amiga; o Dr. Joseph L. Henderson, de São Francisco, um dos mais eminentes e creditados jungianos dos Estados Unidos; a Srª Aniela Jaffé, de Zurique, que além de ser uma experiente analista, foi secretária particular de Jung e sua biógrafa; e o Dr. Jolande Jacobi, que é, depois de Jung, o autor de maior número de publicações do círculo jungiano de Zurique. Estas quatro pessoas foram escolhidas em parte devido ao seu conhecimento e prática nos assuntos específicos que lhes foram destinados e em parte porque Jung confiava totalmente no seu trabalho escrupuloso e altruista, sob a sua direção, como membros de um grupo. Coube a Jung a responsabilidade de planejar a estrutura total do livro, supervisionar e dirigir o trabalho de seus colaboradores e escrever, ele próprio, o capítulo fundamental: "Chegando ao Inconsciente".

O seu último ano de vida foi praticamente dedicado a este livro; quando faleceu, em junho de 1961, a sua parte estava pronta (terminou-a apenas dez dias antes de adoecer definitivamente) e já aprovara o esboço de todos os capítulos dos seus colegas. Depois de sua morte, a Drª von Franz assumiu a responsabilidade de concluir o livro, de acordo com as expressas instruções de Jung. A substância de *O Homem e seus Símbolos* e o seu plano geral foram, portanto, traçados — e detalhadamente — por Jung. O capítulo que traz o seu nome é obra sua e (fora alguns extensos comentários que facilitarão a compreensão do leitor comum) de mais ninguém. Foi, incidentalmente, escrito em inglês. Os capítulos restantes foram redigidos pelos vários autores, sob a direção e supervisão de Jung. A revisão final da obra completa, depois da morte de

Jung, foi feita pela Dr<sup>a</sup> von Franz, com tal dose de paciência, compreensão e bom humor que nos deixou, a mim e aos editores, em inestimável débito.

Finalmente, quanto à essência do livro.

O pensamento de Jung coloriu o mundo da psicologia moderna muito mais intensamente do que percebem aqueles que possuem apenas conhecimentos superficiais da matéria. Termos como, por exemplo, "extrovertido", "introvertido" e "arquétipo" são todos conceitos seus que outros tomam de empréstimo e muitas vezes empregam mal. Mas a sua mais notável contribuição ao conhecimento psicológico é o conceito de inconsciente — não (à maneira de Freud) como uma espécie de "quarto de despejos" dos desejos reprimidos, mas como um mundo que é parte tão vital e real da vida de um indivíduo quanto o é o mundo consciente e "meditador" do ego. E infinitivamente mais amplo e mais rico. A linguagem e as "pessoas" do inconsciente são os símbolos, e os meios de comunicação com este mundo são os sonhos.

Assim, um estudo do homem e dos seus símbolos é, efetivamente, um estudo da relação do homem com o seu inconsciente. E desde que, segundo Jung, o inconsciente é o grande guia, o amigo e conselheiro do consciente, este livro está diretamente relacionado com o estudo do ser humano e de seus problemas espirituais. Conhecemos o inconsciente e com ele nos comunicamos (um serviço bidirecional), sobretudo através dos sonhos; e do começo ao fim deste livro (principalmente no capítulo de autoria de Jung) fica patente quanta importância é dada ao papel do sonho na vida do indivíduo.

Seria impertinente da minha parte tentar interpretar a obra de Jung para os leitores, muitos deles decerto bem melhor qualificados para comprehendê-la do que eu. A minha tarefa, lembremo-nos, foi simplesmente servir como uma espécie de "filtro de inteligibilidade", e nunca como intérprete. No entanto, atrevo-me a expor dois pontos gerais que, como leigo, parecem-me importantes e que possivelmente poderão ajudar a outros, também não especialistas na matéria. O primeiro destes pontos diz respeito aos sonhos. Para os jungianos o sonho não é uma espécie de criptograma padronizado que pode ser decifrado através de um glossário para a tradução de símbolos. É, sim, uma expressão integral, importante e pessoal de inconsciente particular de cada um e tão "real" quanto qualquer outro fenômeno vinculado ao indivíduo. O inconsciente in-

dividual de quem sonha está em comunicação apenas com o sonhador e seleciona símbolos para seu propósito, com um sentido que lhe diz respeito e a ninguém mais. Assim, a interpretação dos sonhos, por um analista ou pela própria pessoa que sonha, é para o psicólogo jungiano uma tarefa inteiramente pessoal e particular (e algumas vezes, também, uma tarefa longa e experimental) que não pode, em hipótese alguma, ser executada empiricamente.

Isto significa que as comunicações do inconsciente são da maior importância para quem sonha — o que é lógico desde que o inconsciente é pelo menos a metade do ser total — e oferece-lhe, quase sempre, conselhos ou orientações que não poderiam ser obtidos de qualquer outra fonte. Assim, quando descrevi o sonho de Jung dirigindo-se a uma multidão, não estava relatando um passe de mágica ou sugerindo que Jung fosse algum quiromante amador, e sim como, em simples termos de uma experiência cotidiana, Jung foi "aconselhado" pelo seu próprio inconsciente a reconsiderar um julgamento inadequado feito pela parte consciente de sua mente.

Resulta disto tudo que sonhar não é assunto que o jungiano considere simples casualidade. Ao contrário, a capacidade de estabelecer comunicação com o inconsciente faz parte das faculdades do homem e os jungianos "ensinam-se" a si próprios (não encontro melhor termo) a tornarem-se receptivos aos sonhos. Quando, portanto, o próprio Jung teve que enfrentar a decisão crítica de escrever ou não este livro, foi capaz de buscar recursos no consciente e no inconsciente para tomar uma deliberação. E, através de toda esta obra, você vai encontrar o sonho tratado como um meio de comunicação direto, pessoal e significativo com aquele que sonha — um meio de comunicação que usa símbolos comuns a toda a humanidade, mas que os emprega sempre de modo inteiramente individual, exigindo para a sua interpretação uma "chave", também inteiramente pessoal.

O segundo ponto que desejo assinalar é a respeito de uma particularidade de argumentação comum a todos os que escreveram este livro — talvez a todos os jungianos. Aqueles que se limitam a viver inteiramente no mundo da consciência e que rejeitam a comunicação com o inconsciente atam-se a leis formais e conscientes de vida. Com a lógica infalível (mas muitas vezes sem sentido) de uma equação algébrica, deduzem das premissas que adotam conclusões incontestavelmente inferidas. Jung e seus colegas parecem-me (saibam eles ou não

disto) rejeitar as limitações deste método de argumentação. Não é que desprezem a lógica, mas evidenciam estar sempre argumentando tanto com o inconsciente quanto com o consciente. O seu próprio método dialético é simbólico e muitas vezes sinuoso. Convencem não por meio do foco de luz direto do silogismo, mas contornando, repisando, apresentando uma visão repetida do mesmo assunto cada vez de um ângulo ligeiramente diferente — até que, de repente, o leitor, que não se dera conta de uma única prova convincente, descobre que, sem perceber, recebeu e aceitou alguma verdade maior.

Os argumentos de Jung (e os de seus colegas) sobem em espiral por sobre um assunto como um pássaro que voeja em torno de uma árvore. No início tudo o que vê, perto do chão, é uma confusão de galhos e folhas. Gradualmente à medida que voa mais alto, os diversos aspectos da árvore repetindo-se formam um todo que se integra no ambiente em torno. Alguns leitores podem achar este método de argumentação "em espiral" um tanto obscuro e até mesmo desordenado durante algumas páginas — mas penso que não por muito tempo. É um processo característico de Jung e logo o leitor vai descobrir que está sendo transportado numa viagem persuasiva e profundamente fascinante.

Os diferentes capítulos deste livro falam por si mesmos e não pedem maior explicação. O capítulo do próprio Jung apresenta o leitor ao inconsciente, aos arquétipos e símbolos que constituem a sua linguagem e aos sonhos através dos quais ele se comunica.

O Dr. Henderson ilustra, no capítulo seguinte, o aparecimento de vários arquétipos da antiga mitologia, das lendas folclóricas e dos rituais primitivos. A Dr<sup>a</sup> von Franz, no capítulo intitulado "O processo da individuação", descreve o processo pelo qual o consciente e o inconsciente do indivíduo aprendem a conhecer, respeitar e acomodar-se um ao outro. Num certo sentido, este capítulo encerra não apenas o ponto crucial de todo o livro, mas talvez, a essência da filosofia de vida de Jung: o homem só se torna um ser integrado, tranquilo, fértil e feliz quando (e só então) o seu processo de individuação está realizado, quando consciente e inconsciente aprenderem a conviver em paz e completando-se um ao outro. A Sr<sup>a</sup> Jaffé, tal como o Dr. Henderson, preocupa-se em demonstrar, na estrutura familiar do consciente, o constante interesse do homem — quase uma obsessão — pelos símbolos do inconsciente. Estes símbolos exercem no ser humano uma atração íntima profundamente significativa e quase

alentadora — tanto nas lendas e nos contos de fadas — que o Dr. Henderson analisa, quanto nas artes visuais que, como mostra a Sr<sup>a</sup> Jaffé, nos recreiam e deliciam num apelo constante ao inconsciente.

Por fim, devo dizer algumas breves palavras acerca do capítulo do Dr. Jacobi, de certa forma um capítulo à parte neste livro. É, na verdade, a história resumida de um interessante e bem-sucedido caso de análise. É evidente o valor de tal capítulo em um trabalho como este. Mas duas palavras de advertência fazem-se necessárias. Em primeiro lugar, como a Dr<sup>a</sup> von Franz ressalta, não existe exatamente uma análise jungiana típica, já que cada sonho é uma comunicação particular e individual, e dois sonhos nunca usam da mesma maneira os símbolos do inconsciente. Portanto, toda análise jungiana é um caso único e seria ilusório considerarmos esta, retirada do fichário do Dr. Jacobi (ou qualquer outra), como "representativa" ou "típica". Tudo o que se pode dizer sobre o caso de Henry e de seus sonhos por vezes sinistros é que são um bom exemplo da aplicação do método jungiano a um determinado caso. Em segundo lugar, quero observar que a história completa de uma análise, mesmo de um caso relativamente simples, ocuparia todo um livro para ser relatada. Inevitavelmente a história da análise de Henry prejudica-se um pouco com o resumo feito. As referências, por exemplo, ao I Ching não estão bastante claras e emprestam-lhe um sabor de ocultismo pouco verdadeiro, por terem sido apresentadas fora do seu contexto global. Conclui-se, no entanto — e estou certo de que o leitor também há de concordar —, que, apesar destas observações, a clareza, sem falar no interesse humano, da análise de Henry muito enriquece este livro.

Comecei contando como Jung veio a escrever *O Homem e seus Símbolos*. Termino lembrando ao leitor quão extraordinária — talvez única — é a publicação desta obra. Carl Gustav Jung foi um dos maiores médicos de todos os tempos e um dos grandes pensadores deste século. Seu objetivo sempre foi o de ajudar homens e mulheres a melhor se conhecerem para que através deste conhecimento e de um refletido autocomportamento pudessem usufruir vidas plenas, ricas e felizes. No fim de sua própria vida, que foi tão plena, rica e feliz como poucas conheci, ele decidiu empregar as forças que lhe restavam para endereçar a sua mensagem a um público maior do que aquele que até então alcançara. Terminou esta tarefa e a sua vida no mesmo mês. Este livro é o seu legado ao grande público leitor.

## Sumário

1	Chegando ao inconsciente <i>Carl G. Jung</i>	18
2	Os mitos antigos e o homem moderno <i>Joseph L. Henderson</i>	104
3	O processo de individuação <i>M. - L. von Franz</i>	158
4	O simbolismo nas artes plásticas <i>Aniela Jaffé</i>	230
5	Símbolos em uma análise individual <i>Jolande Jacobi</i>	272
	Conclusão: A ciência e o inconsciente <i>M. - L. von Franz</i>	304
	Notas	311
	Fontes iconográficas	315

# 1 Chegando ao inconsciente

Carl G.Jung

## Chegando ao inconsciente

### A importância dos sonhos

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos. Alguns são simples abreviações ou uma série de iniciais como ONU, UNICEF ou UNESCO; outros são marcas comerciais conhecidas, nomes de remédios patenteados, divisas e insígnias. Apesar de não terem nenhum sentido intrínseco, alcançaram, pelo seu uso generalizado ou por intenção deliberada, significação reconhecida. Não são símbolos: são sinais e servem, apenas, para indicar os objetos a que estão ligados.

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Muitos monumentos cretenses, por exemplo, trazem o desenho de um duplo enxó. Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. Tomemos como outro exemplo o

caso de um indiano que, após uma visita à Inglaterra, contou na volta aos seus amigos que os britânicos adoravam animais, isto porque vira inúmeros leões, águias e bois nas velhas igrejas. Não estava informado (tal como muitos cristãos) que estes animais são símbolos dos evangelistas, símbolos provenientes de uma visão de Ezequiel que, por sua vez, tem analogia com Horus, o deus egípcio do Sol e seus quatro filhos. Existem, além disso, objetos tais como a roda e a cruz, conhecidos no mundo inteiro, mas que possuem, sob certas condições, um significado simbólico.

O que simbolizam exatamente ainda é motivo de controversas suposições.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de definí-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance



da nossa razão. A imagem de uma roda pode levar nossos pensamentos ao conceito de um sol "divino" mas, neste ponto, nossa razão vai confessar a sua incompetência : o homem é incapaz de descrever um ser "divino". Quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de "divina", estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta.

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Mas este uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos.

Não é matéria de fácil compreensão, mas é preciso entendê-la se quisermos conhecer mais a res-

peito dos métodos de trabalho da mente humana. O homem, como podemos perceber ao refletirmos um instante, nunca percebe plenamente uma coisa ou a entende por completo. Ele pode ver, ouvir, tocar e provar. Mas a que distância pode ver, quão acuradamente consegue ouvir, o quanto lhe significa aquilo em que toca e o que prova, tudo isto depende do número e da capacidade dos seus sentidos. Os sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo à sua volta. Utilizando instrumentos científicos pode, em parte, compensar a deficiência dos sentidos. Consegue, por exemplo, alongar o alcance da sua visão através do binóculo ou apurar a audição por meio de amplificadores elétricos. Mas a mais elaborada aparelhagem nada pode fazer além de trazer ao seu âmbito visual objetos ou muito distantes ou muito pequenos e tornar mais audíveis sons fracos. Não importa que instrumentos ele empregue; em um determinado momento há de chegar a um limite de evidências e de convicções que o conhecimento consciente não pode transpor.

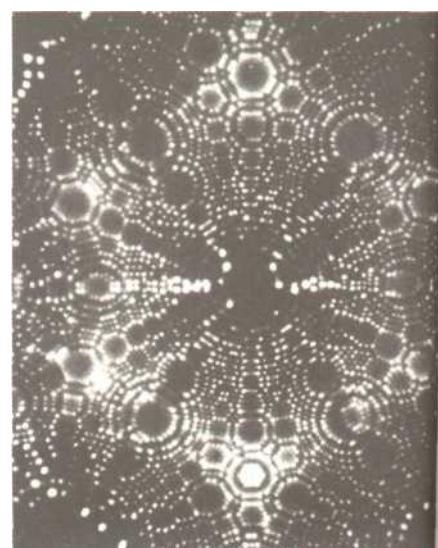


A esquerda, três dos quatro Evangelistas (baixo-relevo da Catedral de Chartres) representados sob a forma de animais: o leão é Marcos, o boi, Lucas, a águia, João. Também como animais aparecem três dos filhos do deus egípcio Horus (acima, aproximadamente ano 1250 A.C.). Animais e grupos de quatro são símbolos religiosos universais.



Representações do sol exprimem, em muitas comunidades, a indefinível experiência religiosa do homem. Acima, decoração da parte posterior de um trono, que pertence ao século XIV A.C. O faraó egípcio Tutancâmon está dominado por um disco solar. As mãos, em que terminam os raios, simbolizam a energia vivificante do sol. A esquerda, um monge do Japão do século XX ora diante de um espelho que representa, no xintoísmo, o Sol divino.

À direita, átomos de tungstênio, aumentados 2.000.000 de vezes por um microscópio. Na extrema direita as manchas ao centro da gravura são as galáxias mais distantes que podemos ver. Não importa até onde o homem estenda os seus sentidos, sempre haverá um limite à sua percepção consciente.



Além disso, há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais, a sensações visuais e auditivas, tudo isto, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente estes fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza extrema nos é desconhecida (*pois* a psique não pode conhecer sua própria substância). Assim, toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda realidade concreta sempre tem alguns aspectos que ignoramos desde que não conhecemos a natureza extrema da matéria em si.

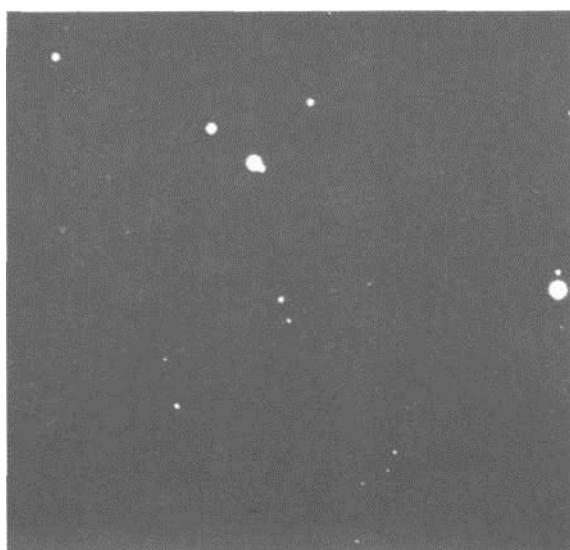
Há, ainda, certos acontecimentos de que não tomamos consciência. Permanecem, por assim dizer, abaixo do limiar da consciência. Aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente. Só podemos percebê-los num algum momento de intuição ou por um processo de intensa reflexão que nos leve à subsequente realização de que *devem* ter acontecido. E apesar de termos ignorado originalmente a sua importância emocional e vital, mais tarde brotam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento. Este segundo pensamento pode aparecer, por exemplo, na forma de um sonho. Geralmente, o aspecto inconsciente de um acontecimento nos é revelado através de sonhos, onde se manifesta não como um pensamento racional, mas como uma imagem simbólica. Do ponto de vista histórico, foi o estudo dos sonhos que permitiu, inicialmente, aos psicólogos

investigarem o aspecto inconsciente de ocorrências psíquicas conscientes.

Fundamentados nestas observações é que os psicólogos admitem a existência de uma psique inconsciente apesar de muitos cientistas e filósofos negarem-lhe a existência. Argumentam ingenuamente que tal pressuposição implica a existência de dois "sujeitos" ou (em linguagem comum) de duas personalidades dentro do mesmo indivíduo. E estão inteiramente certos: é exatamente isto o que ela implica. É uma das maldições do homem moderno esta divisão de personalidades. Não é, de forma alguma, um sintoma patológico: é um fato normal, que pode ser observado em qualquer época e em quaisquer lugares. O neurótico cuja mão direita não sabe o que faz a sua mão esquerda não é o caso único. Esta situação é um sintoma de inconsciência geral que é, inegavelmente, herança comum de toda a humidade.

O homem desenvolveu vagarosa e laboriosamente a sua consciência, num processo que levou um tempo infindável, até alcançar o estado civilizado (arbitrariamente datado de quando se inventou a escrita, mais ou menos no ano 4000 A.C.). E esta evolução está longe da conclusão, pois grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas. O que chamamos psique não pode, de modo algum, ser identificado com a nossa consciência e o seu conteúdo.

Quem quer que negue a existência do inconsciente está, de fato, admitindo que hoje em dia temos um conhecimento total da psique. É uma su-



À esquerda, as manchas ao centro da gravura são as galáxias mais distantes que podemos ver. Não importa até onde o homem estenda os seus sentidos, sempre haverá um limite à sua percepção consciente.

posição evidentemente tão falsa quanto a pretensão de que sabemos tudo a respeito do universo físico. Nossa psique faz parte da natureza e o seu enigma é, igualmente, sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza. Podemos, simplesmente, constatar o que acreditamos que elas sejam e descrever, da melhor maneira possível, como funcionam. No entanto, fora de observações acumuladas em pesquisas médicas, temos argumentos lógicos de bastante peso para rejeitarmos afirmações como "não existe inconsciente" etc. Os que fazem este tipo de declaração estão expressando um velho misoneísmo — o medo do que é novo e desconhecido.

Há motivos históricos para esta resistência à idéia de que existe uma parte desconhecida na psique humana. A consciência é uma aquisição muito recente da natureza e ainda está num estágio "experimental". É frágil, sujeita a ameaças de perigos específicos e facilmente danificável. Como já observaram os antropólogos, um dos acidentes mentais mais comuns entre os povos primitivos é o que eles chamam "a perda da alma" — que significa, como bem indica o nome, uma ruptura (ou, mais tecnicamente, uma dissociação) da consciência.

Entre estes povos, para quem a consciência tem um nível de desenvolvimento diverso do nosso, a

"alma" (ou psique) não é compreendida como uma unidade. Muitos deles supõem que o homem tenha uma "alma do mato" (*bush soul*) além da sua própria, alma que se encarna num animal selvagem ou numa árvore com os quais o indivíduo possua alguma identidade psíquica. É a isto que o ilustre etnólogo francês, Lucien Lévy-Bruhl chamou "participação mística". Mais tarde, sob pressão de críticas desfavoráveis, renegou esta expressão, mas julgou que seus adversários eram errados. É um fenômeno psicológico bem conhecido o de um indivíduo identificar-se, inconscientemente, com alguma outra pessoa ou objeto.

Esta identidade entre a gente primitiva toma várias formas. Se a alma do mato é a de um animal, o animal passa a ser considerado uma espécie de irmão do homem. Supõe-se, por exemplo, que um homem que tenha como irmão um crocodilo, possa nadar a salvo num rio infestado por estes animais. Se a alma do mato for uma árvore, presume-se que a árvore tenha uma espécie de autoridade paterna sobre aquele determinado indivíduo. Em ambos os casos, qualquer mal causado à alma do mato é considerado uma ofensa ao homem.

Certas tribos acreditam que o homem tem várias almas. Esta crença traduz o sentimento de



"Dissociação" é um fracionamento da psique que provoca uma neurose. Encontramos um famoso exemplo deste estado na ficção, no romance *Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), de R.L. Stevenson. No livro, a "dissociação" de Jekyll se manifesta através de uma transformação física e não (como na realidade) sob a forma de um estado interior psíquico. A esquerda, Mr. Hyde (no filme de 1932) - a "outra metade" do Dr. Jekyll.

Os povos primitivos chamam à dissociação "perda da alma". Acreditam que o homem tem uma "alma do mato", além da sua própria. A direita, um homem da tribo dos Nyangas, do centro-oeste africano, usando uma máscara de calau, ave que ele identifica como a sua alma do mato.

Na extrema direita, diante de um painel, telefonistas fazem várias ligações simultâneas. Neste tipo de ocupação as pessoas "dissociam" parte da sua mente consciente para poder concentrar-se. Mas é um ato controlado e temporário, e não uma dissolução espontânea e anormal.

alguns povos primitivos de que cada um deles é constituído de várias unidades interligadas apesar de distintas. Isto significa que a psique do indivíduo está longe de ser seguramente unificada. Ao contrário, ameaça fragmentar-se muito facilmente sob o assalto de emoções incontroladas.

Estes fatos, com os quais nos familiarizamos através dos estudos dos antropólogos, não são tão irrelevantes para a nossa civilização como parecem. Também nós podemos sofrer uma dissociação e perder nossa identidade. Podemos ser dominados e perturbados por nossos humores, ou tornarmo-nos insensatos e incapazes de recordar fatos importantes que nos dizem respeito e a outras pessoas, provocando a pergunta: "Que diabo se passa com você?". Pretendemos ser capazes de "nos controlarmos", mas o controle de si mesmo é virtude das mais raras e extraordinárias. Podemos ter a ilusão de que nos controlamos, mas um amigo facilmente poderá dizer-nos coisas a nosso respeito de que não tínhamos a menor consciência.

Não resta dúvida de que, mesmo no que chamamos "um alto nível de civilização", a consciência humana ainda não alcançou um grau razoável de continuidade. Ela ainda é vulnerável e suscetível à fragmentação. Esta capacidade que

temos de isolar parte de nossa mente é, na verdade, uma característica valiosa. Permite que nos concentremos em uma coisa de cada vez, excluindo tudo o mais que também solicita a nossa atenção. Mas existe uma diferença radical entre uma decisão consciente, que separa e suprime temporariamente uma parte da nossa psique, e uma situação na qual isto acontece de maneira espontânea, sem o nosso conhecimento ou consentimento e mesmo contra as nossas intenções. O primeiro processo é uma conquista do ser civilizado, o segundo é aquela "perda da alma" dos primitivos e pode ser causa patológica de uma neurose.

Portanto, mesmo nos nossos dias, a unidade da consciência ainda é algo precário e que pode ser facilmente rompido. A faculdade de controlar emoções que, de um certo ponto de vista, é muito vantajosa, seria, por outro lado, uma qualidade bastante discutível já que despoja o relacionamento humano de toda a sua variedade, de todo o colorido e de todo o calor.

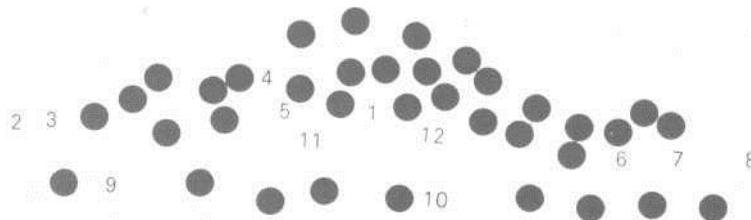
É sob esta perspectiva que devemos examinar a importância dos sonhos — fantasias inconscientes, evasivas, precárias, vagas e incertas do nosso inconsciente. Para melhor explicar meu ponto de vista gostaria de contar como ele se foi



desenvolvendo com o passar dos anos e como cheguei à conclusão de que os sonhos são o mais fecundo e acessível campo de exploração para quem deseja investigar a faculdade de simbolização do homem.

Sigmund Freud foi o pioneiro, o primeiro cientista a tentar explorar empiricamente o segundo plano inconsciente da consciência. Trabalhou baseado na hipótese de que os sonhos não são produto do acaso, mas que estão associados a pensamentos e problemas conscientes. Esta hipótese nada apresentava de arbitrária. Firmava-se na conclusão a que haviam chegado eminentes neurologistas (como Pierre Janet, por exemplo) de que os sintomas neuróticos estão relacionados com alguma experiência consciente. Parece mesmo que estes sintomas são áreas dissociadas da nossa consciência que, num outro momento e sob condições diferentes, podem tornar-se conscientes.

Antes do início deste século, Freud e Josef Breuer haviam reconhecido que os sintomas neuróticos - histeria, certos tipos de dor e comportamento anormal - têm, na verdade, uma significação simbólica. São, como os sonhos, um modo de expressão do nosso inconsciente. E são igualmente simbólicos. Um paciente, por exemplo, que enfrenta uma situação intolerável pode ter espasmos cada vez que tenta engolir: "não pode engolir" a situação. Em condições psicológicas análogas, outro paciente terá acesso de asma: ele "não pode respirar a atmosfera de sua casa". Um terceiro sofre de uma estranha paralisia nas pernas: não pode andar, isto é, "não pode continuar assim". Um quarto paciente, que vomita o que come, "não pode digerir" um determinado fato. Poderia citar inúmeros exemplos deste gênero, mas estas reações físicas são apenas uma das formas pelas quais se manifestam os problemas que nos afligem inconscientemente.



1 Sigmund Freud (Viena)

2 Otto Rank (Viena)

3 Ludwig Binswanger (Kreuziling)

4 A. A. Brill

5 Max Eitingon (Berlim)

6 James J. Putnam (Boston)

7 Ernest Jones (Toronto)

8 Wilhelm Stekel (Viena)

9 Eugen Bleuler (Zurique)

10 Emma Jung (Küschnacht)

11 Sandor Ferenczi (Budapeste)

12 C. G. Jung (Küschnacht)

Eles se expressam, com muito mais frequência, nos sonhos.

Qualquer psicólogo que tenha ouvido várias descrições de sonhos sabe que os seus símbolos existem numa variedade muito maior que os sintomas físicos da neurose. Consistem, inúmeras vezes, de elaboradas e pitorescas fantasias. Mas se o analista que se defronta com este material onírico usar a técnica pessoal de Freud da "livre associação" vai perceber que os sonhos podem, eventualmente, ser reduzidos a certos esquemas básicos. Esta técnica teve uma importante função no desenvolvimento da psicanálise, pois permitiu que Freud usasse os sonhos como ponto de partida para a investigação dos problemas inconscientes do paciente.

Freud fez a observação simples, mas profunda, de que se encorajarmos o sonhador a comentar as imagens dos seus sonhos e os pensamentos que elas lhe sugerem ele acabará por "entregarse", revelando o fundo inconsciente dos seus males, tanto no que diz quanto no que deixa deliberadamente de dizer. Suas idéias poderão parecer iracionais ou despropositadas, mas, depois de um certo tempo, torna-se relativamente fácil descobrir o que ele está querendo evitar, o pensamento ou experiência desagradável que está reprimindo. Não importa como vai tentar camuflar tudo isto, o que quer que diga apontará sempre para o cerne das suas dificuldades. Um médico está tão habituado ao lado avesso da vida que ele raramente se distancia da verdade quando inter-

preta as insinuações do seu paciente como sintomas de uma consciência inquieta. E o que acaba por descobrir vai confirmar, infelizmente, as suas previsões.

Até aqui nada se pode objetar contra a teoria de Freud sobre a repressão e a satisfação imaginária dos desejos como origens evidentes do simbolismo dos sonhos.

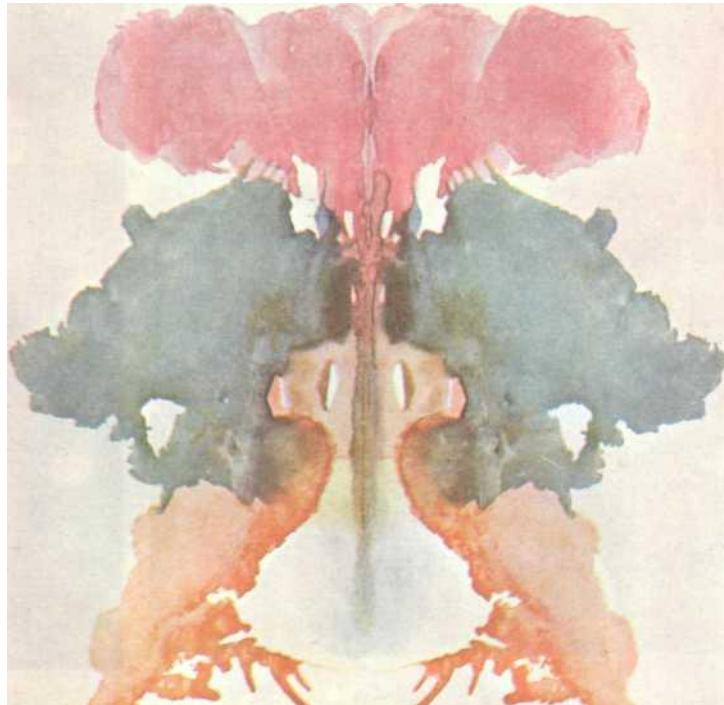
Freud atribui aos sonhos uma importância especial como ponto de partida para o processo da livre associação. Mas, depois de algum tempo, comecei a sentir que esta maneira de utilizar a riqueza de fantasias que o inconsciente produz durante o nosso sono era, a um tempo, inadequada e ilusória. Minhas dúvidas surgiram quando um colega contou-me uma experiência que teve numa longa viagem de trem através da Rússia.

Apesar de não conhecer a língua e nem mesmo decifrar os caracteres do alfabeto cirílico, ele começou a divagar em torno das estranhas letras dos anúncios das estações por onde passava, e acabou caindo numa espécie de devaneio, pondo-se a imaginar todo tipo de significação para aquelas palavras.

Uma idéia leva a outra e, neste estado de relaxamento em que se encontrava, descobriu que esta livre associação despertara nele muitas lembranças antigas. Entre elas, ficou desagradavelmente surpreendido com a descoberta de alguns assuntos bem incômodos e há muito sepultados na sua memória — coisas que de-

À esquerda, muitos dos precursores da psicanálise moderna, fotografados em 1911, no Congresso de Psicanálise de Weimar, Alemanha. A indicação numérica identifica algumas das personalidades mais conhecidas.

À direita, o teste do "borrão de tinta", projetado pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach. O formato da mancha pode servir de estímulo a livres associações. Na verdade, qualquer forma irregular e incidental é capaz de desencadear um processo associativo. Leonardo da Vinci escreveu no seu *Caderno de Notas*: "Não deve ser difícil a você parar algumas vezes para olhar as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas no gênero nas quais... vai encontrar idéias verdadeiramente maravilhosas."



sejara esquecer e que conseguira esquecer *conscientemente*. Na verdade, chegar ao que os psicólogos chamariam de seus "complexos" — isto é, temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose.

Este episódio alertou-me para o fato de que não seria necessário utilizar o sonho como ponto de partida para o processo da livre associação quando se quer descobrir os complexos de um paciente. Mostrou-me que podemos alcançar o centro diretamente de qualquer dos pontos de uma circunferência, a partir do alfabeto cirílico, de meditações sobre uma bola de cristal, de um moinho de orações dos lamaístas, de um quadro moderno ou, até mesmo, de uma conversa ocasional a respeito de qualquer banalidade. O sonho não vai ser neste particular mais ou menos útil do que qualquer outro ponto de partida que se tome. No entanto, os sonhos têm uma significação própria, mesmo quando provocados por alguma perturbação emocional em que estejam também envolvidos os complexos habituais do indivíduo. (Os complexos habituais do indivíduo são pontos sensíveis da psique que reagem mais rapidamente aos estímulos ou perturbações externas.) É por isto que a livre associação pode levar de um sonho qualquer aos pensamentos secretos mais críticos.

Nesta altura ocorreu-me, no entanto, que se até ali eu estivera certo, podia-se razoavelmente deduzir que os sonhos têm uma função própria, mais especial e significativa. Muitas vezes os sonhos têm uma estrutura bem definida, com um sentido evidente indicando alguma idéia ou intenção subjacente — apesar de estas últimas não serem imediatamente inteligíveis. Comecei, pois, a considerar se não deveríamos prestar mais atenção à forma e ao conteúdo do sonho em vez de nos deixarmos conduzir pela livre associação

Dois possíveis estímulos da livre associação: o disco de orações de um mendigo do Tibete (à esquerda) ou a bola de cristal de uma quiromante (à direita, uma moderna quiromante de uma feira inglesa).



de uma série de idéias para então chegar aos complexos, que poderiam ser facilmente atingidos também por outros meios.

Este novo pensamento foi decisivo para o desenvolvimento da minha psicologia. A partir deste momento desisti, gradualmente, de seguir as associações que se afastassem muito do texto de um sonho. Preferi, antes, concentrar-me nas associações com o próprio sonho, convencido de que o sonho expressaria o que de específico o inconsciente estivesse tentando dizer.

Esta mudança de atitude acarretou uma consequente mudança nos meus métodos, uma nova técnica que levava em conta todos os vários e amplos aspectos do sonho. Uma história narrada pelo nosso espírito consciente tem início, meio e fim; tal não acontece com o sonho. Suas dimensões de espaço e tempo são diferentes. Para entendê-lo é necessário examiná-lo sob todos os seus aspectos — exatamente como quando tomamos um objetivo desconhecido nas mãos e o viramos e reviramos até nos familiarizarmos com cada detalhe.

Talvez, agora, eu já tenha dito o suficiente para mostrar como, cada vez mais, foi aumentando a minha discordância da livre associação, tal como Freud a utilizara inicialmente. Eu desejava manter-me o mais próximo possível do sonho, excluindo todas as idéias e associações



irrelevantes que ele pudesse evocar. É verdade que tais idéias e associações podem levar-nos aos complexos do paciente, mas eu tinha em mente um objetivo bem mais avançado do que a descoberta de complexos causadores de distúrbios neuróticos. Há muitos outros meios de identificação dos complexos: os psicólogos, por exemplo, podem obter todas as indicações e referências de que necessitam utilizando os testes de associação de palavras (perguntando ao paciente o que ele associa a um determinado grupo de palavras e estudando, então, as suas respostas). Mas para conhecer e entender a organização psíquica da personalidade global de uma pessoa é importante avaliar quão relevante é a função de seus sonhos e imagens simbólicas.

A maioria das pessoas sabe, por exemplo, que o ato sexual pode ser simbolizado por uma imensa variedade de imagens (ou representado sob forma alegórica). Cada uma destas imagens pode, por um processo associativo, levar à idéia da relação sexual e aos complexos específicos que incluem no comportamento sexual de um indivíduo. Mas, da mesma maneira, podemos desenterrar estes complexos graças a um devaneio em torno de um grupo de letras indecifráveis do alfabeto russo. Fui, assim, levado a admitir que um sonho pode conter outra mensagem além de uma alegoria sexual, e que isto acontece por motivos determinados. Para ilustrar esta observação:

Um homem sonha que enfiou uma chave numa fechadura, ou que está empunhando um pênis pedaço de pau, ou que está forcando uma porta com uma arête. Cada um destes sonhos pode ser considerado uma alegoria, um símbolo sexual. Mas o fato de o inconsciente ter escolhido, por vontade própria, uma destas imagens específicas — a chave, o pau, ou o arête — é também de maior significação. A verdadeira tarefa é compreender por

Uma das inúmeras imagens simbólicas ou alegóricas do ato sexual é a caça ao veado. À direita, detalhes de um quadro do pintor quinhentista alemão Cranach. As implicações sexuais com a caçada ao veado estão acentuadas em uma canção folclórica medieval chamada: *O Guardador*. Na primeira corça em que atirou ele não acertou.

A segunda que ele parou, ele beijou.  
E a terceira fugiu para o coração de  
um jovem.  
E ficou, oh, entre as verdes  
folhas.

que a chave foi escolhida em lugar do pau, ou por que o pau em lugar do arête. E vamos algumas vezes descobrir que não é ato sexual que ali está representado, mas algum aspecto psicológico inteiramente diverso.

Concluí, seguindo esta linha de raciocínio, que só o material que é parte clara e visível de um sonho pode ser utilizado para a sua interpretação. O sonho tem seus próprios limites. Sua própria forma específica nos mostra o que a ele pertence e o que dele se afasta. Enquanto a livre associação, numa espécie de linha em zig-zague, nos afasta do material original do sonho, o método que desenvolvi se assemelha mais a um movimento circunvolutório cujo centro é a imagem do sonho. Trabalho em redor da imagem do sonho e desprezo qualquer tentativa do sonhador para dela escapar. Inúmeras vezes, na minha atividade profissional, tive de repetir a frase: "Vamos voltar ao seu sonho. O que dizia o sonho?"

Um paciente meu, por exemplo, sonhou com uma mulher desgrenhada, vulgar e bêbada. No sonho parecia ser a sua própria mulher, apesar de estar casado, na vida real, com pessoa inteiramente diferente. Aparentemente, portanto, o sonho era de uma falsidade chocante e o paciente logo o rejeitou como uma fantasia tola. Se, como médico, eu tivesse iniciado um processo de associação, ele inevitavelmente teria





Uma chave na fechadura pode ser um símbolo sexual, mas não invariavelmente. À esquerda, detalhe do retábulo de um altar pelo artista quattrocentista flamengo Campin. A porta simbolizaria a esperança, a fechadura significaria a caridade, e a chave, o desejo de encontrar Deus. Abaixo, um bispo britânico ao consagrar uma igreja cumpre uma cerimônia tradicional batendo na porta do templo com o báculo que, obviamente, não é símbolo fálico, mas símbolo de autoridade, o cajado do pastor. Não se pode dizer de nenhuma imagem simbólica que ela tenha um significado universal e dogmático.



*Anima* é o elemento feminino no inconsciente masculino (tanto a *anima* quanto o *animus* do inconsciente feminino são discutidos no capítulo 3). Esta dualidade interior é simbolizada, muitas vezes, por uma figura hermafrodita, como a que está à direita, ao alto, reproduzida de um manuscrito alquímico do século XVII. À direita, uma imagem física da "bissexualidade" psíquica do homem: uma célula humana com os seus cromossomas. Todo organismo tem dois grupos de cromossomas, um de cada um dos progenitores.

tentado afastar-se o mais possível da desagradável sugestão do sonho. Neste caso, teria acabado por chegar a um dos seus complexos básicos - complexo que, possivelmente, nada teria a ver com sua mulher - e nada saberíamos então a respeito do significado especial daquele determinado sonho.

O que queria, então, o seu inconsciente transmitir com aquela declaração obviamente inverídica? De uma certa forma, expressava claramente a idéia de uma mulher degenerada, intimamente ligada à vida do sonhador. Mas desde que a imagem era realmente inexata e não havia justificativa na sua projeção sobre a mulher do meu paciente, eu precisava procurar noutro lugar



o que representaria aquela figura repulsiva.

Na Idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos - o masculino e o feminino -, dizia-se que "todo homem traz dentro de si uma mulher". É a este elemento feminino, que há em todo homem, que chamei "*anima*". Este aspecto "feminino" é, essencialmente, uma certa maneira, inferior, que tem o homem de se relacionar com o seu ambiente e, sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto dele mesmo. Em outras palavras, apesar de a personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros — e mesmo dele próprio — a deplorável condição da sua "mulher interior".

Foi o que aconteceu com meu paciente: o seu lado feminino não era dos melhores. E o seu sonho estava lhe dizendo: "Você está se comportando, em certos aspectos, como uma mulher degenerada", dando-lhe assim um choque propositado. (Não se deve concluir por este exemplo que o nosso inconsciente esteja preocupado com sanções "morais". O sonho não pretendia dizer ao paciente que "se comportasse melhor": estava tentando, simplesmente, contrabalançar a natureza mal-equilibrada da sua consciência, que alimentava a simulação do doente de ser sempre um perfeito cavalheiro.)

É fácil compreender por que quem sonha tem tendência para ignorar e até rejeitar a mensagem do seu sonho. A consciência resiste, naturalmente, a tudo que é inconsciente e desconhecido. Já assinalei a existência, entre os povos primitivos, daquilo a que os antropólogos chamam "misoneísmo", um medo profundo e supersticioso ao novo. Ante acontecimentos desagradáveis, os primitivos têm as mesmas reações do animal selvagem. Mas o homem "civilizado" reage a idéias novas da mesma maneira, erguendo barreiras psicológicas que o protegem do choque trazido pela inovação. Pode-se facilmente observar este fato na reação do indivíduo ao seu próprio sonho, quando ele é obrigado a admitir algum pensamento inesperado. Muitos pioneiros da filosofia, da ciência e mesmo da literatura têm sido vítimas deste conservadorismo inato dos seus contemporâneos. A psicologia é uma das ciências mais novas e, por tratar do funcionamento do inconsciente, encontrou inevitavelmente o misoneísmo na sua forma mais extremada.

## O passado e o futuro no inconsciente

Esbocei, até aqui, alguns dos princípios em que me baseei para chegar ao problema dos sonhos, pois quando se deseja investigar a faculdade humana de produzir símbolos os sonhos são, comprovadamente, o material fundamental e mais acessível para isto. Os dois pontos essenciais a respeito dos sonhos são os seguintes: em primeiro lugar, o sonho deve ser tratado como um fato a respeito do qual não se fazem suposições prévias, a não ser a de que ele tem um certo sentido; em segundo lugar, é necessário aceitarmos que o sonho é uma expressão específica do inconsciente.

Difícilmente poder-se-á expor estes princípios de maneira mais despretensiosa. E mesmo que algumas pessoas menosprezem o inconsciente, têm que admitir que é válido investigá-lo; o inconsciente está, pelo menos, no mesmo nível do piolho que, afinal, desfruta do interesse honesto do entomologista. Se aqueles que possuem pouca experiência e escassos conhecimentos a respeito dos sonhos consideram-nos apenas ocorrências caóticas, sem qualquer significação, têm toda a liberdade de fazê-lo. Mas se julgarmos o sonho um acontecimento normal (o que, na verdade, ele é) temos de ponderar que ou ele é causal — isto é, há uma causa racional para a sua existência — ou, de um certo modo, intencional. Ou ambos.

Vamos agora observar um pouco mais de perto os diversos modos pelos quais se ligam os conteúdos conscientes e inconscientes da nossa mente. Tomemos um exemplo com que estamos todos familiarizados. De repente não podemos lembrar do que íamos dizer, apesar de há instantes o pensamento estar perfeitamente claro. Ou talvez queiramos apresentar um amigo e o seu nome nos escape na hora de pronunciá-lo. Diremos que não conseguimos nos lembrar, mas na realidade, o pensamento tornou-se inconsciente ou, pelo menos, momentaneamente separado do consciente. Ocorre o mesmo fenômeno com os nossos sentidos. Se ouvirmos uma nota contínua emitida no limite da audibilidade o som parece interromper-se a intervalos regulares para começar de novo. Estas oscilações são causadas por uma diminuição e um aumento periódicos da nossa atenção e não por qualquer modificação na nota.

Quando alguma coisa escapa da nossa consciência esta coisa não deixou de existir, do mesmo modo que um automóvel que desaparece na esquina não se desfez no ar. Apenas o perdemos de vista. Assim como podemos, mais tarde, ver novamente o carro, assim também reencontraremos pensamentos temporariamente perdidos.

Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e im-



pressões provisoriamente ocultas e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes. Um homem desatento ou "distraído" pode atravessar uma sala para buscar alguma coisa. Pára, parecendo perplexo; esqueceu o que buscava. Suas mãos tateiam pelos objetos de uma mesa como se fosse um sonâmbulo; não se lembra do seu objetivo inicial, mas ainda se deixa, inconscientemente, guiar por ele. Percebe então o que queria. Foi a sua inconsciência que o ajudou a lembrar-se.

Se observarmos o comportamento de uma pessoa neurótica podemos vê-la fazendo muitas coisas de modo aparentemente intencional e consciente. No entanto, se a questionarmos descobriremos que ou não tem consciência alguma das ações praticadas ou então que pensa em coisas bem diferentes. Ouve, mas está surda, vê, mas está cega, sabe e parece ignorante. Estes exemplos são tão frequentes que o especialista logo comprehende que o que está contido inconscientemente no nosso espírito comporta-se como se fora consciente e que nunca se pode ter certeza, em tais casos, de pensamento, fala ou ação conscientes ou não.

É este tipo de comportamento que leva tantos médicos a rejeitarem as afirmações de pacientes histéricos como se fossem mentiras. Tais pessoas certamente arquitetam maior número de

inexatidões do que a maioria de nós, mas "mentira" dificilmente será a palavra certa a empregar. De fato, o seu estado mental provoca uma conduta indecisa, já que a sua consciência está sujeita a eclipses imprevisíveis causados por interferências do inconsciente. Até mesmo as sensações da pele de tais pessoas podem revelar semelhantes flutuações perceptivas. A pessoa histerica pode, num determinado momento, sentir a agulha com que lhe picam o braço, e em outro nada sentir. Se for possível fixarmos sua atenção num determinado ponto, seu corpo inteiro pode ficar anestesiado até haver um relaxamento na tensão que causou aquele adormecimento dos sentidos. A percepção sensorial é, então, imediatamente restaurada. Durante todo o tempo, no entanto, o doente sabe, inconscientemente, o que lhe está acontecendo.

O médico observa claramente todo este processo quando hipnotiza um paciente. É fácil demonstrar que o paciente registrou todos os detalhes. A picada no braço ou um comentário feito durante o eclipse da consciência podem ser lembrados, tão exatamente como se não tivesse havido anestesia ou "esquecimento". Lembro-me de uma mulher que chegou à clínica em estado de completa letargia. Quando, no dia seguinte, recobrou a consciência, sabia quem era, mas não sabia onde estava, nem como e por que



O "misoneísmo", medo e ódio irracionais a idéias novas, foi um grande obstáculo à aceitação geral da moderna psicologia. Também a teoria evolucionista de Darwin sofreu esta oposição — um professor norte-americano, chamado Scopes, foi julgado em 1925 por ter ensinado a evolução. Na extrema esquerda, o advogado Clarence Darrow defendendo Scopes. Ao centro, o próprio Scopes. Também contra Darwin é a caricatura, à esquerda, de um número da revista inglesa *Punch* de 1861. À direita, sátira ao misoneísmo pelo humorista americano James Thurber, cuja tia (segundo ele) tinha medo de que a eletricidade "estivesse vazando por toda a casa".



ali se encontrava; não se lembrava sequer da data. No entanto, depois que eu a hipnotizei, disse-me por que ficara doente, como chegara à clínica e quem a recebera. Todos estes detalhes puderam ser comprovados. Ela foi até capaz de dizer a hora em que chegara à clínica, porque havia um relógio no hall de entrada. Hipnotizada, sua memória mostrava-se tão clara como se estivesse estado totalmente consciente o tempo inteiro.

Quando se discute este assunto traz-se, habitualmente, o testemunho da observação clínica. Por esta razão, muitos críticos alegam que o inconsciente e todas as suas sutis manifestações pertencem, unicamente, à esfera da psicopatologia. Consideram qualquer expressão do inconsciente como um sintoma de neurose ou de psicose, que nada teria a ver com o estado mental normal. Mas os fenômenos neuróticos não são, de modo algum, produtos exclusivos de uma doença. São, na verdade, apenas exageros patológicos de ocorrências normais; e é apenas por serem exageros que se mostram mais evidentes do que seus correspondentes normais. Sintomas histéricos podem ser observados em qualquer pessoa normal, mas são tão diminutos que em geral passam despercebidos.

O ato de esquecer, por exemplo, é um processo normal, em que certos pensamentos conscientes perdem a sua energia específica devido a um desvio da nossa atenção. Quando o interesse se desloca deixa em sombra as coisas de que anteriormente nos ocupávamos, exatamente como um holofote ao iluminar uma nova área deixa uma outra mergulhada em escuridão. Isto é ine-

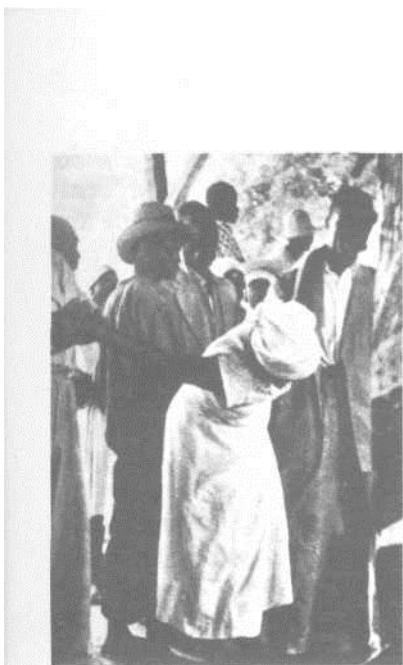
vitável, pois a consciência só pode conservar iluminadas algumas imagens de cada vez e, mesmo assim, com flutuações nesta claridade. Os pensamentos e idéias esquecidos não deixaram de existir. Apesar de não se poderem reproduzir à vontade, estão presentes num estado subliminar — para além do limiar da memória — de onde podem tornar a surgir espontaneamente a qualquer momento, algumas vezes anos depois de um esquecimento aparentemente total.

Refiro-me aqui a coisas que vimos e ouvimos conscientemente e que, a seguir, esquecemos. Mas todos nós vemos, ouvimos, cheiramos e provamos muitas coisas sem notá-las na ocasião, ou porque a nossa atenção se desviou ou porque, para os nossos sentidos, o estímulo foi demasiadamente fraco para deixar uma impressão consciente. O inconsciente, no entanto, tomou nota de tudo, e estas percepções sensoriais subliminares ocupam importante lugar no nosso cotidiano. Sem o percebermos, influenciam a maneira por que vamos reagir a pessoas e fatos.

Um exemplo, que considero particularmente significativo, foi-me dado por um professor que estivera passeando no campo, com um dos seus alunos, absorvido em uma séria conversação. De repente, verificou que seus pensamentos estavam sendo interrompidos por uma série de inesperadas lembranças da sua infância. Não conseguia justificar tal distração. Nada do que até então estivera discutindo tinha qualquer ligação com aquelas lembranças. Olhando para trás do caminho percorrido, viu que haviam passado por uma fazenda, quando surgira a primeira destas recordações da sua infância. Propôs ao



Em casos pronunciados de histeria coletiva (antigamente chamava-se "estar possuído") a consciência e a percepção-sensorial comum parecem eclipsar-se. À esquerda, o frenesi de uma dança de espadas balinesa faz com que os dançarinos entrem em transe e, algumas vezes, voltem as suas armas contra si próprios. À direita, o *rock and roll*, quando estava no auge do sucesso e parecia provocar uma excitação análoga.



Entre os povos primitivos, "estar possuído" significa que um deus ou demônio apossou-se de um corpo humano. Acima, à esquerda, uma mulher haitiana desmaia em êxtase religioso. Acima, no centro e à direita, haitianos possuídos pelo deus Gheda, que se manifesta sempre nesta posição — pernas cruzadas cigarro na boca.

À esquerda, um culto religioso no Tennessee, E.U.A., em que segurar em serpentes venenosas faz parte de algumas cerimônias. A histeria é provocada pela música, pelo canto e por palmas. As serpentes passam de mão em mão (e algumas vezes os participantes são fatalmente mordidos pelas cobras).

aluno que retornasse ao local onde se haviam iniciado aquelas fantasias. Chegando lá, sentiu um cheiro de gansos e, imediatamente, percebeu que este cheiro desencadeara a série de recordações.

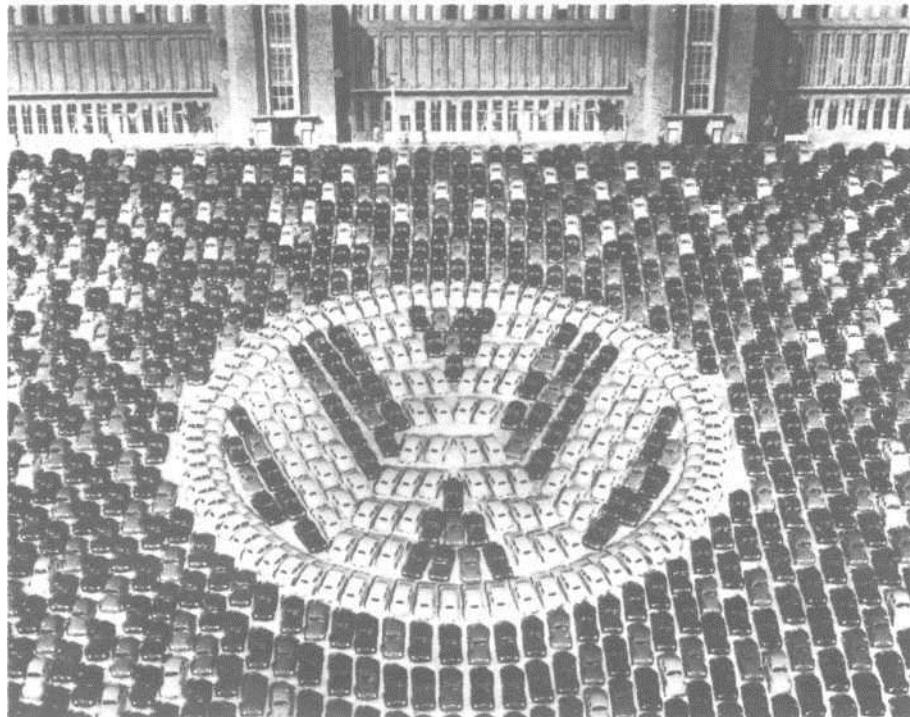
Na sua juventude, ele vivera numa fazenda onde criavam gansos e o seu odor característico lhe deixara uma impressão duradoura, apesar de adormecida. Ao passar pela fazenda naquela caminhada, registrara subliminarmente aquele cheiro, e esta percepção inconsciente despertou experiências da sua infância há muito esquecidas. A percepção foi subliminar porque a atenção estava concentrada em outra coisa qualquer e o estímulo não fora bastante forte para desviá-la, alcançando diretamente a consciência. No entanto, trouxe à tona "esquecidas" lembranças.

Este efeito de sugestão ou de uma espécie de "detonação" é capaz de explicar o aparecimento de sintomas neuróticos e também de outras recordações benignas quando se avista alguma coisa, ou se sente um odor, ou se ouve um som que lembre circunstâncias passadas. Uma jovem, por exemplo, pode estar trabalhando no seu escritório, aparentemente gozando de boa saúde e bom humor. Momentos depois, pode

estar com uma dor de cabeça terrível e revelando outros sinais de angústia. Sem que o percebesse conscientemente, ouvira a sirene distante de um navio, recordando-se inconscientemente da triste despedida de um homem de quem tentava se esquecer.

Além do esquecimento normal, Freud descreveu vários casos de "esquecimento" de lembranças desagradáveis - recordações que estamos prontos a perder. Como observou Nietzsche, quando o orgulho está em causa a memória prefere ceder. Assim, entre as recordações perdidas encontramos várias cujo estado subliminar (e que não podemos reproduzir voluntariamente) se deve à sua natureza de origem desagradável. Os psicólogos lhes chamam conteúdos *recalcados*.

Bom exemplo é o da secretária que tem ciúmes de uma das sócias do seu patrão. Habitualmente ela se esquece de convidar esta pessoa para reuniões, apesar de o nome estar nitidamente marcado na lista que utiliza. Se interpelada sobre este fato dirá, simplesmente, que se "esqueceu" ou que a "perturbaram" no momento. Jamais admite — nem para si mesma — o motivo real de sua omissão.



Os carrinhos miniatura que, neste anúncio, formam o emblema da Volkswagen podem "detonar" no espírito do leitor recordações inconscientes de sua infância. Se forem lembranças agradáveis, o prazer estará associado (inconscientemente) ao produto e à marca.

Muitas pessoas superestimam erradamente o papel da força de vontade e julgam que nada poderá acontecer à sua mente que não seja por decisão e intenção próprias. Mas precisamos aprender a distinguir cuidadosamente entre o conteúdo intencional e o conteúdo involuntário da mente. O primeiro se origina da personalidade do ego; o segundo, no entanto, nasce de uma fonte que não é idêntica ao ego, mas à sua "outra face". É esta "outra face" que faz a secretaria esquecer os convites.

Há muitas razões para esquecermos coisas que notamos ou experimentamos. E há igual número de maneiras pelas quais elas podem ser relembradas. Um exemplo interessante é o da criptomnésia, ou "recordação escondida". Um autor pode estar escrevendo de acordo com um plano preestabelecido, trabalhando num determinado argumento ou desenvolvendo a trama de uma história quando, de repente, muda de rumo. Talvez lhe tenha ocorrido alguma nova idéia, ou uma imagem diferente ou um enredo secundário inteiramente inédito. Se lhe perguntarmos o que ocasionou esta digressão ele não será capaz de o dizer. Talvez nem mesmo tenha notado a mudança, apesar de ter escrito algo inteiramente novo e do qual não possuía, aparentemente, nenhum conhecimento anterior. No entanto pode-se, muitas vezes, provar-lhe que o que acabou de escrever tem uma enorme semelhança com o trabalho de outro escritor — trabalho que crê nunca ter visto.

Eu mesmo encontrei um exemplo fascinante deste processo, no livro de Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra*, onde o autor reproduz quase literalmente um incidente relatado num diário de bordo, no ano de 1686. Por mero acaso eu havia lido um resumo desta história num livro publicado em 1835 (meio século antes do livro de Nietzsche). Quando encontrei a mesma passagem em *Assim Falou Zaratustra* espantei-me com o estilo, tão diverso do de Nietzsche. Convenci-me de que também Nietzsche lerá aquele antigo livro, apesar de não lhe ter feito qualquer referência. Escrevi à sua irmã, que ainda vivia naquela ocasião, e ela me confirmou que, na verdade, o livro fora lido tanto por ela quanto pelo irmão, quando este tinha 11 anos. Verificasse, pelo contexto, que é inconcebível pensar que Nietzsche tivesse qualquer idéia de estar plagiando aquela história. Creio que, simplesmente, cinquenta anos mais tarde, a história entrou em foco na sua consciência.

Em casos deste tipo há uma autêntica recordação, mesmo que a pessoa não se dê conta do fato. A mesma coisa pode ocorrer com um músico que tenha ouvido na infância alguma melodia folclórica ou uma canção popular e que vem encontrá-la, na idade adulta, presente como tema de um movimento sinfônico que está compondo. Uma idéia ou imagem deslocou-se do inconsciente para o consciente.

O que expliquei até aqui a respeito do inconsciente não passa de um esboço superficial da natureza e do funcionamento desta complexa parte da psique humana. Mas talvez tenha feito compreender o tipo de material subliminar de que se podem, espontaneamente, produzir os símbolos dos nossos sonhos. Este material subliminar pode consistir de todo tipo de urgência impulsos e intenções; de percepções e intuições; de pensamentos racionais ou irracionais; de conclusões, induções, deduções e premissas; e de toda uma imensa gama de emoções. Qualquer um destes elementos é capaz de tornar-se parcial, temporária ou definitivamente inconsciente.

Este material torna-se inconsciente porque — simplesmente — não há lugar para ele no consciente. Alguns dos nossos pensamentos perdem a sua energia emocional e tornam-se subliminares (isto é, não recebem mais a mesma atenção do nosso consciente) porque parecem ter deixado de nos interessar e não têm mais ligação conosco, ou então porque existe algum motivo para que desejemos afastá-los de vista.

"Esquecer", neste sentido, é normal e necessário para dar lugar na nossa consciência a novas idéias e impressões. Se tal não acontecesse, toda a nossa experiência permaneceria acima do limiar da consciência e nossas mentes ficariam insuportavelmente atravancadas. Este fenômeno, hoje em dia, é tão amplamente reconhecido que a maioria das pessoas que conhecem um pouco de psicologia já o aceitaram.

Assim como o conteúdo consciente pode se desvanecer no inconsciente, novos conteúdos, que nunca foram conscientes, podem "emergir". Podemos ter a impressão, por exemplo, de que alguma coisa está a ponto de tornar-se consciente — que "há alguma coisa no ar" ou que "aqui tem dente de coelho". A descoberta de que o inconsciente não é apenas um simples depósito do passado, mas que está também cheio de germes de idéias e de situações psíquicas futuras levou-me a uma atitude nova e pessoal

quanto à psicologia. Muita controvérsia tem surgido a este respeito. Mas o fato é que, além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente novos e idéias criadoras podem surgir do inconsciente - idéias e pensamentos que nunca foram conscientes. Como um lótus, nascem das escuras profundezas da mente para formar uma importante parte da nossa psique subliminar.

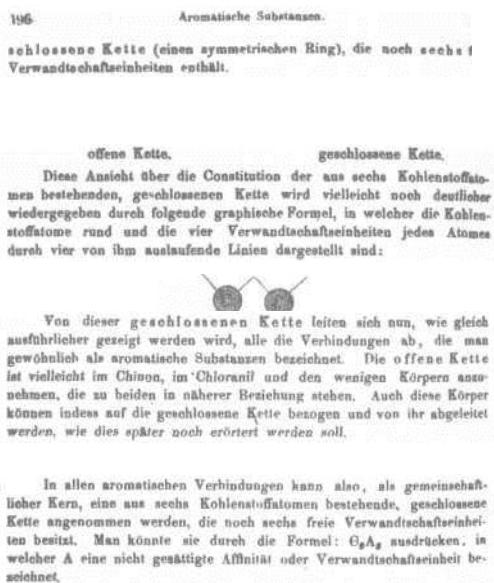
Encontramos exemplos disso em nossa vida cotidiana, onde às vezes os dilemas são solucionados pelas mais surpreendentes e novas proposições. Muitos artistas, filósofos e mesmo cientistas devem suas melhores idéias a inspirações nascidas de súbito do inconsciente. A capacidade de alcançar um veio particularmente rico deste material e transformá-lo de maneira eficaz em filosofia, em literatura, em música ou em descobertas científicas é o que comumente chamamos genialidade.

Podemos encontrar na própria história da ciência provas evidentes desse fato. Por exemplo, o matemático francês Poincaré e o químico Kekulé devem importantes descobertas científicas

cas (como eles mesmos admitem) a repentinhas "revelações" pictóricas do inconsciente.

A chamada experiência "mística" do filósofo francês Descartes foi uma destas revelações repentinhas na qual ele viu, num clarão, a "ordem de todas as ciências". O escritor inglês Robert Louis Stevenson levou anos procurando uma história que se ajustasse à sua "forte impressão da dupla natureza do homem" quando, num sonho, lhe foi revelado o enredo de *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*.

Adiante vou descrever, com maiores detalhes, como este material surge do inconsciente, examinando então a sua forma de expressão. No momento desejo apenas assinalar que a capacidade da nossa psique para produzir este material novo é particularmente significativa quando se trata do simbolismo do sonho, desde que a minha experiência profissional provou-me, repetidamente, que as imagens e as idéias contidas no sonho não podem ser explicadas apenas em termos de memória; expressam pensamentos novos que ainda não chegaram ao limiar da consciência.



O químico alemão Kekulé (século XIX), quando pesquisava a estrutura molecular do benzeno, sonhou com uma serpente que mordia o seu próprio rabo. (Trata-se de um símbolo antíquissimo: à esquerda, está representado em um manuscrito grego do século III A.C.). O sonho fez-lo concluir que esta estrutura seria um círculo fechado de carbono — como se vê, à extrema esquerda, numa página do seu *"Manual de Química Orgânica"* (1861).

À direita, uma estrada europeia com um cartaz que significa "cuidado: animais na pista". Mas os motoristas (sua sombra aparece no primeiro plano) vêem um elefante, um rinoceronte e até mesmo um dinossauro. Este quadro (do artista suíço contemporâneo Erhard Jacoby) representa um sonho e retrata a natureza aparentemente ilógica e incoerente da imagem onírica.

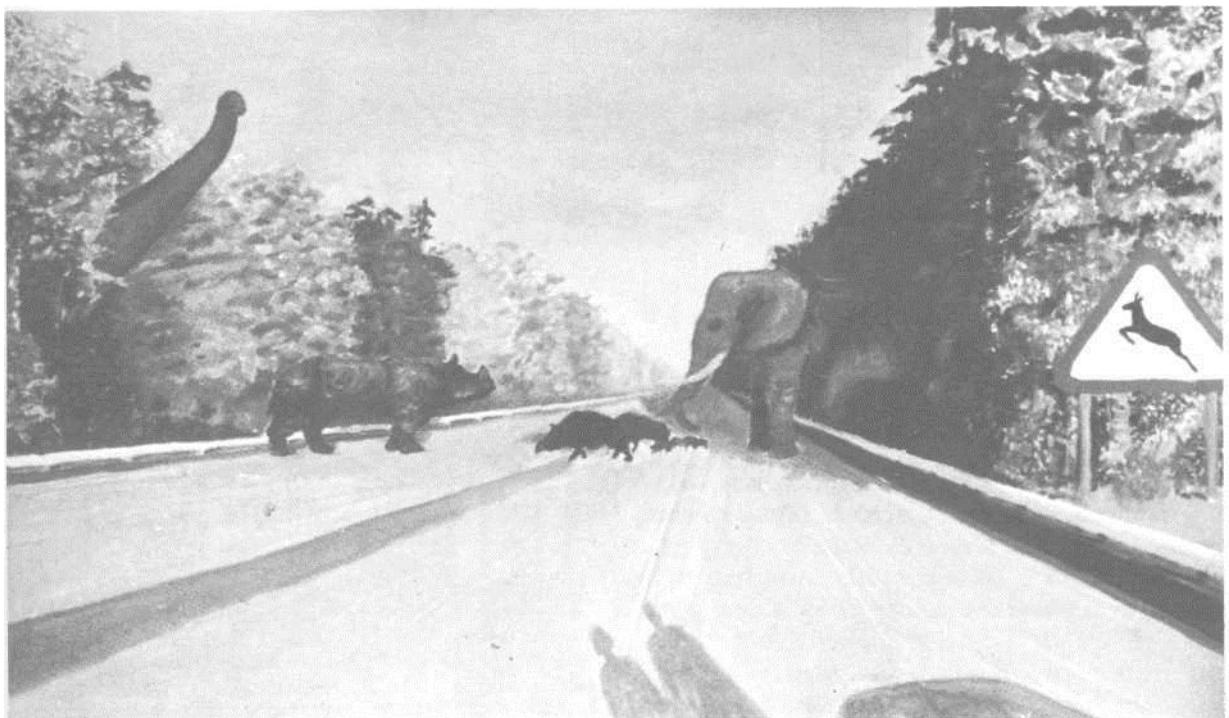
## A função dos sonhos

Entrei em detalhes sobre as origens da nossa vida onírica por ser ela o solo de onde, originalmente, medra a maioria dos símbolos. Infelizmente, é difícil compreender os sonhos. Como já assinalei, um sonho em nada se parece com uma história contada pela mente consciente. Na nossa vida cotidiana refletimos sobre o que queremos dizer, escolhemos a melhor maneira de dizê-lo e tentamos dar aos nossos comentários uma coerência lógica. Uma pessoa instruída evitará, por exemplo, o emprego de metáforas complicadas a fim de não tornar confuso o seu ponto de vista. Mas os sonhos têm uma textura diferente. Neles se acumulam imagens que parecem contraditórias e ridículas, perde-se a noção de tempo, e as coisas mais banais se podem revestir de um aspecto fascinante ou aterrador.

Parecerá estranho que o inconsciente disponha o seu material de modo tão diverso dos es-

quemas aparentemente disciplinados que imprimimos aos nossos pensamentos, quando acordados. No entanto, quem quer que se detenha na recordação de um sonho perceberá este contraste, contraste este que é uma das principais razões para que os sonhos sejam de tão difícil compreensão para os leigos. Como não fazem sentido em termos da nossa experiência diurna normal, há uma tendência ou para ignorá-los ou para nos confessarmos desorientados e confundidos.

Talvez este ponto se torne mais claro se tormarmos consciência de que as idéias de que nos ocupamos na nossa vida diurna e aparentemente disciplinada não são tão precisas como queremos crer. Ao contrário, o seu sentido (e a importância emocional que têm para nós) torna-se cada vez mais vago à medida que as examinamos de mais perto. A razão para isto é que qualquer coisa que tenhamos ouvido ou experimentado pode



tornar-se subliminar — isto é, passar ao inconsciente. E mesmo aquilo que retemos no nosso consciente e que podemos reproduzir à vontade adquire um meio-tom inconsciente que dá novo colorido à idéia, cada vez que ela é convocada. Nossas impressões conscientes, de fato, assumem rapidamente um elemento de sentido inconsciente que tem para nós uma significação psíquica, apesar de não estarmos conscientes da existência deste fator subliminar ou da maneira pela qual ambos ampliam e perturbam o sentido convencional.

Evidentemente estes meios-tons psíquicos diferem de pessoa para pessoa. Cada um de nós recebe noções gerais ou abstratas no contexto particular de sua mente e, portanto, entende e aplica estas noções também de maneira particular e individual. Quando, numa conversa, uso palavras como "estado", "dinheiro", "saúde" ou "sociedade", parto do pressuposto de que os que me escutam dão a estes termos mais ou menos a mesma significação que eu. Mas a expressão "mais ou menos" é que importa aqui. Cada palavra tem um sentido ligeiramente diferente para cada pessoa, mesmo para os de um mesmo nível cultural. O motivo destas variações é que uma noção geral é recebida num contexto individual, particular e, portanto, é também compreendida e aplicada de um modo individual particular. As diferenças de sentido são maiores, naturalmente quando as pessoas têm experiências sociais, políticas, religiosas ou psicológicas de nível desigual.

Sempre que os conceitos são idênticos às palavras, a variação é quase imperceptível e não tem qualquer função prática. Mas quando se faz necessária uma definição exata ou uma explicação mais cuidada, podemos descobrir as variações mais extraordinárias, não só na compreensão puramente intelectual do termo, mas particularmente no seu tom emocional e na sua aplicação. Estas variações são sempre subliminares e, portanto, as pessoas não as percebem.

Podemos rejeitar tais diferenças considerando-as supérfluas ou simples nuances dispensáveis por serem de pouca aplicação às nossas necessidades cotidianas. Mas o fato de existirem vem mostrar que até os conteúdos mais banais da consciência têm à sua volta uma orla de penumbra e de incertezas. Mesmo o conceito filosófico ou matemático mais rigorosamente definido, que sabemos só conter aquilo que nele coloca-

mos, ainda é mais do que pressupomos. É um acontecimento psíquico e, como tal, parcialmente desconhecido. Os próprios algarismos usados para contar são mais do que julgamos ser: são, ao mesmo tempo, elementos mitológicos (para os adeptos de Pitágoras chegavam a ser divinos). Mas certamente não tomamos conhecimento disto quando empregamos os números com objetivos práticos.

Em suma, todo conceito da nossa consciência tem suas associações psíquicas próprias. Quando tais associações variam de intensidade (segundo a importância relativa deste conceito em relação à nossa personalidade total, ou segundo a natureza de outras idéias e mesmo complexos com os quais esteja associado no nosso in-

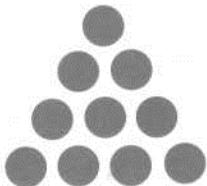
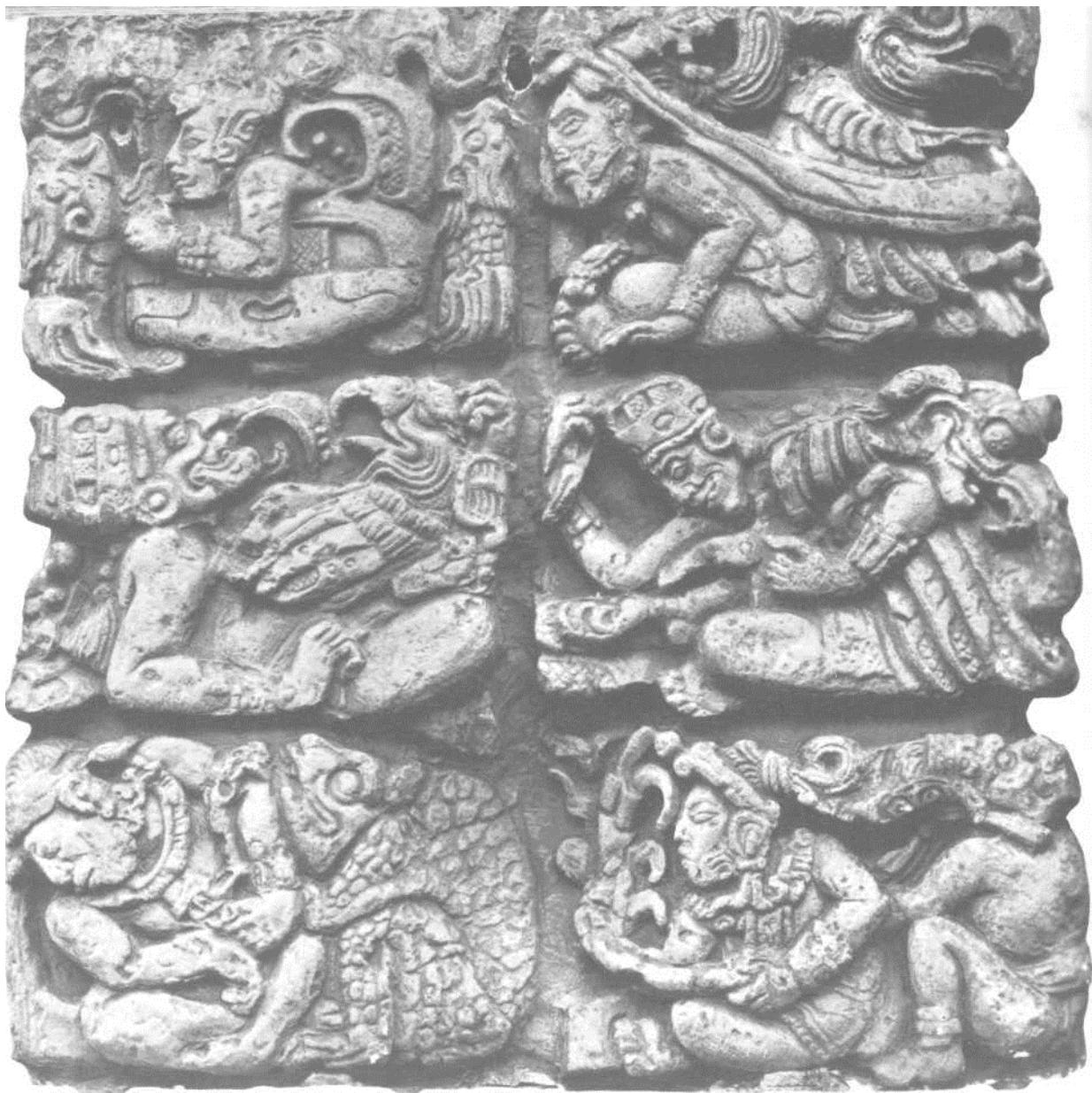




Nestas páginas, outros exemplos da natureza irracional e fantástica dos sonhos. Acima, à esquerda, corujas e morcegos enxameiam em torno de um homem que sonha (água-forte de Goya - século XVIII). Dragões e

outros monstros semelhantes são imagens comuns dos sonhos. À esquerda, um dragão persegue um sonhador numa xilogravura de O Sonho de Polifílio, do monge italiano Francesco Colonna,

Século XV.  
Acima, neste quadro de Marc Chagall, a inesperada associação de imagens — peixe, violino, relógio e amantes — transmite toda a confusão de um sonho.



O aspecto mitológico dos algarismos ordinais aparece nesses relevos dos maias (alto da página, cerca do ano 730 A.C., que personificam como deuses as divisões numéricas do tempo. A pirâmide de pontos, acima, representa o *tetrakys* da filosofia pitagorista (século VI A.C.). Consiste de quatro números — 1,2,3,4 —, perfazendo um total de 10. Os números 4 e 10 eram adorados pelos pitagoristas como divindades.



consciente), elas são capazes de mudar o caráter "normal" daquele conceito. O conceito pode mesmo tornar-se qualquer coisa totalmente diferente, à medida que é impulsionado abaixo do nível da consciência.

Estes aspectos subliminares de tudo o que nos acontece parecem ter pouca importância em nossa vida diária. Mas na análise dos sonhos, onde os psicólogos se ocupam das expressões do inconsciente, são aspectos relevantes, pois se constituem nas raízes quase invisíveis dos nossos pensamentos conscientes. É por isto que objetos ou idéias comuns podem adquirir uma significação psíquica tão poderosa que acordamos seriamente perturbados, apesar de termos sonhado coisas absolutamente banais — como uma porta fechada ou um trem que se perdeu.

As imagens produzidas no sonho são muito mais vigorosas e pitorescas do que os conceitos e experiências congêneres de quando estamos acordados. E um dos motivos é que, no sonho, tais conceitos podem expressar o seu sentido inconsciente. Nos nossos pensamentos conscientes restringimo-nos aos limites das afirmações racionais — afirmações bem menos coloridas, desde que as despojamos de quase todas as suas associações psíquicas.

Lembro-me de um sonho que tive e que achei realmente difícil interpretar. Neste sonho, um certo homem tentava aproximar-se de mim e pular às minhas costas. Nada sabia a respeito dele a não ser que se utilizara de uma observação minha e, transformando o seu significado, tornara-a grotesca. Mas eu não conseguia ver qual a

ligação entre este fato e a sua tentativa de saltar às minhas costas. Na minha experiência profissional, no entanto, muitas vezes acontece alguém interpretar erradamente o que digo — e isto ocorre tantas vezes que já nem me dou ao trabalho de me perguntar se isto me irrita ou não. De fato, há uma certa conveniência em guardar-se controle, conscientemente, das nossas reações emocionais. E era aí que estava, como logo verifiquei, o sentido do meu sonho. Eu usaria um coloquialismo austríaco e o transformaria em imagem visual. É uma expressão muito comum na Áustria dizer-se "*Du kannst mir auf den Buckel steigen*" (você pode montar nas minhas costas), que significa "pouco me importa o que você fala de mim".

Pode-se qualificar este sonho de simbólico porque não representa uma situação de modo direto e sim indiretamente, por meio de uma metáfora, que a princípio não percebi. Quando isto acontece (como é freqüente) não se trata de um "disfarce" proposital do sonho; é resultado, apenas, da nossa dificuldade em captar o conteúdo emocional da linguagem ilustrada. De fato, na vida cotidiana precisamos expor nossas idéias da maneira mais exata possível e aprendemos a rejeitar os adornos da fantasia tanto na linguagem quanto nos pensamentos — perdendo, assim, uma qualidade ainda característica da mentalidade primitiva. A maioria de nós transfere para o inconsciente todas as fantásticas associações psíquicas inerentes a todo objeto e a toda idéia. Já os povos primitivos ainda conservam estas propriedades psíquicas, atribuindo a ani-

Não apenas os números, mas também objetos familiares como pedras e árvores podem ter uma importância simbólica. À esquerda, pedras brutas colocadas à beira da estrada por viajantes, na Índia. Representam o *lingam*, o símbolo fálico hindu da criatividade. À direita, uma árvore da África ocidental, que as tribos chamam ju-ju ou árvore-espírito, e à qual atribuem poderes mágicos.





mais, plantas e pedras poderes que julgamos estranhos e inaceitáveis.

Um habitante da selva africana, por exemplo, que vê à luz do dia um animal noturno pode reconhecer nele um médico ou curandeiro que tenha tomado aquela forma temporariamente ; ou considerá-lo a alma do mato ou o espírito ancestral de alguém da tribo. Uma árvore pode exercer um papel vital para um primitivo, possuindo aparentemente sua alma e sua voz, e o homem sentirá os seus dois destinos interligados. Existem alguns índios na América do Sul que afirmam ser araras vermelhas, apesar de saberem muito bem que lhes faltam penas, asas e bicos. Isto porque, no mundo primitivo, as coisas não têm fronteiras tão rígidas como as das nossas sociedades "racionais".

Aquilo a que os psicólogos chamam identidade psíquica, ou "participação mística", foi afastado do nosso mundo objetivo. Mas é exatamente este halo de associações inconscientes que dá ao mundo primitivo aspecto tão colorido e fantástico; a tal ponto perdemos contato com ele que se o reencontramos nem o reconhecemos. Conosco, estes fenômenos situam-se abaixo do limite da consciência e quando, ocasionalmente, reaparecem insistimos em dizer que algo de errado está ocorrendo.

Fui consultado várias vezes por pessoas inteligentes e cultas que estavam profundamente chocadas com certos sonhos, fantasias e mesmo visões. Supunham que este tipo de coisas não acontece aos sãos de espírito e que aqueles que têm visões devem sofrer de algum distúrbio patológico. Um teólogo disse-me, certa vez, que as visões de Ezequiel eram apenas sintomas mórbidos e que, quando Moisés e outros profetas ouviam "vozes", estavam sofrendo de alucinação.

A esquerda, um feiticeiro do Cameron usando uma máscara de leão. Ele não finge ser um leão; está convencido de que é um leão. Como o congolês e sua máscara de pássaro (pág. 25) ele partilha uma "identidade psíquica" com o animal — identidade existente no reino do mito e do simbolismo. O homem "racional" moderno tentou livrar-se deste tipo de associação psíquica (que no entanto subsiste no seu inconsciente); para ele, uma espada é uma espada e um leão é apenas o que o dicionário (à direita) define.

Imaginem, pois o pânico de que este homem se viu possuído quando algo deste gênero lhe aconteceu "espontaneamente". Estamos de tal modo habituados à natureza aparentemente racional do nosso mundo que dificilmente podemos imaginar que nos aconteça alguma coisa impossível de ser explicada pelo bom senso comum. O homem primitivo, ao se defrontar com este tipo de conflito, não duvidaria da sua sanidade — pensaria em fetiches, em espíritos ou em deuses.

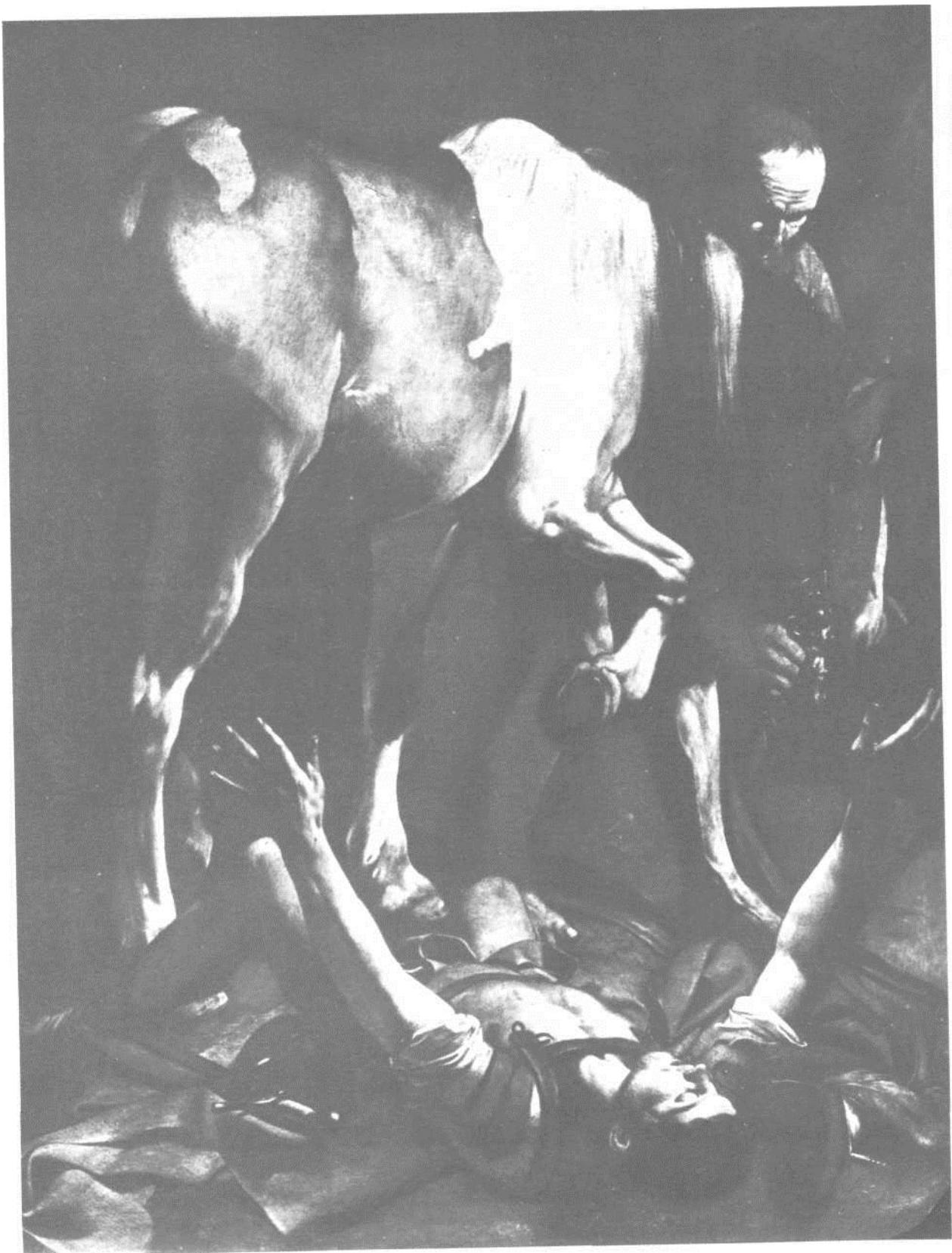
As emoções que nos afetam são, no entanto, exatamente as mesmas. Os receios que nascem de nossa elaborada civilização podem ser muito mais ameaçadores do que os atribuídos pelos povos primitivos aos demônios. A atitude do homem civilizado faz-me, por vezes, lembrar um paciente psicótico da minha clínica, que era médico. Uma manhã perguntei-lhe como se sentia. Respondeu-me que passara uma excelente noite desinfetando o céu inteiro com cloreto de mercúrio, mas que durante todo este processo sanitário não encontrara o menor traço de Deus. Temos aí um caso de neurose, ou talvez de coisa mais grave. Em lugar de Deus ou do "medo de Deus" há uma neurose de angústia ou uma espécie de fobia. A emoção conservou-se a mesma, mas, a um tempo, o nome e a natureza do seu objeto mudaram para pior.

Lembro-me de um professor de filosofia que consultou-me, um dia, sobre a sua fobia ao câncer. Sofria da convicção compulsiva de que tinha um tumor maligno, apesar de nada ter sido acusado em dezenas de chapas de raios X. "Sei que não há nada", dizia ele "mas pode haver." Qual seria a causa desta idéia fixa? Obviamente vinha de um medo que nada tinha a ver com a sua vontade consciente. Aquele pensa-

620

liquefy

**lion**, *lī'ən*, *n.* a large, fierce, tawny, loud-roaring animal of the cat family, the male with shaggy mane: (*fig.*) a man of unusual courage: (*astron.*) the constellation or the sign Leo: any object of interest, esp. a famous or conspicuous person much sought after (from the lions once kept in the Tower, one of the sights of London): an old Scots coin, with a lion on the obverse, worth 7*4* shillings Scots (James VI):—*fem.* *lī'ənēs*.—*ns.* *lī'əncl*, *lī'əncll*, *lī'əncl*, (*her.*) a small lion used as a bearing; *lī'ənēt*, a young lion; *lī'ən-hērt*, one with great courage.—*adj.* *lī'ən-hērt'ed*.—*n.* *lī'ən-hūnter*, a hunter of lions; one who runs after celebrities.—*v.t.* *lī'ən-iſe*, to treat as a lion or object of interest: to go around the sights of: to show the sights to.—*n.* *lī'ən-iſm*, lionising: lion-like appearance in leprosy.—*adj.* *lī'ən-like*, *lī'ən-only*.—*lion's provider*, the jackal, supposed to attend upon the lion, really his hunger-on; *lion's share*, the whole or greater part;





À esquerda, São Paulo, caído ante o impacto de sua visão de Cristo (num quadro do artista italiano Caravaggio, século XVI).

Acima, fazendeiros javaneses sacrificam um galo a fim de proteger seus campos dos espíritos. Tais crenças e práticas são fundamentais na vida primitiva.



Acima, o homem é apresentado, na moderna escultura do inglês Jacob Epstein, como um monstro mecânico — talvez uma imagem moderna dos "espíritos maus".

mento mórbido de repente tomava conta dele, e com tal força que não conseguia controlar-se.

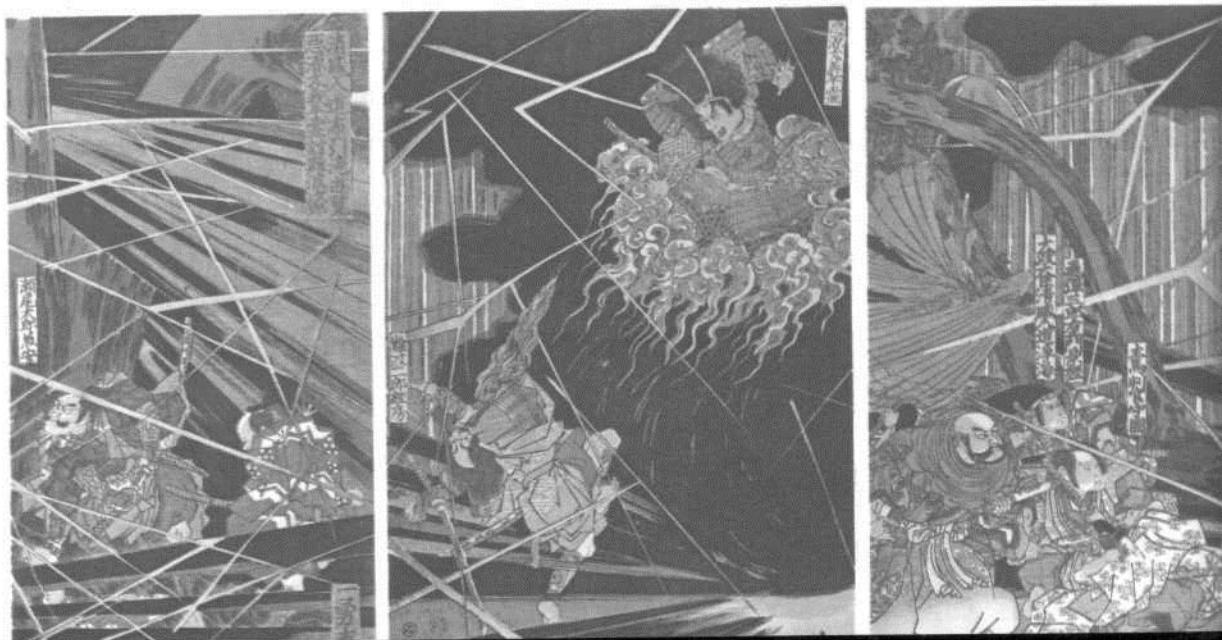
Era bem mais difícil para este homem culto aceitar um fenômeno deste tipo do que seria para o homem primitivo dizer que fora atormentado por um fantasma. A influência maligna de espíritos maus é, pelo menos, uma hipótese admissível nas culturas primitivas, enquanto que para o civilizado é uma experiência perturbadora admitir que seus males nada mais são que uma tola extravagância da imaginação. O fenômeno primitivo da *obsessão* não desapareceu; é o mesmo de sempre. Apenas é interpretado de maneira diversa e mais desagradável.

Fiz várias comparações deste tipo entre o homem moderno e o primitivo. São essenciais, como mostrarei adiante, para compreendermos a tendência do homem de construir símbolos e a participação dos sonhos para expressá-los. Pois vamos descobrir que muitos sonhos apresentam imagens e associações análogas a idéias, mitos e ritos primitivos. Estas imagens oníricas eram chamadas por Freud "resíduos arcaicos". A expressão sugere que estes "resíduos" são elementos psíquicos que sobrevivem na mente humana há tempos imemoriais. É um ponto de vista característico dos que consideram o inconsciente um simples apêndice do consciente (ou, numa

linguagem mais pitoresca, como uma lata de lixo que guarda todo o refugo do consciente).

Pesquisas posteriores levaram-me a crer que esta é uma atitude insustentável e que deve ser desprezada. Constatei que associações e imagens deste tipo são parte integrante do inconsciente, e podem ser observadas por toda parte — seja o sonhador instruído ou analfabeto, inteligente ou obtuso. Não são, de modo algum, "resíduos" sem vida ou significação. Têm, ao contrário, uma função e são sobretudo valiosos (como mostra o Dr. Henderson num outro capítulo) devido, exatamente, ao seu caráter "histórico". Constituem uma ponte entre a maneira por que transmitimos conscientemente os nossos pensamentos e uma forma de expressão mais primitiva, mais colorida e pictórica. E é esta forma, também, que apela diretamente à nossa sensibilidade e à nossa emoção. Essas associações "históricas" são o elo entre o mundo racional da consciência e o mundo do instinto.

Já comentei a respeito do contraste interessante entre os pensamentos "controlados" que temos quando acordados e a riqueza de imagens produzidas pelos sonhos. Podemos constatar agora uma outra razão para esta diferença: na nossa vida civilizada despojamos tanto as idéias da sua energia emocional que já não reagimos



mais a elas. Usamos estas idéias nos nossos discursos, reagimos convencionalmente quando outros também as utilizam, mas elas não nos causam uma impressão profunda. É necessário haver alguma coisa mais eficaz para que mudemos de atitude ou de comportamento. E é isto que a "linguagem do sonho" faz: o seu simbolismo tem tanta energia psíquica que somos obrigados a prestar-lhe atenção.

Havia, por exemplo, uma senhora conhecida por seus insuportáveis preconceitos e obstinada resistência a qualquer argumento racional. Podia-se discutir com ela uma noite inteira; não tomaria o menor conhecimento das nossas opiniões. Seus sonhos, no entanto, empregaram uma linguagem inteiramente diferente. Uma noite sonhou que estava numa importante reunião social, onde foi recebida pela anfitriã com as seguintes palavras: "Que bom você ter podido vir. Todos os seus amigos estão aqui à sua espera." E levou-a até uma porta, que abriu, introduzindo-a num estábulo.

A linguagem deste sonho é simples o bastante para que até um ignorante a entenda. A mulher, a princípio, recusou-se a admitir o sentido de um sonho que vinha atingir tão diretamente o seu amor-próprio. Mas acabou compreendendo a mensagem que lhe era enviada, e após algum tempo aceitou a pilharia que se auto-infligira.

Estas mensagens do inconsciente têm uma importância bem maior do que se pensa. Na nossa vida consciente estamos expostos a todos os tipos de influência. As pessoas estimulam-nos

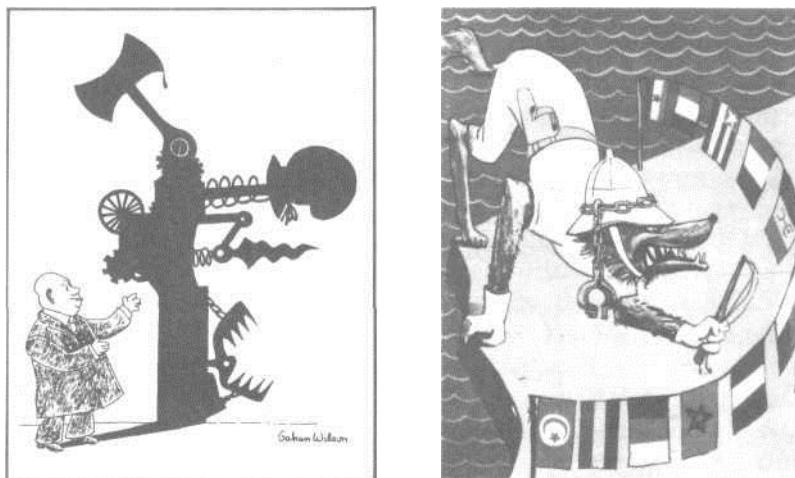
ou deprimem-nos, ocorrências na vida profissional ou social desviam a nossa atenção. Todas estas influências podem levar-nos a caminhos opostos à nossa individualidade; e quer percebamos ou não o seu efeito, nossa consciência é perturbada e exposta, quase sem defesas, a estes incidentes. Isto ocorre em especial com pessoas de atitude mental extrovertida, que dão todo o relevo a objetos exteriores, ou com as que abrigam sentimentos de inferioridade e de dúvida envolvendo o mais íntimo da sua personalidade.

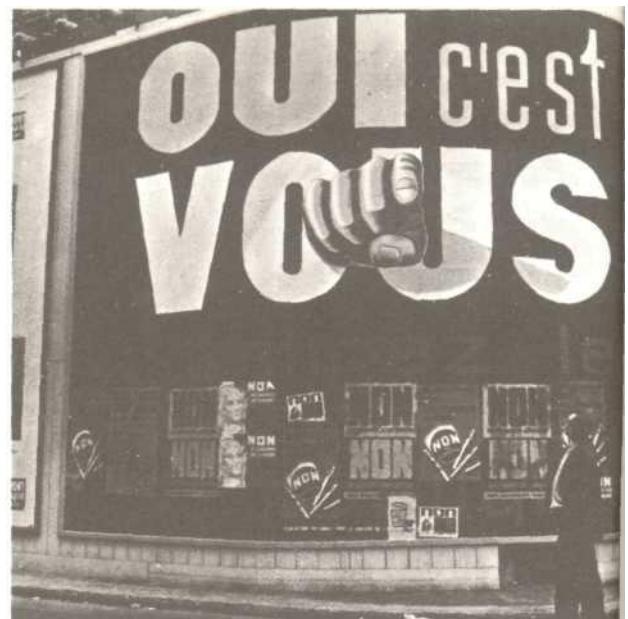
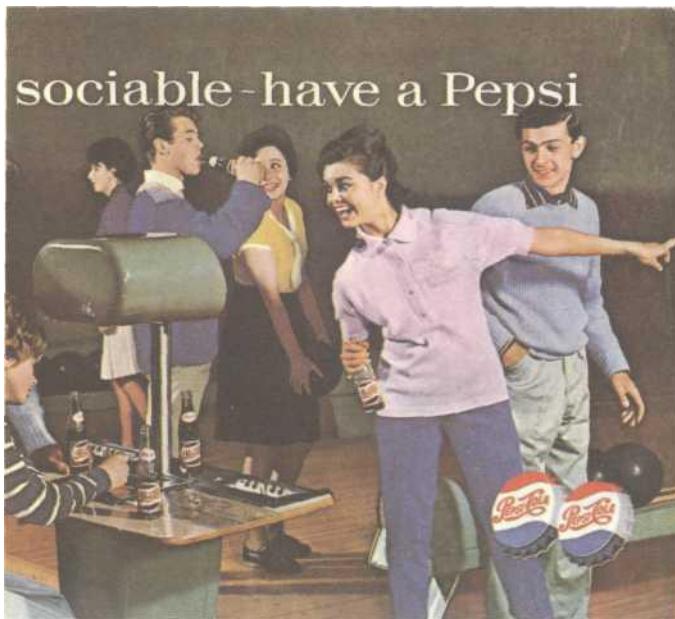
Quanto mais a consciência for influenciada por preconceitos, erros, fantasias e anseios infantis mais se dilata a fenda já existente, até chegar-se a uma dissociação neurótica e a uma vida mais ou menos artificial, em tudo distanciada dos instintos normais, da natureza e da verdade.

A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É ao que chamo função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica. Explica por que pessoas com idéias pouco realísticas, ou que têm um alto conceito de si mesmas, ou ainda que constroem planos grandiosos em desacordo com a sua verdadeira capacidade, sonham que voam ou que caem. O sonho compensa as deficiências de suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne-as dos perigos dos seus rumos atuais. Se os avisos do sonho são rejeitados, podem ocorrer acidentes reais. A pessoa pode cair de uma escada ou sofrer um desastre de carro.

À esquerda, duas outras representações de espíritos: ao alto, demônios execráveis descem sobre Santo Antônio (quadro de Grünewald, artista alemão do século XVI). Abaixo, no painel central de um tríptico japonês do século XIX, o fantasma de um homem assassinado golpeia seu matador.

Conflitos ideológicos criam muitos "demônios" do homem moderno. À direita, uma caricatura do norte-americano Graham Wilson apresenta Krushchev como uma monstruosa máquina da morte. A extrema direita, uma caricatura da revista russa *Krokodil* mostra o "colonialismo" como um lobo demoníaco que está sendo empurrado para o mar pelas bandeiras das várias nações africanas independentes.





Lembro-me do caso de um homem que se envolveu numa série de negócios escusos. Como uma espécie de compensação criou uma paixão quase mórbida pelas formas mais arriscadas de alpinismo. Procurava "erguer-se sobre si mesmo". Uma noite sonhou que ao escalar o pico de uma montanha muito alta precipitara-se no espaço vazio. Quando me contou o sonho, verifiquei imediatamente o perigo que corria e tentei reforçar ainda mais aquele aviso para persuadi-lo a moderar-se. Cheguei mesmo a dizer-lhe que o sonho pressagiava sua morte num acidente de alpinismo. Foi inútil. Seis meses mais tarde "precipitou-se no espaço vazio". Um guia o observava enquanto, com um companheiro, descia por uma corda até um local de difícil acesso. O amigo encontrara um apoio temporário para os pés, numa saliência, e ele o seguia. Repentinamente, soltou a corda como se (segundo o guia) estivesse "se precipitando no ar". Caiu sobre o amigo, ambos despencaram montanha abaixo e morreram.

Outro caso típico foi o de uma senhora que estava vivendo muito acima das suas possibilidades. Alta e autoritária na sua vida cotidiana, tinha, à noite, sonhos terríveis com toda espécie de coisas desagradáveis. Quando lhe expliquei os sonhos recusou-se, indignada, a tomar conhecimento deles. Os sonhos foram se tornando cada vez mais ameaçadores e cheios de

referências a caminhadas que costumava fazer, sozinha, pelos bosques e onde se entregava a emotivos devaneios. Vi o perigo que corria, mas ela recusou-se a ouvir os meus conselhos. Pouco tempo depois foi atacada por um pervertido sexual no bosque onde passeava. Não tivesse havido a intervenção de pessoas que ouviram seus gritos ela teria sido morta.

Não há nenhuma magia nestes fatos. Os sonhos daquela mulher revelaram que ela alimentava um desejo secreto por tal tipo de aventura — assim como o alpinista procurava, inconscientemente, solução definitiva para os seus problemas. Obviamente nenhum deles esperava pagar tal preço: nem ela ter várias fraturas, nem ele perder a vida.

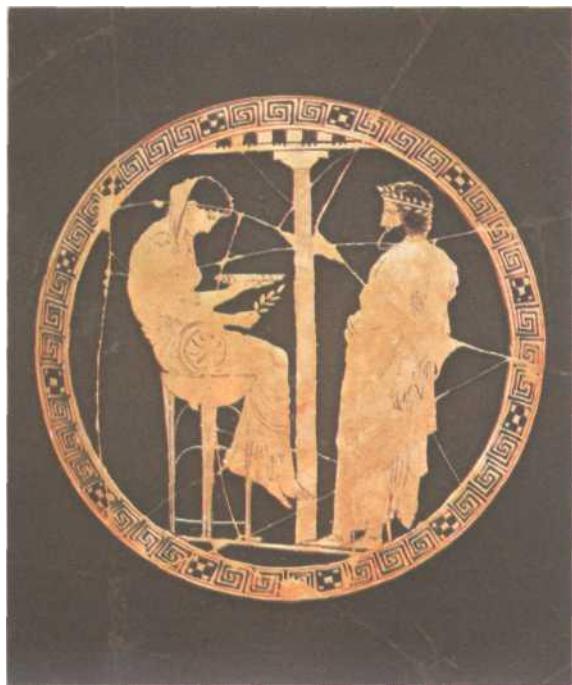
Assim, os sonhos algumas vezes podem revelar certas situações muito antes de elas realmente acontecerem. Não é necessariamente um milagre ou uma forma de previsão. Muitas crises da nossa vida têm uma longa história inconsciente. Caminhamos ao seu encontro passo a passo, desapercebidos dos perigos que se acumulam. Mas aquilo que conscientemente deixamos de ver é, quase sempre, captado pelo nosso inconsciente, que pode transmitir a informação através dos sonhos.

Os sonhos muitas vezes nos advertem; mas tantas outras parece que não o fazem. Portanto, qualquer suposição de que uma mão be-

À esquerda, duas das influências a que está exposta a consciência do homem contemporâneo: a publicidade (um anúncio americano de 1960 destacando a "sociabilidade") e a propaganda política (um cartaz para um plebiscito de 1962, recomendando votar "sim", mas recoberto pelos "não" da oposição). Estas e outras influências levam-nos a viver de uma maneira nada condizente com a nossa natureza individual. E o desequilíbrio psíquico que podem provocar deve ser compensado pelo inconsciente.

O faroleiro à direita (caricatura do norte-americano Roland B. Wilson) sofre, aparentemente, de distúrbios psicológicos devido ao seu isolamento. O seu inconsciente, na função de compensador, produziu uma companhia imaginária, a quem o faroleiro confessa (segundo a legenda da caricatura): "Não é só isso Bill, mas ontem me surpreendi novamente falando comigo mesmo!"

O oráculo de Delfos, abaixo, sendo consultado pelo rei Egeu de Atenas (pintura em vaso). "Mensagens" do inconsciente são, muitas vezes, tão ambíguas e enigmáticas como as declarações dos oráculos.



nevolente nos pode refrear a tempo é duvidosa. Ou, para sermos mais claros, parece que uma força benéfica por vezes funciona e outras não. A mão misteriosa pode até, ao contrário, indicar um caminho de perdição — os sonhos às vezes provam ser armadilhas, ou pelo menos parece que o são. Em certas ocasiões, comportam-se como o oráculo de Delfos quando disse ao rei Creso que se atravessasse o rio Haly destruiria um grande reino. Só depois de derrotado numa batalha, após ter transposto o rio, é que descobriu que o reino a que o oráculo se referia era o seu próprio.

Não podemos nos permitir nenhuma ingenuidade no estudo dos sonhos. Eles têm sua origem em um espírito que não é bem humano, e sim um sopro da natureza — o espírito de uma deusa bela e generosa, mas também cruel. Se quisermos caracterizar este espírito, vamos aproximar-nos bem melhor dele na esfera das mitologias antigas e nas fábulas das florestas primitivas do que na consciência do homem moderno. Não estou querendo negar as grandes conquistas que nos trouxe a evolução da sociedade civilizada, mas tais conquistas realizaram-se à custa de enormes perdas, cuja extensão mal começamos a avaliar. As comparações que fiz entre os estados primitivo e civilizado do homem tiveram como objetivo parcial mostrar o saldo destes ganhos e perdas.

O homem primitivo era muito mais governado pelos instintos do que seu descendente, o Kômem "racional", que aprendeu a "controlar-se". Em nosso processo de civilização separamos a consciência, cada vez mais, das camadas instintivas mais profundas da psique humana, e mesmo das bases somáticas do fenômeno psíquico. Felizmente, não perdemos estas camadas instintivas básicas; elas se mantiveram como parte do inconsciente, apesar de só se expressarem sob a forma de imagens oníricas. Estes fenômenos instintivos — que nem sempre podem ser reconhecidos como tal, já que o seu caráter é simbólico — representam um papel vital naquilo que chamei função compensadora dos sonhos.

Para benefício do equilíbrio mental e mesmo da saúde fisiológica, o consciente e o inconsciente devem estar completamente interligados, a fim de que possam se mover em linhas paralelas. Se se separam um do outro ou se "dissociam", ocorrem distúrbios psicológicos. Neste particular, os símbolos oníricos são os mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional, e a sua interpretação enriquece a pobreza da nossa consciência fazendo-a compreender, novamente, a esquecida linguagem dos instintos.

As pessoas, é claro, tendem a pôr em dúvida esta função já que os seus símbolos muitas vezes passam despercebidos ou incompreendidos. Na vida normal, a compreensão dos sonhos é até, por vezes, considerada supérflua. Posso dar um exemplo da experiência que tive com uma tribo primitiva da África Ocidental. Para meu espanto, os seus habitantes negavam que tivessem sonhos. Através de conversas pacientes e de perguntas indiretas, logo descobri que, como qualquer outra pessoa, também sonhavam, mas que apenas estavam convencidos de que seus sonhos não tinham significação alguma. "Os sonhos do homem comum não querem dizer nada", afirmaram-me. Pensavam que os únicos sonhos importantes eram os dos chefes das tribos e os dos feiticeiros que, como diziam respeito ao bem-estar geral do grupo, tinham grande valor aos seus olhos. O problema, no entanto, era que o chefe da tribo e o feiticeiro afirmavam terem deixado de sonhar coisas significativas. Esta mudança datava da época em que os ingleses haviam chegado ao país. O comissário do

distrito - o oficial britânico encarregado daquela tribo - tomara para si a função de sonhar, ele mesmo, os "grandes sonhos" que até então regiam o comportamento da tribo.

Quando os habitantes desta tribo admitiram que, na verdade, sonhavam, julgando apenas que seus sonhos não tinham maior importância, estavam agindo como o homem moderno que pensa que seus sonhos não têm nenhuma significação apenas porque não os entendem. Mas até mesmo o homem civilizado pode, por vezes, observar que um sonho (de que talvez ele nem se lembre) é capaz de piorar ou melhorar o seu humor. O sonho foi "compreendido", só que de uma maneira subliminar. E é isto, aliás, que acontece habitualmente. Apenas nas raras vezes em que um sonho é particularmente impressionante, ou que passa a repetir-se a intervalos regulares, é que as pessoas buscam alguma interpretação.

Devo acrescentar aqui uma palavra de cautela a respeito da análise de sonhos feita de maneira pouco inteligente ou pouco competente. Existem pessoas cujo estado mental é de tamanho desequilíbrio que interpretar os seus sonhos pode ser extremamente arriscado. São casos em que uma consciência extremamente unilateral se encontra isolada de uma inconsciência irracional ou "louca" correspondente, e as duas não devem ser postas em contato sem precauções muito especiais.

De modo geral, é uma tolice acreditar-se em guias pré-fabricados e sistematizados para a interpretação dos sonhos, como se pudéssemos



comprar um livro de consultas para nele encontrar a tradução de determinado símbolo. Nenhum símbolo onírico pode ser separado da pessoa que o sonhou, assim como não existem interpretações definidas e específicas para qualquer sonho.

A maneira pela qual o inconsciente completa ou compensa o consciente varia tanto de indivíduo para indivíduo que é impossível saber até que ponto pode, na verdade, haver uma classificação dos sonhos e seus símbolos.

É claro que existem sonhos e símbolos isolados (preferia chamá-los "motivos") típicos, e que ocorrem com bastante freqüência. Entre estes motivos estão a queda, o vôo, a perseguição feita por animais selvagens ou por pessoas inimigas, sentir-se insuficiente ou impropriamente vestido em lugares públicos, estar-se apressado ou perdido no meio de uma multidão tumultuada, lutar com armas inúteis ou estar sem meios de defesa, correr muito sem chegar a lugar algum. Um motivo infantil típico é o sonho de crescer ou diminuir infinitamente, ou passar de um para outro extremo como em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Mas devo, novamente, acentuar que são motivos a serem considerados dentro do contexto do sonho, e não cifras de um código que se explicam por si mesmas.

O sonho recorrente é um fenômeno digno de apreciação. Há casos em que as pessoas sonham o mesmo sonho, desde a infância até a

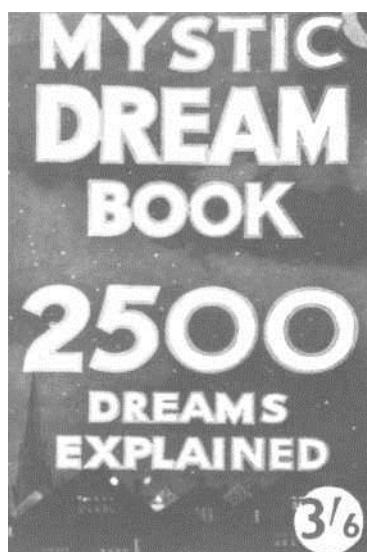
idade adulta. Este tipo de sonho é em geral uma tentativa de compensação para algum defeito particular que existe na atitude do sonhador em relação à vida; ou pode datar de um trauma que tenha deixado alguma marca. Pode também ser a antecipação de algum acontecimento importante que está para acontecer.

Sonhei durante muitos anos um mesmo motivo, no qual eu "descobria" uma parte da minha casa que até então me era desconhecida. Algumas vezes apareciam os aposentos onde meus pais, há muito falecidos, viviam e onde meu pai, para grande surpresa minha, montara um laboratório de estudo da anatomia comparada dos peixes e onde minha mãe dirigia um hotel para hóspedes fantasmas. Habitualmente, esta ala desconhecida surgia como um edifício histórico, há muito esquecido, mas de que eu era proprietário. Continha interessante mobiliário antigo e, lá para o fim desta série de sonhos, descobri também uma velha biblioteca com livros que não conhecia. Por fim, no último sonho, abri um dos livros e encontrei nele uma porção de gravuras simbólicas maravilhosas. Quando acordei, meu coração pulsava de emoção.

Algun tempo antes de ter este último sonho, eu havia encomendado a um vendedor de livros antigos uma coleção clássica de alquimistas medievais. Encontrara numa obra uma citação que me parecia relacionada com a antiga alquimia bizantina e queria verificar isto. Algumas semanas depois de ter tido o sonho do livro que

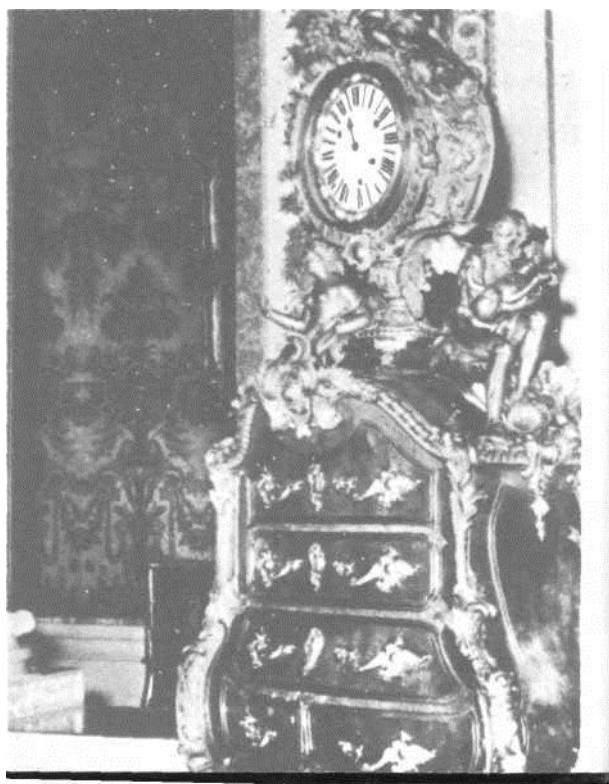
À esquerda, uma fotografia de Jung (o quarto, à direita), datada de 1926, com indígenas do Monte Elgon, no Quênia. O estudo objetivo das sociedades primitivas feito por Jung levou-o a muitas e valiosas intuições psicológicas.

À direita, dois livros de sonhos — um inglês, contemporâneo, e outro do antigo Egito (um dos mais velhos documentos escritos, datando aproximadamente do século 2000 a.C.). Estas interpretações práticas, já "preparadas", dos sonhos não têm valor algum. Os sonhos são fenômenos completamente individuais e seus símbolos não podem ser catalogados.



me era desconhecido, chegou um pacote do livreiro. Dentro havia um volume em pergaminho, datando do século XVI. Era ilustrado com fascinantes gravuras simbólicas, que logo me lembraram as que eu vira no meu sonho. Como a redescoberta dos princípios da alquimia tornou-se parte importante do meu trabalho pionheiro na psicologia, o motivo do meu sonho recorrente é de fácil compreensão. A casa, certamente, era o símbolo da minha personalidade e do seu campo consciente de interesses; e a ala desconhecida da residência representava a antecipação de um novo campo de interesse e pesquisa de que, na época, a minha consciência não se apercebera. Desde aquele momento, há 30 anos, o sonho não se repetiu.

No alto da página, um exemplo célebre do sonho, bastante vulgar, do crescimento exagerado: o desenho de *Alice no País das Maravilhas* (1877) mostra Alice crescendo a ponto de ocupar toda a casa. Ao centro, o sonho também muito comum de voar, num desenho (do artista inglês oitocentista William Blake) intitulado *Oh, Como Sonhei Coisas Impossíveis!*



## A análise dos sonhos

Comecei este ensaio acentuando a diferença existente entre um sinal e um símbolo. O sinal é sempre menos do que o conceito que ele representa, enquanto o símbolo significa sempre mais do que o seu significado imediato e óbvio. Os símbolos, no entanto, são produtos naturais e espontâneos. Gênio algum já se sentou com uma caneta ou um pincel na mão dizendo: "Agora vou inventar um símbolo." Ninguém pode tomar um pensamento mais ou menos racional, a que chegou por conclusão lógica ou por intenção deliberada, e dar-lhe forma "simbólica". Não importa de que adornos extravagantes se ornamente uma tal idéia — ela vai manter-se apenas um sinal associado ao pensamento consciente que significa, e nunca um símbolo a sugerir coisas ainda desconhecidas. Nos sonhos os símbolos ocorrem espontaneamente, pois sonhos acontecem, não são inventados; eles constituem, assim, a fonte principal de todo o nosso conhecimento a respeito do simbolismo.

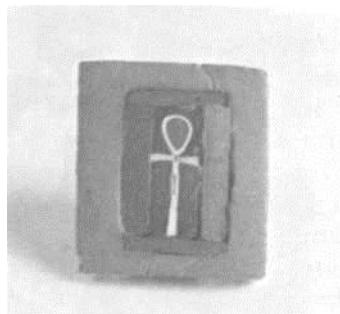
Devo fazer notar, no entanto, que os símbolos não ocorrem apenas nos sonhos; aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas. Existem pensamentos e sentimentos simbólicos, situações e atos simbólicos. Parece mesmo que, muitas vezes, objetos inanimados cooperam com o inconsciente criando formas simbólicas. Há numerosas histórias autênticas de relógios que param no momento em que seu dono morre, como aconteceu com o relógio de pêndulo no palácio de Frederico, o Grande, em Sans Souci,

que parou na hora da morte do rei. Outro exemplo comum é o de um espelho que se parte ou de um quadro que cai quando alguém morre. Ou também pequenos, mas inexplicáveis, acidentes de objetos que se quebram numa casa onde alguém sofre uma crise emocional. Mesmo que os cépticos se recusem a acreditar nessas histórias, a verdade é que elas estão sempre acontecendo, e só isto basta como prova da sua importância psicológica.

Há muitos símbolos, no entanto (e entre eles alguns do maior valor), cuja natureza e origem não é individual, mas sim *coletiva*. Sobretudo as imagens religiosas: o crente lhes atribui origem divina e as considera revelações feitas ao homem. O céptico garante que foram inventadas. Ambos estão errados. É verdade, como diz o céptico, que símbolos e conceitos religiosos foram, durante séculos, objeto de uma elaboração cuidadosa e consciente. É também certo, como julga o crente, que a sua origem está tão soterrada nos mistérios do passado que parece não ter qualquer procedência humana. Mas são, efetivamente, "representações coletivas" — que procedem de sonhos primitivos e de fecundas fantasias.

Este fato, como explico mais tarde, tem relação direta e essencial com a interpretação dos sonhos. É evidente que se considerarmos o sonho um símbolo, vamos interpretá-lo de maneira diversa daquele que acredita que a emoção e o pensamento energético já são conhecidos e estão

Objetos inanimados parecem por vezes "agir" simbolicamente: à esquerda, o relógio de Frederico, o Grande, que parou em 1786, quando seu dono morreu.



Símbolos são produzidos espontaneamente pelo inconsciente (apesar de poderem posteriormente ser elaborados conscientemente). À direita, o ankh, símbolo da vida, do universo e do homem, no antigo Egito. Em contraste, insígnias de companhias de aviação (extrema direita) não são símbolos, mas sinais conscientemente planejados.

apenas "disfarçados" pelo sonho. Neste último caso, não haverá sentido na interpretação dos sonhos desde que se vai encontrar, apenas, aquilo que já conhecemos.

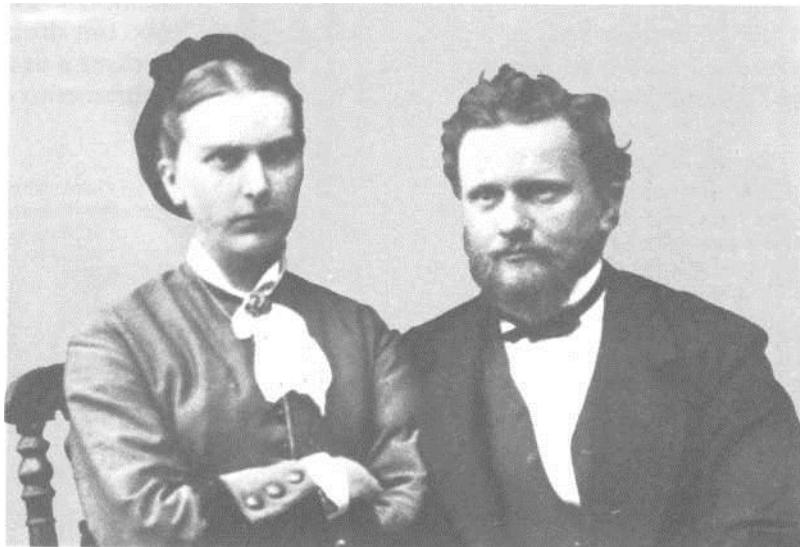
Por esta razão disse eu sempre a meus alunos: "Aprendam tanto quanto puderem a respeito do simbolismo; depois, quando forem analisar um sonho, esqueçam tudo." Este conselho tem tal importância prática que fiz dele uma lei para lembrar a mim mesmo que jamais poderei entender suficientemente bem o sonho alheio a ponto de interpretá-lo de modo perfeito. Estabeleci esta regra com o objetivo de impedir o fluxo das minhas próprias associações e reações que, de outro modo, acabariam predominando sobre as perplexidades e hesitações dos meus pacientes. Assim como é da maior importância terapêutica para um analista captar o mais exatamente possível a mensagem particular de um sonho (isto é, a contribuição feita pelo inconsciente ao consciente), também é-lhe essencial explorar o conteúdo do sonho com a mais criteriosa minúcia.

Tive um sonho, na época em que trabalhava com Freud, que ilustra bem este ponto. Sonhei que estava em *minha casa*, aparentemente no primeiro andar, numa sala de estar muito confortável e agradável, mobiliada no estilo do século XVIII. Estava admirado por nunca ter-me encontrado naquela saleta antes, e começava a perguntar-me como seria o andar térreo. Desci e cheguei a um cômodo bastante escuro, de paredes almofadadas e uma mobília pertencente ao

século XVI, ou talvez mais antiga ainda. Minha surpresa e curiosidade aumentaram. Queria conhecer *toda* a disposição da casa. Desci então ao porão, onde encontrei uma porta que abria para um lance de degraus de pedra, levando a uma grande sala abobadada. O chão era de enormes lajes de pedra e as paredes pareciam muito antigas. Examinei a argamassa e verifiquei que estava misturada a pedaços de tijolos. Obviamente eram paredes de origem romana. Sentia-me cada vez mais agitado. Num canto vi uma laje com uma argola de ferro. Puxei a argola e encontrei outro lance de degraus estreitos que conduziam a uma gruta, uma espécie de sepultura pré-histórica, onde se encontravam duas caveiras, alguns ossos e cacos de cerâmica. Neste momento acordei.

Se Freud, ao analisar este sonho, tivesse seguido o meu método na exploração do seu contexto e das suas associações específicas, teria chegado a uma longa história. Mas receio que ele a desprezasse considerando-a uma simples tentativa para escapar a um problema que, na verdade, era seu. O sonho, de fato, é um resumo da minha vida ou, mais especificamente, do desenvolvimento da minha mente. Cresci numa casa que tinha 200 anos, nossa mobília possuía peças de cerca de 300 anos e minha maior aventura espiritual, até aquela ocasião, fora o estudo das filosofias de Kant e Schopenhauer. O grande acontecimento da época era o trabalho de Charles Darwin. Pouco antes deste período eu ainda vivia orientado pelos conceitos medievais de

À direita, o pai e a mãe de Jung. O interesse revelado por Jung pela mitologia e religiões antigas afastou-o do mundo religioso de seus pais (seu pai era pastor) — como se verifica pelo sonho discutido nesta página, que teve quando trabalhava com Freud. À extrema direita, Jung no Hospital Burghölzli, em Zurique, onde trabalhou como psiquiatra, em 1900.



meus pais, para quem o mundo e os homens eram conduzidos ainda pela onipotência e providênciam divinas. Este mundo tornara-se antiquado e obsoleto e minha fé cristã perdera seu caráter absoluto ao defrontar-se com as religiões ocidentais e a filosofia grega. Por este motivo o andar térreo do meu sonho era tão silencioso, escuro e, obviamente, inabitado.

Meu interesse pela história, naquela época, tinha se originado de um outro interesse — a anatomia comparada e a paleontologia, quando trabalhava como assistente no Instituto Anatómico. Ficara fascinado com o estudo fóssil do homem, particularmente o discutido homem de Neanderthal e a controvertida caveira do Pithecanthropus, de Dubois. Na verdade, estas eram as minhas reais associações com o sonho; mas nem ousei mencionar a Freud nada sobre caveiras, esqueletos ou cadáveres porque sabia que este tema não lhe era nada simpático. Ele alimentava a impressão singular de que eu antecipava-lhe uma morte prematura. E chegara a esta conclusão porque eu demonstrara grande interesse pelos corpos mumificados da chamada Bleikeller de Bremen, que visitáramos juntos em 1909 a caminho do navio que nos levou à América.

Por isso relutei em expor-lhe o que pensava, já que outra experiência recente deixara-me profundamente impressionado com o fosso quase intransponível existente entre os seus pontos de vista e idéias básicos e os meus. Receava perder sua amizade se o deixasse penetrar no meu mun-

do interior que, talvez, lhe, parecesse muito estranho. Sentindo-me também inseguro quanto à minha própria psicologia, disse-lhe, quase automaticamente, uma mentira a respeito das minhas "livres associações", fugindo assim à tarefa impraticável de esclarecê-lo sobre a minha constituição psíquica, tão pessoal e totalmente diversa da sua.

Devo pedir ao leitor que me perdoe esta longa narrativa das dificuldades em que me meti para contar meu sonho a Freud. Mas é um bom exemplo dos embaraços em que a gente se envolve no decorrer da análise real de um sonho, de tal modo são importantes as diferenças de personalidade do analista e do analisado.

Verifiquei logo que Freud procurava algum "desejo inconfessável" no meu sonho. Por isso sugeri, especulativamente, que as caveiras poderiam referir-se a alguns membros da minha família cuja morte eu desejassem, por um motivo qualquer. Esta suposição foi bem aceita por ele, mas eu não ficara nada satisfeito com esta solução "postiça".

Enquanto tentava encontrar respostas razoáveis às perguntas de Freud, perturbei-me com a minha intuição a respeito da função exercida pelo fator subjetivo na compreensão psicológica. Minha intuição era tão forte que eu só tinha um pensamento — o que fazer para sair desta situação emaranhada em que me metera. Segui o caminho mais fácil, mentindo, o que não é nem elegante nem moralmente defensável; de outra maneira, no entanto, eu me arriscaria a uma briga fatal com Freud, para a qual, por várias razões, não me sentia preparado.

Esta minha intuição foi a compreensão imediata e bastante inesperada de que o sentido do meu sonho era a *minha* própria pessoa, a *minha* vida e o *meu* mundo, *minha* realidade total contra a estrutura teórica erguida por outra mente desconhecida, por motivos e propósitos que lhe eram particulares. Não se tratava do sonho de Freud, mas do meu. E num lampejo comprehendi o que meu sonho me queria dizer.

Este conflito ilustra um ponto vital na análise dos sonhos. É menos uma técnica que se pode aprender e aplicar de acordo com as regras do que uma permuta dialética entre duas personalidades. Se tratarmos a análise como uma técnica mecânica, perde-se a personalidade psíquica da pessoa que sonha e o problema terapêutico fica



reduzido a uma simples interrogação: qual das duas pessoas em jogo — o analista ou o sonhador — dominará a outra? Foi por este motivo que desisti do tratamento hipnótico, desde que não queria impor aos outros a minha vontade. Desejava que o processo da cura nascesse da própria personalidade do paciente e não de sugestões minhas, que teriam um efeito apenas passageiro. Meu objetivo era proteger e preservar a dignidade e a liberdade do meu doente para que ele vivesse a sua vida de acordo com os seus próprios desejos. Nesta experiência com Freud foi-me revelada, pela primeira vez, a noção de que antes de construirmos teorias gerais a respeito do homem e sua psique deveríamos aprender bastante mais sobre o ser humano com quem vamos lidar.

O indivíduo é a realidade única. Quanto mais nos afastamos dele para nos aproximarmos de idéias abstratas sobre o *homo sapiens* mais probabilidades temos de erro. Nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muito depende das suas qualidades mentais e morais. Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos.

## O problema dos tipos

Em todos os outros ramos da ciência é lícito aplicar-se uma hipótese a um assunto ou tema impessoal. A psicologia, no entanto, inevitavelmente nos confronta com as relações vivas entre dois indivíduos, nenhum dos quais pode ser despojado da sua personalidade subjetiva nem, na verdade, despersonalizado em qualquer outro sentido. O analista e seu paciente podem estabelecer que um determinado problema será tratado de um modo impessoal e objetivo. Mas, no momento em que se absorvem no assunto, suas personalidades vão ficar totalmente envolvidas. Nesta altura, só podem alcançar êxito chegando a um acordo mútuo.

Será possível emitir um julgamento objetivo sobre o resultado final? Só se fizermos uma comparação entre as nossas conclusões e os padrões considerados válidos no meio social a que o indivíduo pertence. E mesmo então precisamos ter em conta o equilíbrio mental (ou "sanidade") da pessoa em causa. Pois o resultado não poderá ser um nivelamento coletivo do indivíduo para ajustá-lo às "normas" da sua socie-



Um extrovertido autoritário domina um introvertido retraído, nesta caricatura do norte-americano Jules Feiffer. Os termos jungianos para distinguir os "tipos" humanos não são, absolutamente, dogmáticos. Gandhi (à direita), por exemplo, era, a um tempo, um asceta (introvertido) e um líder político (extrovertido). Um indivíduo — qualquer um de uma multidão, à direita — só pode ser classificado de forma genérica.

dade, já que tal procedimento levá-lo-ia a uma condição totalmente artificial. Uma sociedade saudável e normal é aquela em que as pessoas habitualmente entram em divergência, desde que um acordo geral é coisa rara de existir fora da esfera das qualidades humanas instintivas.

Apesar de a divergência funcionar como veículo na vida mental de uma sociedade, não se pode considerá-la um objetivo em si. A concordância é igualmente importante. E porque a psicologia depende, basicamente, do equilíbrio dos contrários, nenhum julgamento pode ser considerado definitivo sem que se leve em conta a sua reversibilidade. A razão desta particularidade está no fato de não existir nenhum ponto de vista, acima ou fora da psicologia, que nos permita formar um julgamento definitivo sobre a natureza da psique.

Apesar de os sonhos pedirem um tratamento individual, são necessárias também algumas generalizações para classificar e esclarecer o material recolhido pelos psicólogos no seu estudo de um grande número de pessoas. Seria logica-

mente impossível formular ou ensinar qualquer teoria psicológica se nos limitássemos a descrever uma porção de casos isolados sem qualquer esforço para verificar o que têm em comum e aquilo em que diferem. Qualquer característica geral pode ser escolhida como base. Pode-se, por exemplo, fazer uma distinção relativamente simples entre indivíduos de personalidades "extrovertidas" e aqueles que são "introvertidos". Esta é apenas uma das muitas generalizações possíveis, mas permite-nos logo ver as dificuldades que podem surgir no caso de o analista pertencer a um dos tipos e seu paciente a outro.

Como qualquer análise mais profunda dos sonhos conduz a um confronto entre dois indivíduos, logicamente há de fazer uma grande diferença o fato de possuírem ou não o mesmo tipo de personalidade. Se ambos pertencem ao mesmo tipo, podem caminhar juntos e felizes por longo tempo; mas se um for extrovertido e o outro introvertido, seus pontos de vista, diferentes e contrários, logo vão entrar em choque, sobretudo se cada um deles não estiver cons-



ciente do seu tipo de personalidade ou julgar que o seu tipo é o único verdadeiramente bom. O extrovertido, por exemplo, vai adotar sempre o ponto de vista da maioria; o introvertido há de rejeitá-lo, justamente por ser "o que está na moda". Esta divergência é fácil de acontecer, já que o que tem valor para um é exatamente o que não o tem para o outro. Freud, por exemplo, considerava o tipo introvertido como o de um indivíduo morbidamente preocupado consigo mesmo. No entanto, a introspecção e o autoconhecimento podem também ser fatores da maior importância.

É de necessidade vital na interpretação dos sonhos tomarmos conhecimento destas diferenças de personalidade. Não se deve presumir que o analista seja um super-homem, acima destas diferenças, apenas porque é um médico, dono de uma teoria psicológica e de uma técnica correspondente. O médico só se pode considerar superior se pretender que sua teoria e sua técnica são verdades absolutas, capazes de dominar a totalidade da psique humana. Desde que tal pretensão é bastante discutível, ele não poderá ter este tipo de convicção. Como consequência, ver-se-á secretamente crivado de dúvidas ao confrontar com teorias e técnicas (que são simples hipóteses e tentativas) a totalidade humana que é o seu paciente, em lugar de confrontá-lo com a sua própria totalidade existencial.

A personalidade global do analista é o único equivalente apropriado da personalidade do paciente. Experiência e conhecimento psicológicos nada mais são que simples vantagens do lado do analista; e não vão livrá-lo da de-

A "bússola" da psique — outra forma jungiana de examinar as pessoas em geral. Cada ponto da bússola tem um polo oposto: para o tipo "pensante", o lado "sentimento" é menos desenvolvido ("sentimento" significa, aqui, a capacidade de pesar e avaliar a experiência — no sentido de se dizer "eu sinto que isto é uma boa coisa para fazer", sem precisar analisar ou raciocinar o porquê da ação). É claro que há justaposições em cada pessoa: um indivíduo que age segundo as suas "sensações" poderá possuir, igualmente forte, o lado "pensante" ou o lado do "sentimento" (e a "intuição", o polo oposto, ser o mais fraco).

sordem e da confusão a que vai ser posto à prova, juntamente com seu paciente. Assim, é muito importante saber se suas personalidades são harmônicas, divergentes ou complementares.

Extroversão e introversão são apenas duas entre as muitas peculiaridades do comportamento humano. São, muitas vezes, bastante óbvias e facilmente reconhecíveis. Ao estudarmos os indivíduos extrovertidos, por exemplo, logo iremos perceber que diferem um do outro em muitos aspectos, e que a extroversão é, portanto, um critério superficial e bastante genérico para caracterizar um só indivíduo. Por isto tentei, já há muito tempo, encontrar outras particularidades básicas capazes de ajudar a pôr alguma ordem nas diferenças, aparentemente ilimitadas, da individualidade humana.

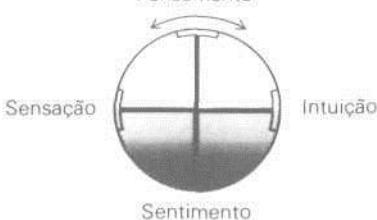
Sempre me impressionou o fato de que um número surpreendente de pessoas não utilize jamais a sua mente, se for possível evitá-lo, e também que um número considerável o faça de maneira absolutamente estúpida. Também espantou-me encontrar muitas pessoas inteligentes e argutas que vivem (tanto quanto se pode observar) como se nunca tivessem aprendido a usar os seus sentidos: não vêm o que lhes está diante dos olhos, nem ouvem as palavras que soam aos seus ouvidos ou notam as coisas em que tocam ou provam. Alguns vivem sem mesmo tomar consciência do seu próprio corpo.

Tive contato, também, com muitas pessoas que pareciam viver no mais estranho estado de espírito, como se a condição a que tivessem che-

Pensamento



Pensamento



gado hoje fosse definitiva, sem qualquer possibilidade de mudança, ou como se o mundo e a psique fossem estáticos e assim permanecessem eternamente. Pareciam destituídas de qualquer imaginação e dependiam, inteira e exclusivamente, da sua percepção sensorial. Acasos e possibilidades não existiam no mundo em que viviam e no seu "hoje" não havia um "amanhã" verdadeiro. O futuro nada mais significava que a repetição do passado.

Estou tentando aqui dar ao leitor uma rápida idéia das minhas primeiras impressões quando comecei a observar as pessoas que encontrava. Logo se me tornou evidente, no entanto, que as pessoas que utilizavam as suas mentes eram as que "pensavam" — isto é, aquelas que usavam as suas faculdades intelectuais tentando adaptar-se a gentes e circunstâncias. As pessoas igualmente inteligentes que não pensavam buscavam e encontravam o seu caminho através do "sentimento".

"Sentimento" é uma palavra que pede uma certa explicação. Por exemplo, falamos dos sentimentos que nos inspira uma pessoa ou uma coisa. Mas também empregamos a mesma palavra para definir uma opinião; por exemplo, um comunicado da Casa Branca pode dizer: "O Presidente sente..." Além disso, a palavra também pode ser usada para exprimir uma intuição: "Senti que..."

Quando uso a palavra "sentimento" em oposição a "pensamento" refiro-me a uma apreciação, a um julgamento de valores — por exemplo, agradável ou desagradável, bom ou mau, etc. O sentimento, de acordo com esta definição, não é uma emoção (que é involuntária). O sentir, na significação que dou à palavra (como pensar), é uma função *racional* (isto é, organizadora) enquanto a *intuição* é uma função *irracional* (isto é, perceptiva). Na medida em que a intuição é um "palpite", não será, logicamente, produto de um ato voluntário; é, antes, um fenômeno involuntário — que depende de diferentes circunstâncias externas ou internas — e não um ato de julgamento. A intuição é mais uma percepção sensorial que, por sua vez, também é um fenômeno irracional, já que depende essencialmente de estímulos objetivos oriundos de causas físicas e não mentais.

Estes quatro tipos funcionais correspondem às quatro formas evidentes, através das quais a consciência se orienta em relação à experiência.

A *sensação* (isto é, a percepção sensorial) nos diz que alguma coisa existe; o *pensamento* mostra-nos o que é esta coisa; o *sentimento* revela se ela é agradável ou não; e a *intuição* dir-nos-á de onde vem e para onde vai.

O leitor deve compreender que estes quatro critérios, que definem tipos de conduta humana, são apenas quatro pontos de vista entre muitos outros, como a força de vontade, o temperamento, a imaginação, a memória, e assim por diante. Nada há de dogmático a respeito deles, mas o seu caráter fundamental recomenda-os para uma classificação. Acho-os particularmente úteis quando preciso explicar as reações dos pais aos filhos, as dos maridos às mulheres e vice-versa. Ajudam-nos também a compreender nossos próprios preconceitos.

Assim, para entender os sonhos de outras pessoas precisamos sacrificar nossas preferências e reprimir nossos preconceitos. Não é fácil nem confortável fazê-lo, desde que implica um esforço moral nem sempre do nosso gosto. Mas se o analista não fizer este esforço para criticar seus próprios pontos de vista e admitir a sua relatividade, não há de obter a informação correta nem a penetração suficiente, necessárias ao conhecimento da mente do seu paciente. O analista espera da parte do paciente ao menos uma certa boa vontade a respeito das suas opiniões e da sua seriedade de propósitos. Quanto ao paciente, devem-lhe ser concedidos os mesmos direitos. Apesar de este tipo de relacionamento ser indispensável para qualquer bom entendimento — e, portanto, de evidente necessidade — precisamos lembrar-nos, repetidamente, que do ponto de vista terapêutico é mais importante que o *doente* compreenda do que o analista obter a confirmação de suas expectativas teóricas. A resistência do paciente à interpretação do analista não é uma reação errada; é, antes, sinal de que algo não está bem. Ou o paciente ainda não alcançou o estágio em que pode compreender, ou a interpretação não foi bastante adequada.

Nos esforços que fazemos para interpretar os símbolos oníricos de outra pessoa, quase sempre ficamos tolhidos por uma tendência para preencher as inevitáveis lacunas da nossa compreensão pela *projeção* — isto é, pela suposição de que aquilo que o analista percebe ou pensa é igualmente percebido ou raciocinado pelo autor do sonho. Para superar este manancial de erros, sempre insisti na importância de o médico se

ater ao contexto de cada sonho, excluindo todas as hipóteses teóricas sobre sonhos em geral — exceto a de que os sonhos fazem um certo sentido.

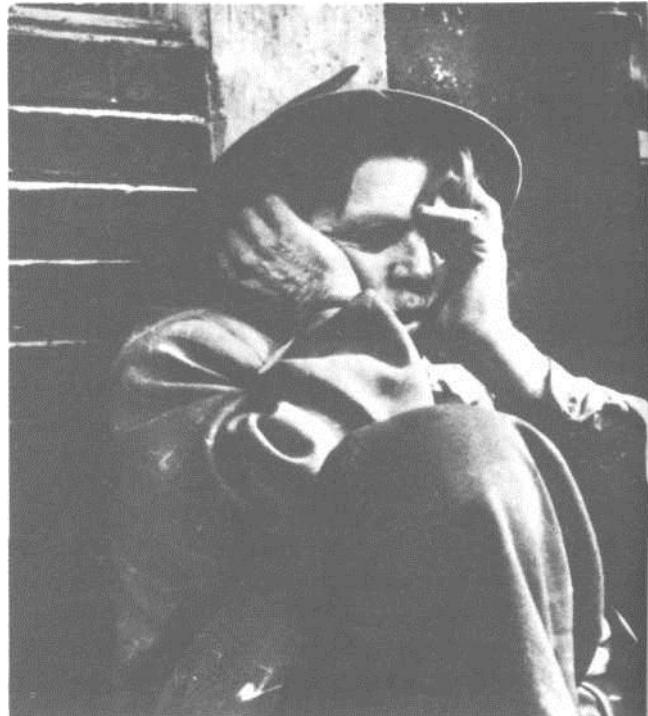
Com tudo o que disse, creio que deixei bem claro, assim, que não é possível estabelecer-se regras gerais para a interpretação dos sonhos. Quando expus a hipótese de que a função geral dos sonhos parece ser a de compensar deficiências ou distorções da consciência queria dizer que esta suposição constituía o mais promissor acesso ao estudo dos sonhos *particulares*. Em alguns casos esta função fica claramente evidenciada.

Um dos meus pacientes tinha-se em alto conceito e não percebia que quase todos os seus conhecidos irritavam-se com seu ar de superioridade. Contou-me um sonho no qual vira um vagabundo bêbado rolar numa sarjeta — espetáculo que apenas lhe provocara um comentário indulgente: "É horrível ver-se o quanto um homem pode cair." É evidente que o caráter desagradável do sonho constituía, em parte, uma tentativa de contrabalançar a sua vaidosa opinião sobre seus próprios méritos. Mas havia mais alguma coisa além disso. Acontecia que ele tinha um irmão alcoólatra. E então o sonho revelava, também, que aquela sua atitude superior compensava a figura do irmão, tanto interior como exteriormente.

Lembro-me de outro caso de uma mulher que se orgulhava da sua inteligente percepção da psicologia e que tinha sonhos recorrentes com uma outra mulher de suas relações. Na vida cotidiana não a apreciava, achando-a fútil e intrigante. Mas nos sonhos ela lhe aparecia como se fora uma irmã, amiga e simpática. Minha paciente não compreendia por que sonhava de maneira tão favorável com alguém de quem não gostava. Mas seus sonhos estavam tentando comunicar-lhe a idéia de que os aspectos inconscientes do seu caráter projetavam uma "sombra" muito parecida com a outra mulher. Foi difícil à minha paciente, que tinha opiniões muito definidas sobre a sua personalidade, aceitar que aquele sonho se referia ao seu próprio complexo de autoridade e a suas motivações ocultas — influências inconscientes que, mais de uma vez, haviam provocado desagradáveis atritos com seus amigos. Sempre culpara os outros por estas desavenças e nunca a si própria.

Não é apenas o lado da "sombra" de nossas personalidades que dissimulamos, desprezamos e reprimimos. Podemos fazer o mesmo com nossas qualidades positivas. Um exemplo que me ocorre é o de um homem aparentemente modesto, apagado e de maneiras encantadoras. Parecia contentar-se com um lugar nas últimas filas de qualquer reunião, mas insistia discretamente com a sua presença. Quando convidado a falar tinha sempre uma opinião correta a dar, a despeito de nunca intrometer-se. Algumas vezes dava a entender que determinado assunto poderia ser tratado de melhor forma e num nível mais elevado apesar de nunca explicar como fazê-lo.

Nos seus sonhos, no entanto, tinha encontros freqüentes com figuras históricas célebres, como Napoleão e Alexandre, o Grande. Estes sonhos compensavam, claramente, um complexo de inferioridade. Mas tinham ainda outras implicações. Que tipo de homem devo ser, perguntava o sonho, para receber a visita de personalidades tão ilustres? Neste particular o sonho assinalava uma secreta megalomania, que compensava o sentimento de inferioridade do paciente. Esta idéia inconsciente de grandeza isolava-o da realidade do seu ambiente, mantendo-o afastado de uma série de obrigações que se-



riam prementes para muitos outros. Não sentia necessidade alguma de provar — ou a si mesmo ou a outras pessoas — que a superioridade do seu autojulgamento estivesse fundamentada em méritos igualmente superiores.

Na verdade, jogava inconscientemente um jogo insano e os sonhos buscavam, de uma maneira curiosa e ambígua, dar-lhe consciência disto. Ser íntimo de Napoleão e dar-se muito bem com Alexandre, o Grande é exatamente o tipo de fantasia produzido por um complexo de inferioridade. Mas por que, podemos perguntar-nos, não pode o sonho ser mais direto e aberto, dizendo o que tem a dizer sem tanta ambigüide?

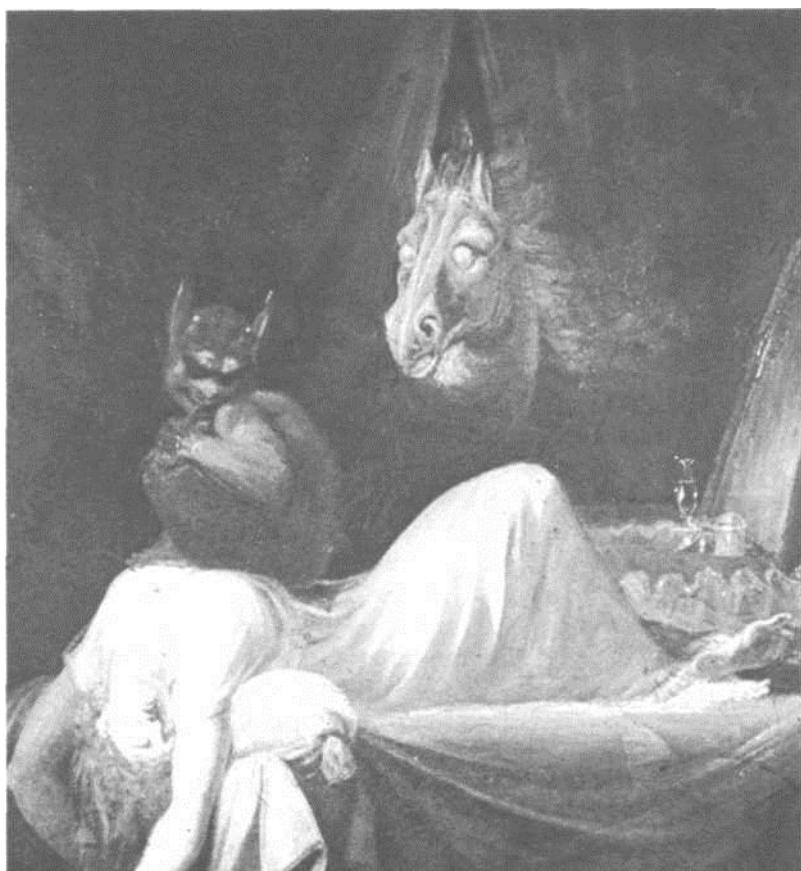
Várias vezes já me fizeram esta pergunta. E eu também já a fiz a mim mesmo. Fico surpreso com os caminhos tortuosos que os sonhos seguem para evitar informações precisas ou omitir algum ponto decisivo. Freud supôs que existiria uma função especial da psique, a que ele chamou "censura". A censura, segundo ele, é que deformava as imagens do sonho tornando-as irreconhecíveis a fim de enganar a consciência que está sonhando sobre o objetivo real do sonho. Ocultando do sonhador o pensamento crítico, a "censura" protegeria o seu sonho do choque

provocado por reminiscências desagradáveis. Mas esta teoria que faz do sonho guardião do sono deixa-me cético. Os sonhos, na verdade, estão sempre a perturbar o sono.

Parece-me, antes, que à aproximação da consciência o conteúdo subliminar da psique se "apaga". O estado subliminar conserva idéias e imagens a um nível de tensão bem menor do que o que elas possuem quando conscientes. Definem-se com menor clareza; as suas interrelações são menos consequentes e repousam em analogias mais imprecisas; são menos racionais e, portanto, mais "incompreensíveis". Este mesmo fenômeno pode ser observado em todas as condições vizinhas do sonho, provocadas pelo cansaço, pela febre ou por tóxicos. Mas se alguma coisa acontece, trazendo maior tensão a qualquer destas imagens, elas se tornam menos subliminares e, porque mais próximas do limiar da consciência, mais nitidamente definidas.

É esta observação que nos permite compreender por que os sonhos tantas vezes se expressam sob a forma de analogias, por que uma imagem onírica se funde numa outra, e por que nem a lógica nem a escala de tempo da nossa vida diária parecem ter neles qualquer aplicação. Os sonhos tomam um aspecto natural para o

À esquerda, um inveterado alcoólatra de uma favela de Nova Iorque (do filme *On the Bowery*, de 1955). Um tipo assim pode aparecer nos sonhos de um homem que se julgue superior aos outros. O seu inconsciente compensa, deste modo, a parcialidade de sua consciência.



À direita, *O Pesadelo*, quadro do suíço Henry Fuseli (século XVIII). Quase todo mundo já foi acordado, abalado e perturbado por algum sonho. Nossa sono não parece estar bem protegido contra a intromissão dos conteúdos do inconsciente.

nosso inconsciente porque o material de que são produzidos é retido em estado subliminar, precisamente desta forma. Os sonhos não protegem o sono daquilo a que Freud chamou "desejo incompatível" e o que ele considerava "disfarce" do sonho é, na verdade, a forma que os impulsos tomam naturalmente no inconsciente. Assim, um sonho não pode produzir um pensamento definido. E se começar a fazê-lo, deixa de ser sonho na medida em que estará atravessando o limiar da consciência. É por isto que os sonhos sempre parecem passar por cima ou saltar exatamente os pontos mais importantes para o nosso consciente, e revelam apenas a "fímbria da consciência", como o brilho pálido das estrelas durante um eclipse total do Sol.

Devemos entender que os símbolos do sonho são, na sua maioria, manifestações de uma parte da psique que escapa ao controle do consciente. Sentido e intenção não são prerrogativas da mente; atuam em toda a natureza vivente. Não há diferença de princípios entre o crescimento orgânico e o crescimento psíquico. Assim como uma planta produz flores, assim a psique cria os seus símbolos. E todo sonho é uma evidência deste processo.

É, portanto através dos sonhos (além de todo tipo de intuições, impulsos e outras ocorrências espontâneas) que as forças instintivas influenciam a atividade do consciente. Que esta influência seja boa ou má depende do conteúdo atual do inconsciente. Se contiver muitas coisas que normalmente deveriam ser conscientes, então a sua função torna-se deformada e perturbada. Aparecem motivos que não se baseiam nos instintos autênticos, mas que devem sua existência e sua importância psíquica ao fato de terem sido relegados ao inconsciente em consequência de uma repressão ou uma negligência. Eles recobrem, por assim dizer, a psique inconsciente normal, e distorcem a sua tendência natural para expressar símbolos e motivos fundamentais. Portanto, é aconselhável que o psicanalista, ao buscar as causas de um distúrbio mental, comece por obter do seu paciente uma confissão e uma compreensão mais ou menos voluntária de tudo o que gosta ou teme.

Este processo lembra a antiga confissão da Igreja católica que, em muitos pontos, antecipou-se às técnicas da moderna psicologia, pelo menos como regra geral. Na prática, no entanto, pode dar-se o contrário; um sentimento

de inferioridade excessivo ou uma séria fraqueza podem tornar difícil ou quase impossível ao paciente enfrentar a evidência das suas deficiências pessoais. Por isso, muitas vezes preferi iniciar um tratamento dando ao doente uma perspectiva positiva, que vai provê-lo de um valioso sentido de segurança quando se aproximarem as revelações mais dolorosas.

Tomemos como exemplo um sonho de "exaltação pessoal" (mania de grandeza) no qual toma-se chá com a rainha da Inglaterra ou se conversa intimamente com o Papa. Se a pessoa que sonha não for esquizofrênica, a interpretação prática do símbolo depende muito do seu estado de espírito do momento — isto é, da condição do seu ego. Se for uma pessoa que superestima suas qualidades, será fácil mostrá-la (partindo do material produzido pela associação de idéias) o quanto suas intenções são infantis e incongruentes, e como provêm do desejo pueril de igualar-se ou ser superior a seus pais. Mas se for um caso de inferioridade — em que o indivíduo fica de tal maneira saturado por um sentimento de demérito que este conceito passa a dominar todos os aspectos positivos da sua personalidade — seria um erro deprimi-lo ainda mais mostrando-lhe o quanto é infantil, ridículo ou mesmo perverso. Seu sentimento de inferioridade seria cruelmente aumentado e haveria ainda uma resistência indesejável e desnecessária ao tratamento.

Não existe uma doutrina ou uma técnica terapêutica de aplicação geral já que cada caso que se recebe para tratamento é o de um indivíduo particular, que possui condições específicas próprias. Lembro-me de um paciente a quem tratei durante nove anos. Eu só o via umas poucas semanas em cada ano, pois morava no estrangeiro. Desde o início verifiquei qual era o seu problema, mas vi também que a menor tentativa para chegar à verdade encontrava, da sua

À direita, os sonhos heróicos com que Walter Mitty (no filme extraído, em 1947, do romance de James Thurber) compensa seu sentimento de inferioridade.

parte, uma violenta reação defensiva que poderia provocar uma ruptura entre nós. Gostasse eu ou não, precisava esforçar-me da melhor maneira para manter o nosso relacionamento, acompanhando suas inclinações e tendências, sustentadas por sonhos, e que sempre afastavam nossos diálogos das raízes da sua neurose. Nossas discussões perdiam-se em digressões tão longas que muitas vezes acusei-me de estar desviando meu paciente do caminho acertado. E só não o confrontei brutalmente com a verdade porque o seu estado melhorava clara, apesar de lentamente.

No décimo ano de tratamento, no entanto, meu paciente considerou-se curado e liberto de todos os sintomas antigos. Surpreendi-me por que teoricamente seu estado era incurável. Notando o meu espanto ele sorriu e disse-me praticamente o seguinte: "Quero agradecer-lhe, sobretudo pelo seu tato infalível e pela paciência com que me ajudou a contornar minha neurose. Agora posso dizer-lhe tudo sobre ela. Se conseguisse falar livremente a seu respeito eu lhe teria contado na primeira consulta. Mas teria assim destruído toda a harmonia da nossa relação. E

que seria de mim? Estaria moralmente arrasado. Nestes 10 anos aprendi a confiar no senhor; e à medida que a minha confiança aumentava, melhorava o meu estado mental. Conseguir melhorar porque este processo lento restituui-me a confiança em mim mesmo. Agora sinto-me forte o bastante para discutir o problema que me estava destruindo."

Confessou-me então o seu problema de uma maneira totalmente franca, que me confirmou por que o nosso tratamento teve, realmente, de seguir aquele determinado curso. O seu choque inicial tinha sido de tal ordem que não conseguira enfrentá-lo sozinho. Precisava da ajuda de outra pessoa e o trabalho terapêutico indicado era, muito mais do que a demonstração de uma teoria clínica, o lento restabelecimento da sua confiança.

Casos como esse ensinaram-me a adaptar meus métodos às necessidades de cada paciente, em lugar de me entregar a considerações teóricas gerais que talvez não se aplicassem a nenhum caso particular. O conhecimento da natureza humana, que acumulei em 60 anos de experiência prática, ensinou-me a considerar cada caso como



O *Hospício*, quadro de Goya. Notem o "rei" e o "bispo", à direita. A esquizofrenia muitas vezes toma uma forma de "exaltação pessoal" (ou, em linguagem mais simples, de mania de grandeza).

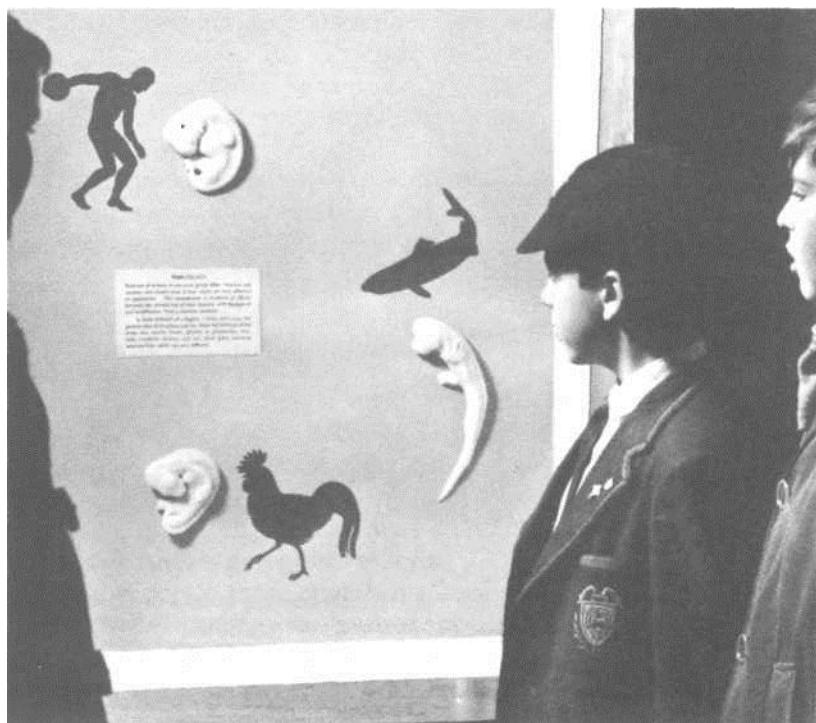
um caso novo para o qual, em primeiro lugar, precisava encontrar um meio de aproximação particular e especial. Não hesitei, algumas vezes, em mergulhar num estudo minucioso de ocorrências infantis e de fantasias. Outras vezes, comecei do alto, mesmo quando isto me obrigava a elevar-me às mais abstratas especulações metafísicas. Tudo depende de aprender-se a linguagem própria do paciente e de seguir-se as sondagens do seu inconsciente em busca de luz. Alguns casos pedem um determinado método, outros exigem um outro.

Isto é especialmente verdadeiro quando se procura interpretar sonhos. Dois indivíduos diferentes podem ter quase exatamente o mesmo sonho (o que na experiência clínica vem-se a descobrir que é bem mais comum do que o leigo pensa). Mas se, por exemplo, uma das pessoas que sonha for jovem e a outra velha, o problema que aflige a cada uma delas há de ser diferente e, logicamente, cometéramos um absurdo interpretando os dois sonhos da mesma maneira.

Um exemplo de que me recordo é o de um

sonho em que um grupo de jovens a cavalo atravessa um extenso campo. O sonhador é quem comanda o grupo e salta um valado cheio de água, vencendo o obstáculo. O resto do grupo cai na água. O jovem que primeiro me contou este sonho era um tipo cauteloso e introvertido. Mas também ouvi o mesmo sonho de um velho de temperamento ousado, que tivera uma vida ativa e arrojada, mas que na época do sonho achava-se inválido e dava imenso trabalho a seu médico e à sua enfermeira. Naquele momento, por desobedecer às prescrições médicas, sua saúde se agravara.

Estava claro que o sonho dizia ao jovem o que ele *devia* fazer. Já ao velho expressava o que ele *ainda fazia*. Enquanto o jovem hesitante estava sendo encorajado, o velho não necessitava do mesmo tipo de estímulo — o espírito ativo que ainda o sacudia interiormente era, na verdade, seu maior problema. Este exemplo nos mostra o quanto a interpretação de sonhos e de símbolos depende, em grande parte, das circunstâncias individuais de quem sonha e do seu estado de espírito.



Como nos mostra esta vitrina de um museu, o feto humano parece-se com o de outros animais (e fornece, assim, indicações sobre a evolução física do homem). A psique também "evoluiu"; e alguns conteúdos do inconsciente do homem moderno parecem-se com produtos da mente do homem primitivo. Jung chamava *arquétipos* a estes produtos.

# O arquétipo no simbolismo do sonho

Já sugeri que os sonhos servem a um propósito de compensação. Tal suposição significa que o sonho é um fenômeno psíquico normal, que transmite à consciência reações inconscientes ou impulsos espontâneos. Muitos sonhos podem ser interpretados com o auxílio do sonhador, que providencia tanto as associações quanto o contexto da imagem onírica por meio dos quais podemos explorar todos os seus aspectos.

Este método convém a todos os casos comuns — aqueles em que um parente, um amigo ou um paciente conta um sonho no decorrer de uma conversa. Mas quando é um caso de sonho obsessivo ou de sonhos com grande carga emocional, as associações pessoais produzidas pelo sonhador não são, em regra, suficientes para uma interpretação satisfatória. Em tais casos precisamos levar em conta o fato (primeiramente observado e comentado por Freud) de que num sonho muitas vezes aparecem elementos que não são individuais e nem podem fazer parte da experiência pessoal do sonhador. A estes elementos, como já mencionei antes, Freud chamava "*resíduos arcaicos*" — formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano.

Assim como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo em que existe. Por "história" não estou querendo me referir àquela que a mente constrói através de referências conscientes ao passado, por meio da linguagem e de outras tradições culturais; refiro-me ao desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique estava muito próxima à dos animais.

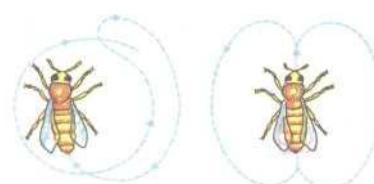
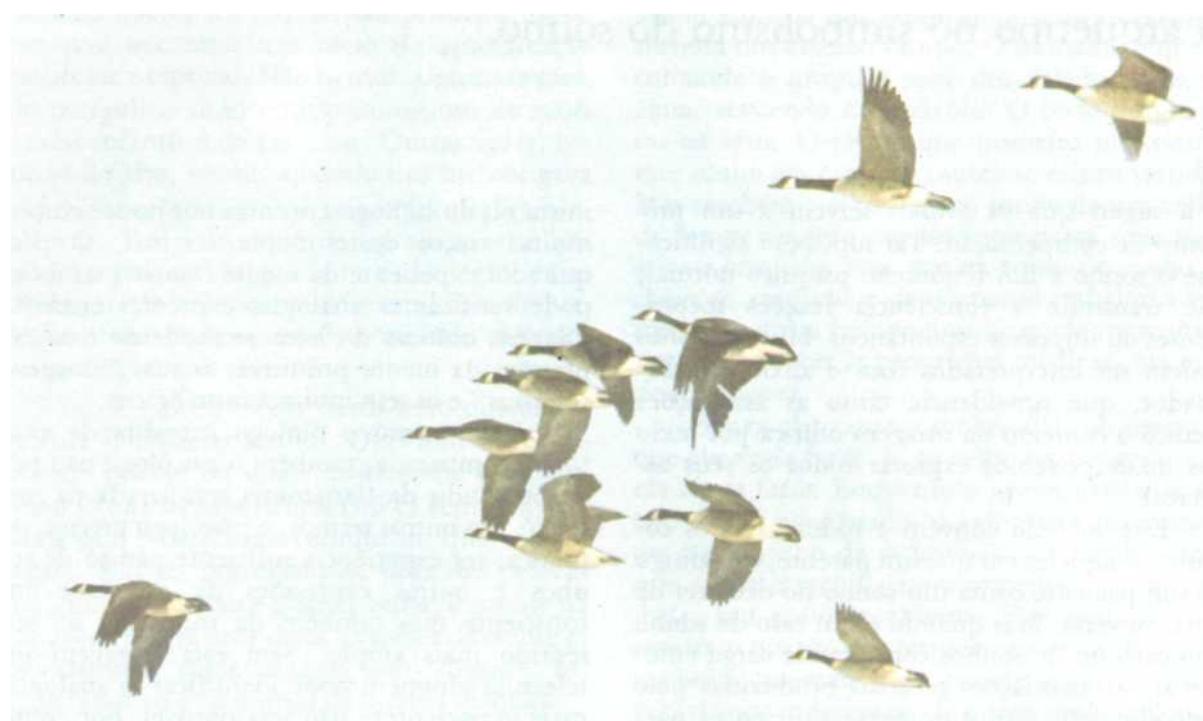
Esta psique, infinitamente antiga, é a base da nossa mente, assim como a estrutura do nosso corpo se fundamenta no molde anatômico dos mamíferos em geral. O olho treinado do anato-

mista ou do biólogo encontra nos nossos corpos muitos traços deste molde original. O pesquisador experiente da mente humana também pode verificar as analogias existentes entre as imagens oníricas do homem moderno e as expressões da mente primitiva, as suas "imagens coletivas" e os seus motivos mitológicos.

Assim como o biólogo necessita da anatomia comparada, também o psicólogo não pode prescindir da "anatomia comparada da psique". Em outros termos, o psicólogo precisa, na prática, ter experiência suficiente não só de sonhos e outras expressões da atividade inconsciente, mas também da mitologia no seu sentido mais amplo. Sem esta bagagem intelectual ninguém pode identificar as analogias mais importantes; não será possível, por exemplo, verificar a analogia existente entre um caso de neurose compulsiva e a clássica possessão demônica sem um conhecimento exato de ambos.

O meu ponto de vista sobre os "resíduos arcaicos", a que chamo "arquétipos" ou "imagens primordiais", tem sido muito criticado por aqueles a quem falta conhecimento suficiente da psicologia do sonho e da mitologia. O termo "arquétipo" é muitas vezes mal compreendido, julgando-se que expressa certas imagens ou motivos mitológicos definidos. Mas estes nada mais são que representações conscientes: seria absurdo supor que representações tão variadas pudessem ser transmitidas hereditariamente.

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo *irmãos inimigos*, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a "representações herdadas" e, em consequência, rejeitaram a idéia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e



As imagens arquetípicas do homem são tão instintivas quanto a habilidade dos gansos para emigrar (em formação); como a das formigas para se organizarem em sociedades; como a dança das abelhas (acima), que com um movimento traseiro comunicam à colmeia a localização exata de alimento.

Um professor contemporâneo teve uma "visão" exatamente igual à de uma xilogravura de um velho livro que não conhecia. À direita, a página de rosto do livro e uma outra gravura simbolizando a união dos elementos masculino e feminino. Estes símbolos arquetípicos vêm de uma base coletiva milenária da psique.

espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma *tendência* instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias.

É preciso que eu esclareça, aqui, a relação entre instinto e arquétipo. Chamamos instinto aos impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas. São a estas manifestações que chamo arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo — mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por "fecundações cruzadas" resultantes da migração.

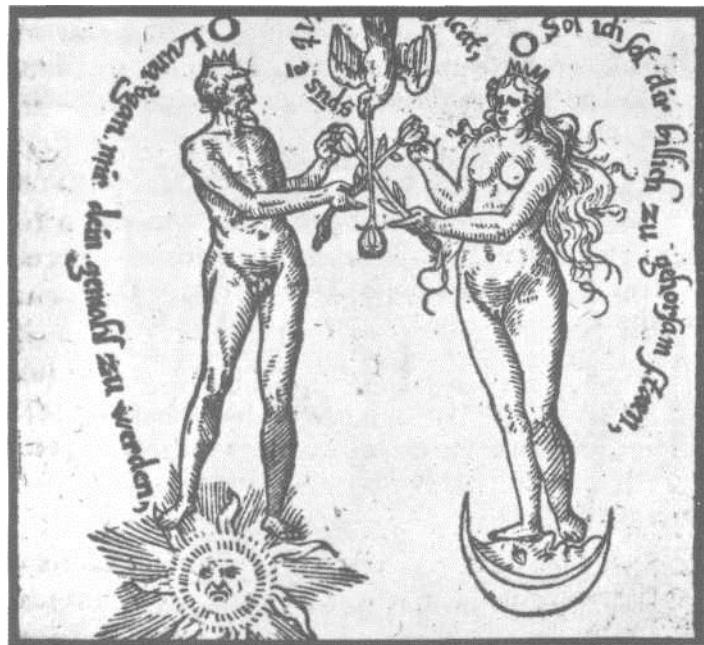
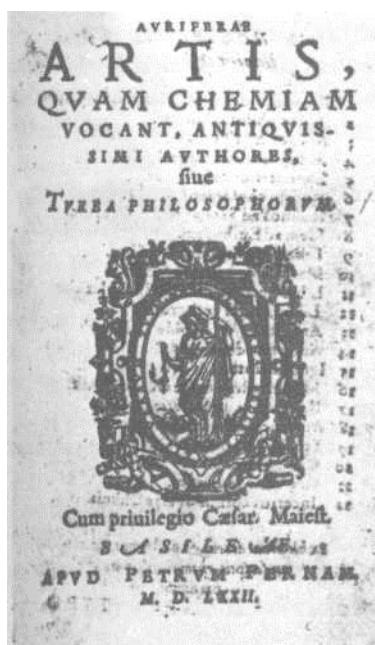
Recordo-me de muitos casos de pessoas que vieram consultar-me porque estavam confusas e perdidas com os seus sonhos ou com os de seus filhos. Encontravam-se perturbadas com os temores dos sonhos. Tratava-se de sonhos que continham imagens que aqueles pacientes não conseguiam relacionar com nenhuma das suas lembranças ou com idéias que pudessem ter transmitido aos filhos. No entanto, muitas destas pessoas possuíam instrução superior e havia mesmo, entre eles, alguns psiquiatras.

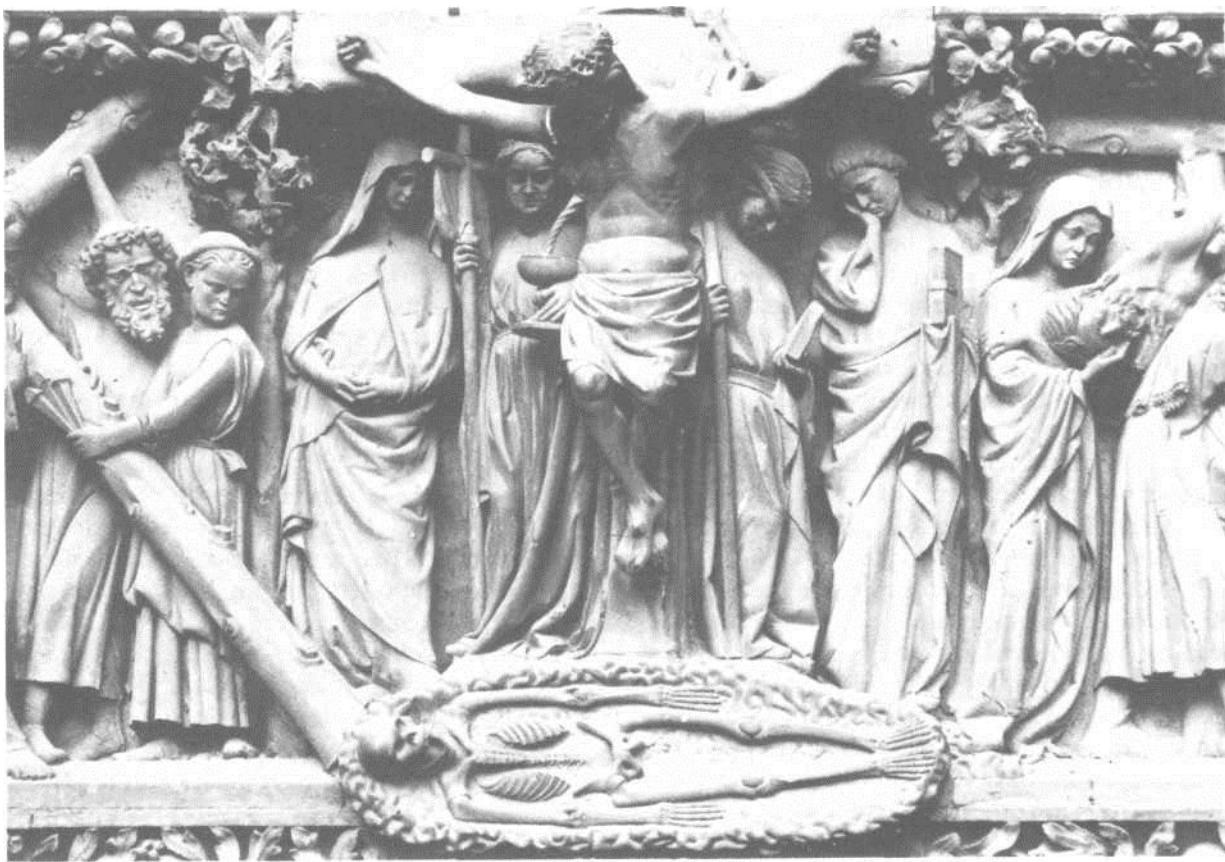
Lembro-me especialmente do caso de um professor que teve de repente uma visão e julgou ter enlouquecido. Veio ver-me em estado de pânico. Apanhei da estante um livro de 400 anos e mostrei-lhe uma velha xilogravura que retratava exatamente a visão que tivera. "Não há razão alguma para que se creia louco", disse-lhe. "Sua visão já era conhecida há 400 anos." Depois disso sentou-se, abatido, numa cadeira, mas já no seu estado normal.

Um caso muito importante foi o de um psiquiatra que veio procurar-me. Trouxe-me um pequeno caderno manuscrito que recebera da sua filha de 10 anos como presente de Natal. Continha uma série de sonhos que ela tivera aos oito anos de idade. Foi a série de sonhos mais fantástica que já vi e pude bem entender por que deixaram o pai tão intrigado. Apesar de infantis, os desenhos tinham algo de sobrenatural e a origem de suas imagens era absolutamente incompreensível para o meu cliente. Seguem abaixo os motivos principais da série de sonhos:

1. A "fera malvada", um monstro com forma de serpente e muitos chifres, mata e devora todos os outros animais. Deus, no entanto, açoide vindo de quatro cantos (sendo na realidade quatro deuses separados) e ressuscita todos os animais mortos.

2. Uma ascensão aos céus onde se celebram





danças pagãs; e uma descida ao inferno, onde os anjos estão praticando boas ações.

3. Uma horda de pequenos animais amedronta a menina que sonha. Os animais crescem assustadoramente e um deles devora a menina.

4. Um pequeno camundongo é invadido por vermes, serpentes, peixes e seres humanos. E, assim, torna-se humano. Este sonho representa as quatro etapas da origem da humanidade.

5. Uma gota d'água aparece como se observada ao microscópio. A menina vê que a gota está cheia de galhos de árvore. O sonho representa a origem do mundo.

6. Um menino mau tem nas mãos um torrão de terra e joga pequenos fragmentos em todos os que passam. Deste modo, todos os transeuntes também se tornam maus.

7. Uma mulher bêbada cai na água e sai regenerada e sóbria.

8. A cena passa-se na América, onde muitas pessoas rolam sobre um formigueiro, atacadas pelas formigas. A menina, em pânico, cai dentro de um rio.

9. Um deserto da lua, em cujo solo a menina penetra tão profundamente que chega ao inferno.

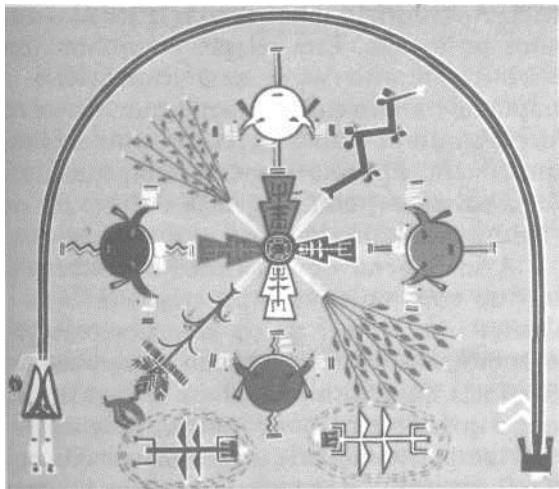
10. Neste sonho, a menina tem a visão de uma bola luminosa e a toca. Saem vapores desta bola. Chega um homem que a mata.

11. A menininha sonha que está gravemente doente.

12. Enxames de mosquitos escurecem o sol, a lua e todas as estrelas, com exceção de uma. Esta estrela cai em cima da menina.

No texto alemão original cada sonho começa com as tradicionais palavras dos velhos contos de fada: "Era uma vez..." Com isso, a menininha sugere que cada sonho é uma espécie de conto de fadas, que ela quer contar ao pai como presente de Natal. O pai tentou encontrar explicação para os sonhos em termos do seu contexto. Mas não conseguiu, pois não parecia haver neles qualquer associação pessoal.

A possibilidade de que estes sonhos fossem produtos de uma elaboração consciente só poderia, é claro, ser afastada por alguém que co-



Algumas referências semelhantes aos motivos arquetípicos do primeiro sonho da menina (pág. 70): á esquerda, na Catedral de Strasburgo, Cristo crucificado sobre o túmulo de Adão — simbolizando o tema da reencarnação (Cristo é considerado o segundo Adão). Acima, numa pintura navajo em areia, as cabeças com chifres representam os quatro cantos do mundo. Na cerimônia da coroação, na Inglaterra, o monarca (á direita, a Rainha Elizabeth II em 1953) é apresentado ao povo diante das quatro portas da Abadia de Westminster.

necessse suficientemente a criança para ter certeza da sua sinceridade (mesmo sendo imaginários, no entanto, continuariam a desafiar a nossa compreensão). Neste caso, o pai estava convencido da autenticidade dos sonhos, e não tenho razões para duvidar disto. Conheci a menina antes da época em que deu os sonhos ao pai, por isso não lhe pude fazer perguntas a respeito. Ela vivia no estrangeiro e morreu de uma doença infecciosa um ano depois desse Natal.

Estes sonhos da menina apresentavam um caráter decididamente singular. As idéias dominantes são de natureza marcadamente filosófica. O primeiro sonho, por exemplo, fala de um monstro mau que mata todos os outros animais, mas Deus os ressuscita a todos por meio de um *Apokatastasis*, ou restituição.

No mundo ocidental esta é uma idéia conhecida graças à tradição cristã. Pode ser encontrada nos Atos dos Apóstolos III, 21: "[Cristo] , a quem o céu deve conter até os tempos da restituição de todas as coisas..." Os primitivos



padres gregos da Igreja (como Orígenes, por exemplo) insistiam especialmente que, no final dos tempos, tudo seria restituído ao seu estado perfeito e original pelo Redentor. Mas, de acordo com São Mateus XVII, 11, havia uma velha tradição judaica de que Elias "em verdade virá primeiro, e restaurará todas as coisas". Encontramos a mesma idéia na I Epístola aos Coríntios (XV, 22): "Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo."

Pode-se supor que a criança terá encontrado este pensamento na sua educação religiosa. Mas tinha uma cultura religiosa muito pequena. Seus pais eram protestantes, mas na verdade conheciam a Bíblia "de ouvir falar". E muito pouco provável, também, que a imagem recondita da *Apokatastasis* tenha sido explicada à menina. E, certamente, seu pai nunca ouvira falar deste mito.

Nove dos doze sonhos estavam influenciados pelo tema de destruição e restauração. E nenhum deles revela qualquer traço de uma educação ou de uma influência especificamente

cristã. Ao contrário, estão mais relacionados com mitos primitivos. Esta relação se confirma em um outro motivo — o *mito cosmogônico* (a criação do mundo e do homem), que aparece no quarto e quinto sonhos. A mesma conexão é encontrada na Epístola aos Coríntios, que citei. Nesta passagem, também Adão e Cristo (morte e ressurreição) estão ligados.

A idéia geral de um Cristo Redentor pertence ao tema universal e pré-cristão do herói e salvador que, apesar de ter sido devorado por um monstro, reaparece de modo milagroso, vencendo seja qual for o animal que o engoliu. De onde e quando este motivo surgiu, ninguém sabe. E tampouco sabemos de que maneira conduzir a investigação deste assunto. A única certeza aparente é que este motivo parece ter sido conhecido tradicionalmente em cada geração, que por sua vez o recebeu de gerações precedentes. Assim, podemos supor, sem risco de erro, que a sua "origem" vem de um período em que o homem ainda não sabia que possuía o mito do herói; numa época em que nem mesmo refletia, de maneira consciente, naquilo que dizia. A fi-



Acima, o deus-herói Raven (dos índios Haida, da costa do Pacífico) no ventre de uma baleia — correspondendo ao motivo do "monstro devorador" do primeiro sonho da menina (pág. 70).

O segundo sonho da menina, a respeito dos anjos e demônios no céu, parece representar a idéia da relatividade da moral. O mesmo conceito está expresso no duplo aspecto do anjo decaído que é, a um tempo, Satanás, o demônio, e (à direita) Lúcifer, o resplandecente portador da luz. Estes caracteres opostos podem também ser observados à extrema direita no desenho de Blake, onde Deus aparece a Jó, num sonho, com os cascos fendidos do demônio.



gura do herói é um arquétipo, que existe há tempos imemoriais.

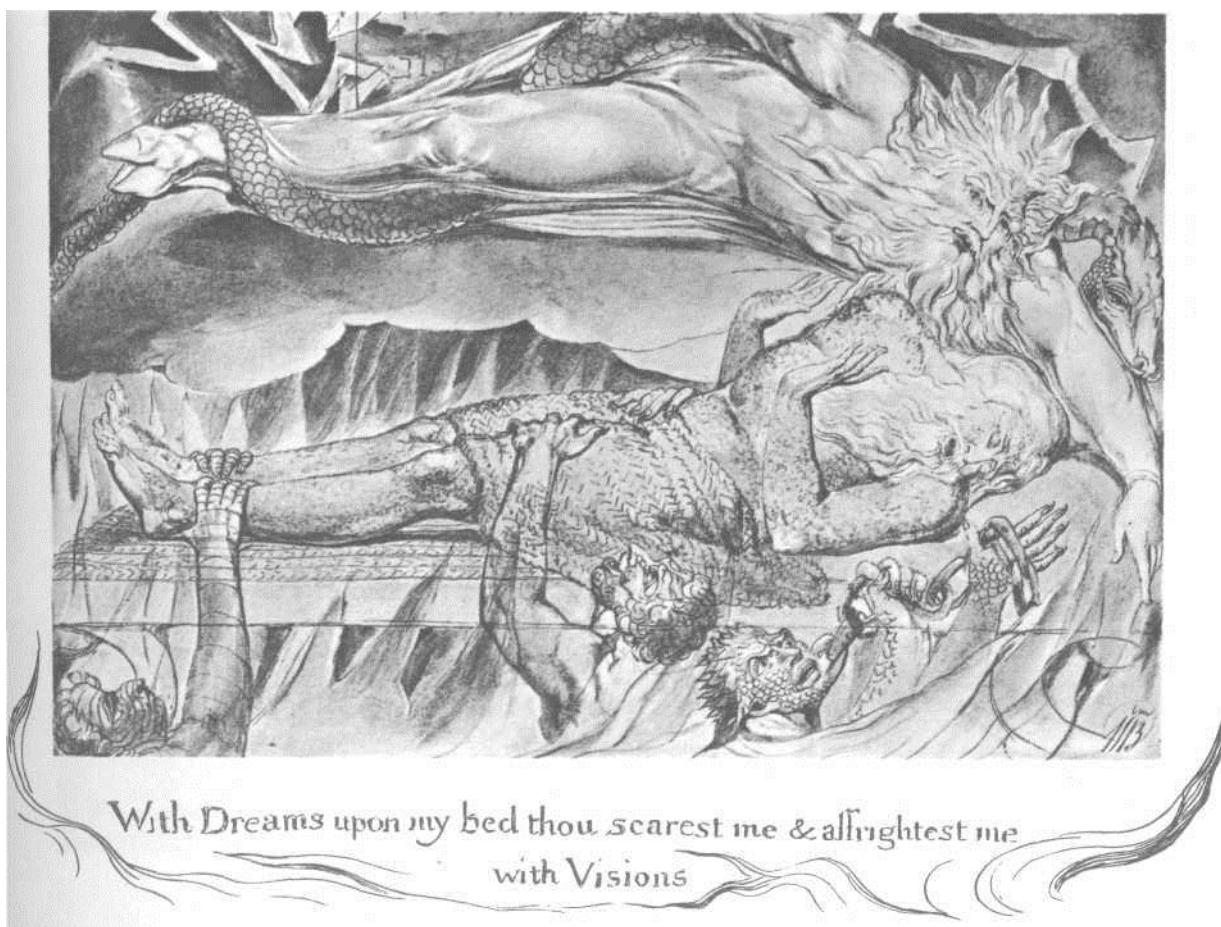
A produção de arquétipos por crianças é especialmente importante porque, algumas vezes, podemos ter certeza de que a criança não terá tido nenhum acesso direto à tradição em jogo. Neste último caso, por exemplo, a família da menina possuía um conhecimento muito superficial das tradições cristãs.

Os temas cristãos podem, naturalmente, ser representados através de idéias de anjos, de Deus, de céu, do inferno e do mal. Mas a maneira por que foram tratados por esta criança não indica, absolutamente, uma origem cristã.

Observemos o primeiro sonho de um Deus que, na verdade, é constituído por quatro deuses, que vêm de "quatro cantos". Cantos de que lugar? Não há nenhum aposento mencionado no sonho. Nem mesmo caberia a imagem de um quarto naquele acontecimento evidentemente cósmico, em que o próprio Ser Supremo intervinha. A própria idéia de uma "quaternidade" (o elemento "quatro") é estranha, apesar de ocupar um lugar de relevo em muitas

religiões e filosofias. Na religião cristã este elemento foi substituído pela trindade, noção que a criança provavelmente conhecia. Mas quem, de uma família comum da classe média, teria ouvido falar em uma quaternidade divina? Já foi uma imagem bastante familiar entre os estudantes da filosofia do Hermetismo, na Idade Média, mas no início do século XVIII já estava esgotada como idéia e há bem uns 200 anos tornou-se obsoleta. Então, onde a terá ido buscar a menininha? Na visão de Ezequiel? Mas nenhum ensinamento cristão identifica o serafim com Deus.

Pode-se fazer a mesma pergunta a respeito da serpente de chifres. Na Bíblia, é certo, existem muitos animais com cornos, como no Apocalipse. Mas todos parecem ser quadrúpedes, apesar de terem como senhor um dragão, cujo nome grego (*drakori*) também significa serpente. A serpente de chifres aparece na alquimia latina do século XVI como a *quadricornutus serpens* (a serpente de quatro cornos), símbolo de Mercúrio e adversária da trindade cristã. Mas esta é uma referência bastante vaga. Tanto quanto



consegui descobrir, ela só foi mencionada por um único autor. E a esta criança teria sido impossível qualquer conhecimento do assunto.

No segundo sonho, aparece um motivo que, decididamente, não é cristão e contém uma verdadeira inversão de valores — por exemplo, danças pagãs executadas pelos homens no céu e boas ações praticadas por anjos no inferno. Este símbolo sugere uma relatividade de valores morais. Onde teria a criança buscado noções tão revolucionárias, dignas da genialidade de um Nietzsche?

Estas perguntas levam-nos a outra: qual o significado compensador destes sonhos, a que a menina obviamente atribuía tanta importância a ponto de oferecê-los ao pai como presente de Natal?

Se a pessoa que os sonhou fosse o feiticeiro de alguma tribo primitiva, podia-se supor que representassem variações sobre os temas filosóficos da morte, da ressurreição ou restituição, da origem do mundo, da criação do homem e da relatividade dos valores. Mas interpretados num nível pessoal tinha-se que desistir de analisá-los devido à sua invencível dificuldade. Contêm, sem dúvida, "imagens coletivas", e são, de certo modo, análogos às doutrinas de iniciação ministradas aos rapazes nas tribos primitivas. Nesta época, ensinam-lhes o

que Deus, ou os deuses, ou os animais "fundadores" fizeram, como o mundo e os homens foram criados, como ocorrerá o fim do mundo e qual o significado da morte. Existe alguma circunstância, na nossa civilização, em que se preste este tipo de ensinamento? Sim; na adolescência. Mas muitas pessoas só chegam a memorar estas coisas na velhice, ao sentirem a aproximação da morte.

Ora, acontece que a menina encontrava-se, a um tempo, nestas duas situações. Aproximava-se da puberdade e, ao mesmo tempo, do fim de sua vida. Quase nada no simbolismo dos seus sonhos indicava o início de uma vida adulta normal, mas existiam inúmeras alusões a destruições e a reconstituições. Quando pela primeira vez tomei conhecimento dos seus sonhos tive, na verdade, a sensação perturbadora de que sugeriam um desastre iminente. A razão para isto estava na natureza tão peculiar da compensação que percebi no seu simbolismo. Era o oposto do que se poderia encontrar na consciência de uma menina daquela idade.

Estes sonhos revelam-nos um aspecto novo e bastante aterrador da vida e da morte. Podia-se esperar este tipo de imagem em uma pessoa envelhecida, de olhos voltados para o passado, e não numa criança que normalmente olha à sua frente. A sua atmosfera lembra muito mais o



Os sonhos da menina (à pág. 70) contêm símbolos da criação, da morte e do renascimento, lembrando os ensinamentos ministrados aos adolescentes nos ritos primitivos de iniciação. À esquerda, o final de uma cerimônia navajo: uma menina, tendo-se feito mulher, vai ao deserto meditar.

velho ditado romano, segundo o qual "a vida é um curto sonho", do que a alegria e a exuberância da idade primaveril. Para esta criança, a vida era o *ver sacram vovendum* (o voto de sacrifício vernal) de que fala o poeta. A experiência nos mostra que a aproximação impresentida da morte lança um *adumbratio* (sombra antecipadora) sobre a vida e os sonhos da vítima. Mesmo o altar das igrejas cristãs representa, de um lado, o sepulcro e, de outro, a ressurreição — isto é, a transformação da morte em vida eterna.

Foram estas as idéias que os sonhos trouxeram à criança. Eram uma preparação para a morte, expressa através de pequenas histórias, como os contos narrados nas cerimônias primitivas de iniciação ou os *Koans*, do Zen-budismo. Foi uma mensagem em nada parecida com a doutrina ortodoxa cristã, e sim com o pensamento da gente primitiva. Deve ter-se originado fora da tradição histórica, em fontes psíquicas há muito esquecidas e que, desde os tempos pré-históricos, têm alimentado a especulação religiosa e filosófica a respeito da vida e da morte.

Foi como se acontecimentos ainda por vir projetassem de volta a sua sombra, despertando na criança certas formas de pensamento que, apesar de habitualmente adormecidas, descrevem ou acompanham a aproximação de um des-

fecho fatal. Apesar de sua maneira específica de expressão ter características mais ou menos pessoais, o seu esquema geral é coletivo. Estas formas de pensamento são encontradas em todas as épocas e em todos os lugares e, exatamente como os instintos animais, variam muito de uma espécie para outra, apesar de servirem aos mesmos propósitos gerais. Não acreditamos que cada animal recém-nascido crie seus próprios instintos como uma aquisição individual, e tampouco podemos supor que cada ser humano invente, a cada novo nascimento, um comportamento específico. Como os instintos, os esquemas de pensamentos coletivos da mente humana também são inatos e herdados. E agem, quando necessário, mais ou menos da mesma forma em todos nós.

Manifestações emocionais, a que pertencem estes esquemas de pensamento, são reconhecidamente as mesmas em toda parte. Podemos identificá-las até nos animais que, por sua vez, as identificam entre eles, mesmo quando pertencem a espécies diferentes. E os insetos, com suas complicadas funções simbióticas? A maioria deles nem conhece os pais e não tem ninguém para ensinar-lhes nada. Então por que supor que seria o homem o único ser vivo privado de instintos específicos, ou que a sua psique desconheça qualquer vestígio da sua evolução?



Symbolismos da morte e do renascimento também aparecem nos sonhos finais, quando a aproximação da morte lança a sua sombra sobre o presente. Ao lado, um dos últimos quadros de Goya: a estranha criatura, aparentemente um cão, que emerge da escuridão pode ser interpretada como uma premonição que o artista teve de sua morte. Em muitas mitologias, os cães aparecem como guias para o país dos mortos.

Naturalmente, se identificarmos a psique com a consciência, poderemos formar a idéia falsa de que o homem vem ao mundo com uma psique vazia e que, anos depois, ela irá conter, apenas, o que aprendeu na sua experiência individual. Mas acontece que a psique é mais do que a consciência. Apesar de a consciência dos animais ser muito limitada, inúmeros dos seus impulsos e reações demonstram a existência de uma psique; e povos primitivos praticam uma série de atos cuja significação ignoram totalmente.

Podemos perguntar, em vão, a muita gente civilizada sobre o significado da árvore de Natal ou do ovo de Páscoa. A verdade é que fazemos inúmeras coisas sem saber por quê. Inclino-me a pensar que, geralmente, as coisas eram *feitas* em primeiro lugar, e só depois de muito tempo é que alguém indagava *por quê*. O psicólogo encontra, com freqüência, pacientes de grande inteligência que se comportam de maneira singular e imprevisível, não guardando a menor idéia do que dizem ou fazem. De repente, entram numa crise de humor irracional e despropositado, que não conseguem explicar.

Estas reações e impulsos parecem ser, aparentemente, de natureza pessoal muito íntima, e nós os consideramos apenas uma forma de comportamento idiossincrásico. Na verdade, fundamenta-se num sistema instintivo pré-formado e sempre ativo, característico do homem. Formas de pensamento, gestos de compreensão universal e inúmeras atitudes seguem um esquema estabelecido muito antes de o homem ter desenvolvido uma consciência reflexiva.

E mesmo possível que as longínquas ori-

gens da capacidade de reflexão do homem vêm das dolorosas consequências de choques emocionais violentos. Tomemos, à guisa de simples ilustração, o caso de um homem rústico que, num momento de raiva e desapontamento por não ter conseguido pescar um só peixe, estrangula o seu único filho, e então, enquanto se gura nos braços o pequeno cadáver, enche-se de remorsos. Este homem vai lembrar-se deste momento de dor o resto de sua vida.

Não podemos saber se este tipo de experiência foi, efetivamente, motivo inicial do desenvolvimento da consciência humana. Mas não resta dúvida de que um choque de natureza emocional é muitas vezes necessário para que as pessoas acordem e se dêem conta da maneira que estão agindo. Há o caso famoso de um fidalgo espanhol do século XIII, Raimon Lull, que conseguiu marcar (depois de uma verdadeira "caçada") um encontro secreto com a dama a quem admirava. Na ocasião do encontro, ela abriu silenciosamente o vestido e mostrou-lhe o seio, roído pelo câncer. O choque mudou por completo a vida de Lull; tornou-se um teólogo eminente e um dos mais importantes missionários da Igreja. Num destes casos de mudança drástica de comportamento pode-se, inúmeras vezes, provar que um arquétipo trabalhava já há muito tempo no inconsciente, arranjando habilmente as circunstâncias que levaram a este tipo de crise.

Estas experiências parecem revelar que as estruturas arquetípicas não são apenas formas estáticas, mas fatores dinâmicos que se manifestam por meio de impulsos, tão espontâneos quanto os instintos. Certos sonhos, visões ou

Alguns sonhos parecem predizer o futuro (talvez devido a um conhecimento inconsciente das possibilidades que estão por vir) e é por isso que foram, durante muito tempo, utilizados como vaticínios. Na Grécia, os doentes pediam a Esculápio, o deus da medicina, um sonho para indicar-lhes a cura. À esquerda, um alto-relevo representando esta terapêutica do sonho: uma serpente (símbolo do deus) morde o ombro doente de um homem e o deus (à esquerda) o cura. À direita (num quadro italiano, aproximadamente de 1460), Constantino sonha, antes de uma batalha que deveria fazê-lo imperador de Roma. Sonhava com a cruz, símbolo de Cristo, quando uma voz lhe disse: "Sob este signo vencerás." Tomou aquele sinal como emblema, ganhando a batalha e convertendo-se, assim, ao cristianismo.



